

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)
CURSO DE JORNALISMO

GIOVANNA CALDEIRA TEDESCHI

MEGHAN MARKLE E O CASAMENTO REAL: ANÁLISE DO ACONTECIMENTO NA
COBERTURA DA *FOLHA DE S. PAULO*

UBERLÂNDIA

2019

GIOVANNA CALDEIRA TEDESCHI

MEGHAN MARKLE E O CASAMENTO REAL: ANÁLISE DO ACONTECIMENTO NA
COBERTURA DA *FOLHA DE S. PAULO*

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Maximiano
Pereira

UBERLÂNDIA

2019

GIOVANNA CALDEIRA TEDESCHI

MEGHAN MARKLE E O CASAMENTO REAL: ANÁLISE DO ACONTECIMENTO NA
COBERTURA DA *FOLHA DE S. PAULO*

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Reinaldo Maximiano Pereira
(Orientador – FAGED/ UFU)

Profa. Dra. Ana Cristina Menegotto Spannenberg
(Examinadora – FAGED/UFU)

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne
(Examinador – FAGED/UFU)

Uberlândia, 10 de dezembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiro, aos meus pais, Loris e Mariângela, que me apoiaram nos estudos do primeiro ano na escola ao momento em que decidi me mudar para uma cidade a 600 km de casa para fazer o curso dos meus sonhos. Obrigada por sempre estarem ali para me apoiar, seja em momentos de choro, de reclamar da faculdade ou nas viagens mensais para matar as saudades. Sou grata também à minha avó, Lairce, e ao meu irmão, Luigi. Amo todos vocês.

Agradeço também ao meu namorado, Estevão. Em quase dois anos juntos, entre brigas, muito carinho e dezenas de viagens UDI-SP, você me ensinou muito mais do que imagina. Obrigada por aguentar os surtos, crises de ansiedade e por tentar me manter sã nessa montanha-russa que foram os últimos anos. Sua presença virou minha vida de cabeça para baixo, mas de um jeito lindo. Te amo muito.

Também imprescindíveis nestes quatro anos foram meus amigos ou, como gosto de chamar, minha família em Minas. Elô, Dave e Gabi: obrigada por serem ombros para chorar quando necessários, pelos brigadeiros, sorvetes e filmes juntinhos. Minha vida teria sido bem mais triste sem vocês. Também agradeço às minhas roomies favoritas, Mari e Cami: obrigada pelos bolos de cenoura, pipocas estouradas, papos intermináveis e cafezinhos no fim da tarde. Vou sentir muita falta de morar com vocês.

Não posso deixar de fora as triplamente nomeadas: Dirco, iFood e, agora, Chicharrones Friends: Elaíny, Josi, Ana e Malu. Nós sabíamos que um dia cada uma ia para um lado, mas tenho certeza que nunca vou esquecer esse vínculo doido que temos, nem a ajuda que vocês me deram na construção dessa monografia. Um dia ainda vamos voltar a nos reunir para rolês na Crush.

Carol, Igor, Bruna e Alanna, do Diário: não esperava começar amizades tão incríveis nos meus últimos seis meses aqui, mas vocês superaram todas as expectativas. Obrigada pelo aprendizado, pelo dia a dia incrível e pelos rolês melhores ainda.

Agradeço também ao pessoal da Dirco por me receber tão bem e por tanto aprendizado durante os dez meses que estive por aí. Também não dá para esquecer da galera da TV Universitária, que me ensinou tanta coisa mesmo em pouco tempo. Obrigada!

Por fim, e nunca menos importante, agradeço ao meu orientador, Reinaldo. Obrigada por bagunçar minha cabeça semanalmente com ideias novas, pelas horas de conversa na sua sala e por aquela tarde infinita de análises na biblioteca. Sou grata também pela paciência e por tudo que me ensinou. Esta monografia nunca ia se desenvolver tanto se não fosse por você. Obrigada também a todos os professores do JornaUFU, que me ensinaram tanto nessa jornada.

TEDESCHI, Giovanna Caldeira. **Meghan Markle e o casamento real: análise do acontecimento na cobertura da Folha de S. Paulo**. 2019. 104 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa consiste em uma análise discursiva da cobertura do casamento real do príncipe Harry e de Meghan Markle, que ocorreu em 19 de maio de 2018, no jornal impresso *Folha de S. Paulo*. A escolha por esse tema se deve às características de Meghan, que é birracial, americana, plebeia segundo a perspectiva da família real, divorciada e mais velha que o príncipe. Estes aspectos a tornam diferente da maior parte dos membros dos nobres britânicos e geram singularidades na maneira como ela é retratada na imprensa, sugerindo que não pertence àquele ambiente. Também fazem com que Meghan se destaque na cobertura de modo que uma noiva branca, nobre e britânica não se destacaria. Por isso, pergunta-se: considerando o casamento real britânico, e a partir da análise das notícias do jornal *Folha de S. Paulo*, qual seria o acontecimento midiático: o casamento real em si ou a noiva, Meghan Markle? Para responder a questão, foi realizada a revisão bibliográfica dos conceitos de acontecimento, celebridade, interseccionalidade, colorismo e mestiçagem. A metodologia de análise foi a Análise de Discurso (AD) de linha francesa, de acordo com a teoria do linguista Dominique Maingueneau, para analisar a redação das notícias e relacioná-las com elementos como imagens e infográficos. Por meio da análise, se observou que, no início da cobertura, Meghan aparece como sujeito passivo, alvo da ação de Harry, que se casa com ela. Depois, a *Folha* introduz a mestiçagem da duquesa e ela passa a ser caracterizada como feminista e realizadora de mudanças na instituição antiga que é a família real por causa de suas características pouco comuns. Especialmente na última notícia analisada, o elemento mestiço está em destaque, já que a *Folha* coloca lado a lado características da noiva e do noivo e demonstra a mistura que ocorreu na cerimônia. Durante toda a cobertura, também está presente a depreciação da família real, que é retratada como entidade antiga e ultrapassada. Por fim, foi efetuada uma relação dos conceitos com os resultados da análise. Conclui-se que, apesar de Meghan ter se sobressaído em relação ao casamento, não é possível determinar com certeza o acontecimento, já que ambos estão imbricados.

Palavras-chave: Realeza britânica. Meghan Markle. Acontecimento. Folha de S. Paulo. Jornal impresso.

TEDESCHI, Giovanna Caldeira. **Meghan Markle and the royal wedding: analysis of the happening in Folha de S. Paulo's coverage**. 2019. 104 p. Undergraduate thesis – Journalism Course, Federal University of Uberlândia, Uberlândia, 2019.

ABSTRACT

This research consists of a discursive analysis of the coverage of the royal wedding of Prince Harry and Meghan Markle, which took place on May 19, 2018, in the newspaper *Folha de S. Paulo*. The choice for this theme is due to the characteristics of Meghan, who is biracial, american, a commoner from the perspective of the royal family, divorced and older than the prince. These aspects make her different from most members of the British nobles and create singularities in the way she is portrayed in the press, suggesting that she does not belong in that environment. They also make Meghan stand out in a way that a white, noble, british bride would not. Therefore, we ask: considering the british royal wedding, and from the analysis of the news in *Folha de S. Paulo*, what would be the happening: the royal wedding itself or the bride, Meghan Markle? To answer the question, a bibliographic review of the concepts of happening, celebrity, intersectionality, colorism and crossbreeding was performed. The analysis methodology was the french Discourse Analysis (AD) (according to the theory of the linguist Dominique Maingueneau) to analyze the news's writing and relate it to elements such as images and infographics. Through the analysis, it was observed that, at the beginning of the coverage, Meghan appears as a passive subject, target of Harry's action, who marries her. Afterwards, *Folha* introduces the duchess's crossbreeding and she is characterized as a feminist and a changemaker in the royal family because of her unusual characteristics. Especially in the last news analyzed, the crossbreed element is highlighted, as *Folha* puts side by side the characteristics of the bride and groom and demonstrates the mixture that occurred at the ceremony. Throughout the coverage, a depreciation of the royal family also appears and royalty is portrayed as an old and outdated entity. Then, a relationship between the concepts and the results of the analysis was performed. It is concluded that although Meghan was highlighted in the wedding, it is not possible to determine the happening with certainty, since both are intertwined.

Keywords: British royalty. Meghan Markle. Happening. *Folha de S. Paulo*. Newspaper.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Contagem referente à Meghan Markle (Notícia 1).....	44
Quadro 2 -	Interpretação referente à Meghan Markle (Notícia 1).....	44
Quadro 3 -	Interpretação referente a outras construções (Notícia 1).....	45
Quadro 4 -	Contagem referente à Meghan Markle (Notícia 2).....	49
Quadro 5 -	Interpretação referente à Meghan Markle (Notícia 2).....	49
Quadro 6 -	Interpretação referente a outras construções (Notícia 2).....	50
Quadro 7 -	Contagem referente à Meghan Markle (Notícia 3).....	53
Quadro 8 -	Interpretação referente à Meghan Markle (Notícia 3).....	53
Quadro 9 -	Interpretação referente a outras construções (Notícia 3).....	53
Quadro 10 -	Contagem referente à Meghan Markle (Notícia 4).....	57
Quadro 11 -	Interpretação referente à Meghan Markle (Notícia 4)	57
Quadro 12 -	Interpretação referente a outras construções (Notícia 4)	58
Quadro 13 -	Contagem referente à Meghan Markle (Notícia 5).....	60
Quadro 14 -	Interpretação referente à Meghan Markle (Notícia 5).....	61
Quadro 15 -	Interpretação referente a outras construções (Notícia 5).....	61
Quadro 16 -	Contagem referente à Meghan Markle (Notícia 6).....	63
Quadro 17 -	Interpretação referente à Meghan Markle (Notícia 6).....	64
Quadro 18	Interpretação referente a outras construções (Notícia 6).....	64
Quadro 19 -	Contagem referente à Meghan Markle (Notícia 7).....	69
Quadro 20 -	Interpretação referente à Meghan Markle (Notícia 7).....	69
Quadro 21 -	Interpretação referente a outras construções (Notícia 7).....	70
Quadro 22 -	Contagem referente à Meghan Markle (Notícia 8).....	74
Quadro 23 -	Interpretação referente à Meghan Markle (Notícia 8).....	75
Quadro 24 -	Interpretação referente a outras construções (Notícia 8).....	75
Quadro 25 -	Contagem referente à Meghan Markle (Notícia 9).....	79
Quadro 26 -	Interpretação referente à Meghan Markle (Notícia 9).....	79
Quadro 27 -	Interpretação referente a outras construções (Notícia 9)	80
Quadro 28 -	Contagem total referente à Meghan Markle.....	81

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FAMÍLIA REAL BRITÂNICA	13
2.1 História	14
2.1.1 <i>Charles, príncipe de Gales</i>	15
2.1.2 <i>Diana, princesa de Gales</i>	16
2.1.2.1 A união com Charles	17
2.1.3 <i>William, duque de Cambridge</i>	17
2.1.4 <i>Kate, duquesa de Cambridge</i>	18
2.1.4.1 A união com William	18
2.1.5 <i>Harry, duque de Sussex</i>	19
2.1.5.1 Polêmicas	20
2.1.6 <i>Meghan, duquesa de Sussex</i>	21
2.1.6.1 Feminista e ativista pelos direitos humanos	22
2.1.6.2 A união com Harry	23
2.1.7 <i>Archie</i>	24
3 MEGHAN MARKLE E O ACONTECIMENTO	26
4 METODOLOGIA	34
4.1 Análise do discurso	34
4.2 Instrumentais de análise	38
5 ANÁLISE	41
5.1 Notícia 1	41
5.2 Notícia 2	46
5.3 Notícia 3	51
5.4 Notícia 4	54
5.5 Notícia 5	58
5.6 Notícia 6	61
5.7 Notícia 7	64
5.8 Notícia 8	71
5.9 Notícia 9	76
5.10 A questão norteadora	81
6 CONSIDERAÇÕES E PERSPECTIVAS	85

REFERÊNCIAS.....	88
ANEXO A – NOTÍCIA 1.....	94
ANEXO B – NOTÍCIA 2.....	95
ANEXO C – NOTÍCIA 3.....	96
ANEXO D – NOTÍCIA 4.....	97
ANEXO E – NOTÍCIA 5.....	98
ANEXO F – NOTÍCIA 6 (1ª PARTE).....	99
ANEXO G – NOTÍCIA 6 (2ª PARTE).....	100
ANEXO H – NOTÍCIA 7	101
ANEXO I – NOTÍCIA 8.....	102
ANEXO J – NOTÍCIA 9 (1ª PARTE)	103
ANEXO K – NOTÍCIA 9 (2ª PARTE).....	104

1 INTRODUÇÃO

Em 19 de maio de 2018, o príncipe Harry casou-se com Meghan Markle. Ele é o sexto na linha de sucessão da coroa britânica, e ela, plebeia na perspectiva da família real e atriz norte-americana famosa pela série de TV *Suits*, em que interpretava uma advogada. A atual duquesa é também a primeira pessoa birracial e a segunda estadunidense a entrar na família real da Inglaterra, além de três anos mais velha que o príncipe e divorciada de outro homem. O casamento teve extensa cobertura midiática, considerando tanto veículos internacionais, quanto brasileiros.

A família real, como celebridade, é inspiradora não apenas de notícias, mas de obras ficcionais, como a série *The Crown*, que foi, inclusive, o que me motivou a fazer uma monografia sobre o tema. Em artigo publicado pela *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)*, analisei duas capas da revista *Veja* que noticiavam o casamento de Charles e Diana e o de Meghan e Harry, respectivamente (TEDESCHI, 2019). Entre as conclusões, encontrei a visão de conto de fadas bastante forte em ambos os casamentos. A *Veja* romantiza o casamento real, assim como a *Folha*, como observaremos especialmente na Notícia 9.

O casamento pode ser encarado como um acontecimento, já que ocorre por meio de um encadeamento de atos e é como uma teia: evoca diferentes assuntos à tona quando em ação. A entrada de Meghan também se torna um acontecimento porque é um realce do campo problemático: é uma novidade e modifica a maneira pela qual a família real é vista, principalmente considerando as interseccionalidades da duquesa. Por isso, muda a maneira como o casamento é noticiado.

Diante do exposto, pergunta-se: considerando o casamento real britânico, e a partir da análise das notícias do jornal *Folha de S. Paulo*, qual seria o acontecimento midiático: o casamento real em si ou a noiva, Meghan Markle?

A partir disso, decidi analisar o casamento real mais recente e escolhi a *Folha de S. Paulo* por ser o de maior circulação total (considerando digital e impressa) entre os jornais brasileiros, de acordo com pesquisa de 2019 do Instituto Verificador de Comunicação (IVC Brasil)¹. Além disso, de acordo com a busca que fizemos, a *Folha* é o único jornal, considerando similares como *O Globo* e *Estado de S. Paulo*, que teve correspondentes internacionais envolvidos nesta cobertura.

¹ O Globo ficou em segundo lugar e o Estado de S. Paulo, em terceiro. (COM CRESCIMENTO..., 2019)

O acesso facilitado ao acervo do jornal, on-line e gratuito, também contribuiu à seleção. Outros veículos, como os já citados, permitem o acesso deste tipo de material apenas aos assinantes. Seria necessário pagar uma taxa, o que não foi possível no momento da construção da pesquisa.

Cito, ainda, a historicidade dos jornais impressos, principalmente no que se relaciona à família real britânica. O jornal impresso foi o primeiro formato de alta circulação a noticiar esta instituição (a partir da criação da prensa de Gutenberg²), então traz um histórico que nenhum outro veículo tem, já tendo uma forma de tratamento instituída para assuntos da nobreza. Ou seja: há, de certa forma, algo histórico nas notícias, o que torna ainda mais relevante analisar o formato impresso, já que é onde surgiu a imprensa que noticia a família real. Perceberemos que a *Folha*, de certo modo, puxa para si a visão da imprensa britânica, como observamos nas Notícias 1, 3 e 7.

Cito também minha inquietação em relação a este formato. Além de, no momento da elaboração da monografia, estar trabalhando em um jornal impresso, sempre tive interesse pela área e por suas consequências na sociedade, já que se trata de um formato extremamente antigo e tradicional. A *Folha*, por exemplo, existe desde 1921 e é o jornal mais vendido do país entre os diários nacionais de interesse geral, de acordo com a própria empresa (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

Por fim, mencionamos o lugar significativo em que o impresso se encontra. Após o surgimento do on-line, este formato ficou tensionado. Apesar de este não ser o foco da pesquisa, poderemos observar o comportamento do formato, ainda que não o analisemos.

A ideia desta pesquisa é entender se as diferenças na identidade de Meghan fizeram com que sua entrada na família real fosse mais noticiada do que o evento de seu casamento. Para isso, utilizo os conceitos de acontecimento, de celebridade, de colorismo, de mestiçagem e de interseccionalidade, interligando-os para compreender a relevância de alguém como Meghan Markle na família real, principalmente considerando as diferenças de suas características em relação a outros membros que entraram nessa família, além da Análise do Discurso francesa (AD).

Justifico a relevância desta monografia sob a perspectiva de que Meghan Markle é birracial (filha de mãe negra e pai branco), divorciada e plebeia sob a concepção da família real,

² Segundo Briggs e Burke (2006, p. 24-26), “O ano de 1450 é a data aproximada para a invenção, na Europa, provavelmente por Johann Gutenberg de Mainz, de uma prensa gráfica — talvez inspirado pelas prensas de vinhos de sua região natal, banhada pelo rio Reno — que usava tipos móveis de metal. [...] O surgimento de jornais no século XVII aumentou a ansiedade sobre os efeitos da nova tecnologia.”

diferentemente de outras noivas da realeza, brancas, solteiras e, não raro, nobres. Isso pode abrir um questionamento de como as mulheres da realeza são representadas na mídia, dependendo de sua etnia, estado civil e posição social. Além disso, a questão do colorismo, muito atual, tem papel central nesta pesquisa. Há necessidade de falar sobre o assunto para divulgá-lo e talvez contribuir para a discussão sobre o racismo na sociedade.

O trabalho pode contribuir para uma compreensão dos conceitos citados anteriormente pensando em como alguém que tem várias interseccionalidades é recebido em uma instituição tão antiga e, muitas vezes, antiquada. Além disso, de como esta entrada é retratada em um veículo brasileiro. É possível discutir se a participação desse novo sujeito é mais relevante para a mídia do que um evento que não ocorre com muita frequência e, quando ocorre, tem um destaque muito grande (um acontecimento).

A partir desta monografia podem surgir também novos trabalhos acadêmicos que busquem entender a imbricação entre os conceitos de acontecimento e interseccionalidade. Os matrimônios reais acontecem cada vez mais com pessoas plebeias pela visão da realeza e trazem diversas questões e temas, como é o caso de Meghan Markle. Assim, pode ser possível descobrir novas discussões no jornalismo e na comunicação em geral, questionando, também, como a cobertura intensa de eventos da realeza afeta a população.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como o acontecimento se constrói no discurso jornalístico. Os objetivos específicos são os seguintes: avaliar a hipótese de Meghan Markle ter se destacado mais do que o casamento real; debater o casamento real britânico enquanto acontecimento midiático; identificar se o acontecimento midiático retratado pelo jornal *Folha de S. Paulo* é o casamento ou a noiva e analisá-lo; e evidenciar como a família real britânica aparece na mídia.

No segundo capítulo, apresentamos o histórico da família real britânica, primeiro de forma geral, depois de forma mais específica, dissertando sobre personagens importantes para a pesquisa.

No terceiro capítulo, há a revisão bibliográfica. Discorremos sobre visões de diferentes autores e perspectivas para os conceitos de acontecimento, celebridade, interseccionalidade e colorismo. Estes conceitos foram escolhidos justamente a partir do que Meghan evoca em sua entrada na família real. O colorismo surgiu apenas após a análise do material, quando percebemos a maneira pela qual Meghan é tratada por ter a pele mais clara.

No quarto capítulo, discorremos sobre o corpus escolhido e os instrumentais de análise, especificando a maneira que a realizamos. Discutimos também a Análise de Discurso. Utilizamos a linha do linguista Dominique Maingueneau (2008). Primeiro, colhemos os textos

no site da *Folha*, depois selecionamos as partes mais relevantes para o trabalho, em seguida distribuimos os dados em quadros e, por fim, elaboramos o texto da análise com base nesses quadros.

No quinto capítulo, há a análise. Escolhemos montar três quadros para cada notícia e analisamos a redação das matérias, além da relação com elementos como fotos, infográficos e mapas. Também há um item específico para considerações sobre a questão norteadora e explicações sobre novos conceitos, como a mestiçagem, que aparecem na análise.

Por fim, apresentamos considerações sobre o trabalho realizado, conclusões possíveis e perspectivas futuras para continuidade da pesquisa. Percebemos que é quase possível concluir que Meghan é o acontecimento, já que ela e o casamento estão extremamente imbricados. Ainda assim, a sua entrada na família parece mais salientada do que o evento do casamento.

2 FAMÍLIA REAL BRITÂNICA

Segundo Montesquieu (1996, p. 19), há três tipos de governo: o monárquico, o republicano e o despótico. O regime monárquico é o que será tratado nesta monografia, por isso vamos defini-lo de forma mais profunda.

O governo republicano é aquele no qual todo o povo, ou pelo menos uma parte dele, detém o poder supremo; o monárquico é aquele em que governa uma só pessoa, de acordo com leis fixas e estabelecidas; no governo despótico, um só arrasta tudo e a todos com sua vontade e caprichos, sem leis ou freios.

Ainda de acordo com o filósofo, a monarquia é composta por poderes intermediários, subordinados e dependentes. Assim, uma pessoa só é fonte todo o poder político e civil, mas acaba sendo controlada também por outras entidades, numa espécie de moderação.

Estas leis fundamentais supõem necessariamente a existência de canais médios por onde flui o poder: pois, se existe num estado apenas a vontade momentânea e caprichosa de um só, nada pode ser fixo e, conseqüentemente, nenhuma lei pode ser fundamental. O poder intermediário subordinado mais natural é o da nobreza. De alguma maneira ele entra na essência da monarquia, cuja máxima fundamental é: sem monarca, não há nobreza; sem nobreza, não há monarca; mas tem-se um déspota. (MONTESQUIEU, 1996, p. 26).

Já o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa define a palavra monarquia como o “regime político no qual o chefe do Estado é um rei ou um imperador, em geral hereditário (por oposição à república).” (MONARQUIA, 2019). O título de rei é o mais alto de um reino. Quem o detém, costuma ter grande poder e influência, juntamente com a família que faz parte.

A realeza sempre foi fonte de atenção e notícias. No Reino Unido, a família real existe há milhares de anos. Ao contrário de diversos outros países, os britânicos decidiram por manter o trono, mesmo após a instituição de um parlamento.

Por meio de Cannadine (1984), é possível observar alguns motivos para a permanência de uma entidade tão antiga como a monarquia. Na obra, o pesquisador refuta a opinião de outros autores, que acreditam em uma extinção desse regime político. Ele afirma que a população, apesar de ter se tornado mais esclarecida, não perdeu o gosto pela magia da realeza.

Mesmo que o texto de um ritual repetido, como o de uma coroação, não sofra alterações com o tempo, seu ‘significado’ pode alterar-se profundamente, dependendo da natureza do contexto. [...] num período de mudança, conflito ou crise, o ritual pode permanecer deliberadamente inalterado, de maneira a dar a impressão de continuidade, comunidade e segurança, embora existam indícios contextuais do contrário. Sob certas circunstâncias, uma coroação poderia ser encarada pelos participantes e contemporâneos como uma reafirmação simbólica de grandeza nacional. Mas num contexto diverso, a mesma cerimônia poderia indicar um desejo coletivo de reviver as glórias do passado. (CANNADINE, 1984, p. 115).

2.1 História

Para esta pesquisa, utilizaremos como fonte principal para tratar da família real britânica o seu site oficial, Royal.uk, mas outras fontes podem ser citadas, se necessário. Parte da informação virá de veículos de comunicação porque os fatos estudados são bastante recentes, sendo difícil encontrar bibliografia. O uso da mídia como fonte também será relevante para observarmos, desde já, como a família real é retratada na imprensa, apesar de não analisarmos a cobertura neste capítulo. A Casa de Windsor está atualmente no poder, por isso será o foco do texto.

Segundo o Royal.uk (2019), uma dinastia ou casa real é um conjunto de reis e rainhas da mesma família. Ela costuma mudar com pouca frequência justamente porque o chefe de estado é alterado por hereditariedade, geralmente de pai para filho ou para o parente mais próximo. A Casa de Windsor detém o poder no Reino Unido desde 1917, com o rei George V. O monarca mudou o nome da dinastia porque o anterior tinha ascendência alemã, o que trazia más impressões por causa da Segunda Guerra Mundial. Com isso, George se tornou o primeiro rei da casa.

A atual monarca da Inglaterra, Elizabeth II, é neta de George V. Ela se tornou rainha em 1952, quando seu pai, George VI, morreu. Ela é a monarca mais longeva na história da realeza britânica, com 93 anos de idade. Como a descrição do Royal.uk (2019) é bastante concisa e positiva o tempo todo, justo por se tratar de uma assessoria de imprensa, optamos por também utilizar como fonte o site Britroyals.com, que tem outros dados sobre toda a família real.

O reinado da rainha Elizabeth II desde 1952 atravessou um período de mudanças rápidas e ocasionalmente turbulentas. A posição da Grã-Bretanha no mundo, sua economia e a própria forma e estruturas da sociedade foram todas transformadas e muitas instituições tradicionais sofreram no processo. Através de tudo isso, o caminho da Coroa foi marcado pela própria Rainha, em uma exposição prolongada de inabalável devoção ao Dever e silencioso pragmatismo que encontrou uma necessidade nacionalmente sentida, e conquistou-lhe o respeito e afeição de seus povos. Como chefe de Estado hereditário para a Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, e Chefe da Comunidade das Nações [Commonwealth], ela tem funções e deveres simbólicos e formais, mas não tem poderes diretos. Ela é uma personificação da identidade nacional e continuidade e, com sua família, realiza inúmeras formalidades para marcar eventos na vida de indivíduos e comunidades e fornece patrocínio valioso para inúmeras instituições de caridade. (QUEEN..., 2019 - tradução nossa).³

³ “The reign of Queen Elizabeth II since 1952 has spanned a period of rapid and occasionally turbulent change. Britain’s position in the world, her economy, and the very shape and structures of society have all been transformed

Elizabeth se casou em 1947 com o príncipe Philip, atual duque de Edimburgo. Dessa união, nasceram quatro filhos: Andrew, Anne, Charles e Edward. Charles, o príncipe de Gales, é o primogênito e, até hoje, o herdeiro do trono.

Mas, apesar de ainda não ter se tornado rei, sua posição na linha de sucessão gerou grande atenção da mídia. Ele também é o pai de um dos atores mais importantes desta pesquisa. Neste trecho vamos descrever personagens mais relevantes para contextualizar a relação de Harry e Meghan.

2.1.1 Charles, príncipe de Gales

Segundo o Royal.uk (2019), o filho mais velho de Elizabeth e Philip nasceu no Palácio de Buckingham em 14 de novembro de 1948 e tinha quatro anos quando sua mãe foi coroada. Seu nome completo é Charles Philip Arthur George.

Em 1956, começou na escola Hill House e em 1958 foi para o internato Cheam School. Depois disso, esteve em outro internato, o Gordonstoun, e fez um intercâmbio na Austrália, em 1966. Em 1967, foi para o Trinity College, na Universidade de Cambridge, onde estudou Arqueologia, Antropologia e História.

Em 1º de julho de 1969, a rainha Elizabeth nomeou Charles como príncipe de Gales no Castelo de Caernarfon, País de Gales. De 1971 a 1976 serviu na Marinha Real Britânica, seguindo os passos de seu pai, avós e bisavós.

Mas de toda a história de Charles, grande parte de destaque na mídia veio do casamento com Diana, que ocorreu em 29 de julho de 1981 e resultou em um divórcio em 1992. Contextualizaremos essa relação no item 2.1.2.1.

Em 9 de abril de 2005, Charles se casou no civil com Camilla Parker Bowles, com quem está até os dias de hoje. Ela se tornou a duquesa de Cornwall. Há boatos de que os dois se conheceram nos anos 1970, mas ela se cansou de esperar por um pedido de casamento. A família real proibia a união porque Camilla era plebeia sob a concepção da realeza, segundo Drehmer (2018).

and many traditional institutions have suffered in the process. Through all this, the path of the Crown has been marked out by The Queen herself, in a prolonged display of unwavering devotion to Duty and quiet pragmatism which has met a nationally-felt need, and has won her the respect and affection of her peoples. As hereditary head of State for Great Britain and Northern Ireland, and Head of the Commonwealth, she has symbolic and formal functions and duties but no direct powers. She is an embodiment of national identity and continuity and, with her family, performs countless formalities to mark events in the lives of individuals and communities and provides valuable patronage for innumerable charities.”

Camilla estudou nas melhores escolas do Reino Unido, da Suíça e da França. Sempre foi educadíssima, conhecedora de todos os protocolos do bom comportamento e frequentadora dos meios mais refinados. Mas, mesmo sendo de uma família muito rica, era plebeia. Conheceu Charles em um jogo de pólo no começo dos anos 1970 e, segundo amigos do casal, a paixão foi imediata. Namoraram por um ano, mas ela terminou com ele quando soube que não receberia um pedido de casamento. O que se diz – e nunca foi negado – é que Charles queria que ela fosse sua esposa, mas a rainha Elizabeth II vetou o casamento por Camilla não ser de origem nobre. (DREHMER, 2018).

2.1.2 Diana, princesa de Gales

Diana Frances Spencer nasceu em 1º de julho de 1961 em Norfolk, leste da Inglaterra, filha de nobres. Com a morte do avô da futura princesa, em 1975, seu pai se tornou conde e ela recebeu o título de Lady, segundo o Royal.uk (2019).

No que se trata de educação, ela primeiro frequentou uma escola preparatória e em 1975 foi para o internato West Heath, no sudeste da Inglaterra.

Na escola, ela mostrou um talento especial para a música (era uma pianista talentosa), dança e ciência doméstica [o estudo de cozinha, costura e outras habilidades de trabalho em casa], e ganhou o prêmio da escola de menina que deu o máximo de ajuda para a escola e seus colegas de escola. (DIANA..., 2019a - tradução nossa)⁴.

Em 1977, ela se mudou para a Suíça para terminar o ensino básico e em 1978 foi morar em um flat em Londres. Trabalhou, então, como babá e depois como professora de jardim de infância.

A princesa se tornou conhecida pelo envolvimento com causas humanitárias. De acordo com o Royal.uk (2019), ela fez participações em mais de 100 organizações de caridade. Ela também divulgava questões relacionadas a pessoas com deficiência, crianças, sem teto e portadores de HIV. Além disso, falava com a mídia sobre depressão e bulimia, doenças que enfrentou.

Diana morreu em 31 de agosto de 1997 em um acidente de carro cercado por controvérsias. Segundo o site Britroyals (2019), fotógrafos perseguiram o veículo e teriam causado a batida dentro de um túnel. O jornal *O Globo* publicou uma matéria sobre o assunto, em 2017.

Teorias da conspiração rondam a morte de Diana, vitimada por um acidente de carro em Paris com o então namorado, Dodi al-Fayed. Casos judiciais já se arrastaram tentando provar uma possível sabotagem. Houve quem dissesse, na

⁴ “At school she showed a particular talent for music (as an accomplished pianist), dancing and domestic science, and gained the school's award for the girl giving maximum help to the school and her schoolfellows.”

família Fayed, que ela estaria grávida dele e a família real queria impedir tudo. Nada foi provado. (DIANA..., 2017).

Diana sempre chamou a atenção da mídia, tanto por ser nobre, quanto por amizades que mantinha com celebridades, como os cantores Elton John e Luciano Pavarotti e os estilistas Catherine Walker e Gianni Versace. Ela foi também um ícone da moda e uma personagem que modernizou a monarquia britânica, de acordo com *O Globo*.

2.1.2.1 A união com Charles

Segundo o Royal.uk (2019), as famílias de Diana e Charles já se conheciam há muitos anos. Eles se reencontraram quando ele foi passar um fim de semana no condado do pai dela, em 1977.

Ela começou a namorar Charles em 1980 e seu noivado foi anunciado em fevereiro de 1981. Eles se casaram em 29 de julho de 1981 na catedral de St Paul's, assistidos por 600.000 pessoas nas ruas de Londres e milhões na televisão em todo o mundo. Ela se tornou Diana, princesa de Gales. (DIANA..., 2019a - tradução nossa)⁵.

Do casamento com Charles, nasceram dois filhos: William, o primogênito e herdeiro, e Harry. Mas além do conto de fadas, o casamento real que atraiu milhões de espectadores foi também envolvido em diversas polêmicas. Em matéria do jornal *O Globo*, publicada no aniversário de 20 anos da morte de Diana, o autor afirma que Charles ainda tinha sentimentos por Camilla Parker Bowles quando se casou.

Diana praticamente nunca escondeu que a relação dela com Charles era fria e 'sem amor'. Ele manteve um caso com a ex-namorada e futura segunda mulher, Camilla — sobre o qual Diana sabia: 'Éramos três', disse ela em uma entrevista. Separados em 1992, divorciaram-se quatro anos depois após uma série de brigas abertas. (DIANA..., 2017).

Ainda segundo a matéria, Diana manteve relações com James Hewitt, agente de segurança da família, e Barry Mannakee, um guarda-costas, enquanto ainda era casada.

2.1.3 William, duque de Cambridge

⁵ "She started seeing Charles from 1980 and their engagement was announced in February 1981. They married on 29 July 1981 in St Paul's Cathedral watched by 600,000 people on the streets of London and millions on television worldwide. She became Diana, Princess of Wales."

De acordo com o Royal.uk (2019), William Arthur Philip Louis nasceu em 21 de julho de 1982 em Londres, na Inglaterra. Ele é o primeiro filho de Diana e Charles e segundo na linha de sucessão ao trono.

William estudou até 1995 na Ludgrove School, sudeste da Inglaterra. Depois foi para o Eton College, um internato para garotos, onde ficou até terminar o ensino básico. Então, tirou um ano sabático, quando trabalhou como voluntário no Chile e na África. Em 2001, começou a frequentar a St. Andrews University, na Escócia, onde se graduou em Geografia e conheceu a atual esposa, Catherine Middleton. Formou-se em 2005.

Depois da faculdade, foi para a Real Academia Militar de Sandhurst, o centro de treinamento inicial dos militares britânicos. William decidiu por trabalhar na força aérea e se tornou capitão. Também treinou para se tornar piloto do helicóptero de transporte aeromédico entre 2015 e 2017.

2.1.4 Kate, duquesa de Cambridge

De acordo com o Royal.uk (2019), Catherine Elizabeth Middleton nasceu na cidade de Reading, na Inglaterra, em 9 de janeiro de 1982. Filha de plebeus, morou por dois anos e meio na Jordânia, onde seu pai trabalhou. Depois disso, a família voltou à Inglaterra.

Em setembro de 1986, Kate entrou na St. Andrew's School, onde ficou até 1995. Depois disso, foi para o Marlborough College, onde permaneceu até terminar a escola. Então, tirou um ano sabático, quando viajou para a Itália e o Chile. Em 2001, entrou na St. Andrews University, e, em 2005, formou-se em História da Arte. Foi nessa época que ela conheceu William.

2.1.4.1 A união com William

A partir do momento em que Kate e William começaram a ser vistos juntos, ela passou a ser objeto de grande curiosidade da mídia. Foi inclusive apelidada de “Waity Kate” ou “Kate à espera”, em tradução livre, pela suposta demora do príncipe em pedir sua mão em casamento. Ela foi perseguida pela imprensa em diversos momentos do relacionamento, como relata matéria de 2010 publicada pelo portal G1.

Em 2005, quando completava três anos de namoro com William, seu advogado reclamou das constantes perseguições da imprensa, o que retomou o triste fim da princesa Diana, falecida em 1997 em Paris em um acidente de carro quando era perseguida por fotógrafos. [...] Em meados de 2007, após Kate completar 25 anos, os tabloides especularam sobre um suposto noivado do casal, o que motivou uma queixa oficial da jovem e da Família Real contra

os jornalistas. Em abril de 2007, o jornal ‘The Sun’ anunciou a separação do casal após um relacionamento desgastado pela pressão da imprensa, além de publicar rumores sobre o relacionamento do príncipe com outra moça. (MORA, 2010).

William e Kate se casaram em 29 de abril de 2011 na Abadia de Westminster, em Londres. Foi nesse dia que a rainha Elizabeth os nomeou duque e duquesa de Cambridge. Da união, nasceram três filhos: príncipe George, princesa Charlotte e príncipe Louis. A família vive atualmente no Palácio de Kensington, em Londres.

2.1.5 *Harry, duque de Sussex*

Henry Charles Albert David nasceu em 15 de setembro de 1984 na cidade de Londres, segundo o Royal.uk (2019). Conhecido como Harry, ele é o filho mais novo de Diana e Charles e o sexto na linha de sucessão ao trono.

Seguindo os passos do irmão, começou a frequentar o Eton College em setembro de 1998. Envolvido com esportes, jogou rugby, críquete e polo representando a escola. Se formou em 2003 já com ambições de entrar no exército, mas decidiu passar um ano sabático viajando para países como Austrália e Argentina. Também foi para Lesoto, na África, onde fez um documentário sobre a situação dos órfãos no país.

Em 2005 começou sua carreira militar como cadete na Real Academia Militar de Sandhurst. Depois, serviu na Força Aérea Britânica por dez anos. Participou de duas operações no Afeganistão e foi promovido para tenente da Household Cavalry.

De acordo com o Royal.uk (2019), em 2015 a família real informou que o duque deixaria as forças armadas já com o posto de capitão.

Ao deixar o serviço operacional em junho de 2015, o duque de Sussex disse: 'As experiências que tive nos últimos 10 anos permanecerão comigo pelo resto da minha vida. Por isso, sempre serei muito grato. (THE DUKE..., 2019 - tradução nossa).⁶

Hoje em dia, Harry trabalha com diversas organizações de caridade, principalmente as que dão suporte a veteranos das forças armadas. Ele é um dos apoiadores do Invictus Games, um evento esportivo para pessoas machucadas e doentes que serviram ou ainda servem no exército.

⁶ “As he left operational service in June 2015, The Duke of Sussex said: 'The experiences I have had over the last 10 years will stay with me for the rest of my life. For that I will always be hugely grateful'.”

2.1.5.1 Polêmicas

Harry já se envolveu em diversas polêmicas durante os anos: um prato cheio para a mídia. Em 2005, aos 17 anos, ele afirmou que já bebia e fumava maconha, como mostra matéria do jornal *O Globo*. “Com a confissão, seu pai, o príncipe Charles o mandou para um centro de reabilitação. Ele passou um dia na instituição.” (CINCO..., 2019).

Já de acordo com matéria do jornal *The Guardian*, em 2004 o duque se envolveu em uma briga com um paparazzi. A confusão aconteceu do lado de fora de uma boate, em Londres.

Hoje, a turbulenta relação entre a imprensa e a família real voltou aos holofotes quando o príncipe Harry foi atingido no rosto durante uma briga com paparazzi do lado de fora de uma boate de Londres nas primeiras horas desta manhã. O príncipe de 20 anos, que foi fotografado na cidade com crescente regularidade no ano passado, estava deixando a boate Pangea no West End quando um grupo de fotógrafos tentou tirar fotos dele. Um porta-voz da Clarence House disse que o príncipe estava se defendendo quando o incidente, que deixou um fotógrafo com o lábio cortado, ocorreu por volta das 3h da manhã. (GIBSON, 2004 - tradução nossa)⁷.

Em 2005, o príncipe apareceu usando uma suástica no braço em uma festa à fantasia. De acordo com matéria da BBC do mesmo ano, ele chegou a pedir desculpas pela escolha, mas foi criticado pela comunidade judaica.

A foto do príncipe com a tarja nazista na capa do jornal *The Sun* gerou polêmica na Grã-Bretanha mesmo antes de chegar às bancas. ‘Harry, o nazista’, diz a edição desta quinta-feira do jornal, que vende cerca de 3 milhões exemplares no país. ‘O Príncipe Harry se desculpou por qualquer ofensa ou constrangimento que ele possa ter causado. Ele reconhece que foi uma escolha infeliz de fantasia’, afirma uma nota divulgada pela Clarence House, residência oficial do príncipe Charles, pai de Harry. (PRÍNCIPE..., 2005).

Em 2009, Harry novamente gerou polêmica. Vídeos em que ele faz comentários racistas sobre um soldado foram vazados para a imprensa. As imagens foram publicadas, na época, pelo jornal britânico *News Of The World*, que não existe mais. No vídeo, ainda disponível no YouTube⁸, ele se refere ao colega como “paqui” e “raghead”, termos ofensivos aos paquistaneses. Na época, ele pediu desculpas publicamente.

⁷ “The turbulent relationship between the press and the royal family was today thrown back into the spotlight when Prince Harry was hit in the face during a scuffle with paparazzi outside a London nightclub in the early hours of this morning. The 20-year-old prince, who has been photographed out on the town with increasing regularity over the past year, was leaving the Pangea nightclub in the West End when a group of photographers attempted to take pictures of him. A Clarence House spokesman said the prince was defending himself when the incident, which left a photographer with a cut lip, took place at around 3am this morning.”

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1FmcbZoEvZl>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

E em 2012, o duque apareceu nu em uma festa em Las Vegas, nos Estados Unidos. O tabloide The Sun foi o primeiro jornal britânico a publicar fotos do momento, mesmo sob advertências da família real.

Milhões de pessoas já viram as fotos do Príncipe em sites respeitáveis em todo o mundo. As fotos nuas foram tiradas em uma festa em Las Vegas no início desta semana. Mas ontem o Palácio de St. James enviou cartas legais a jornais britânicos insistindo para que os editores não as usassem, dizendo que a publicação constituiria intrusão na privacidade do príncipe. Criou-se uma situação estranha, em que as fotos estavam disponíveis gratuitamente em sites de notícias da Internet, mas em nenhum jornal do Reino Unido. (THE SUN..., 2012, tradução nossa)⁹.

2.1.6 Meghan, duquesa de Sussex

Neste trecho da monografia será necessário utilizar mais fontes além do site Royal.uk. A duquesa teve vida e carreira não tão explicitadas na biografia do site oficial. Por isso, traremos referências como o site Internet Movie Database (IMDb), uma base de dados on-line sobre filmes, séries, música e celebridades que existe desde 1990 e pertence à gigante Amazon desde 1998. (WHAT, 2019). Tal decisão se justifica pela posição de Meghan no showbiz.

Rachel Meghan Markle nasceu em 4 de agosto de 1981 na cidade de Los Angeles, na Califórnia, Estados Unidos. Filha de uma assistente social e instrutora de ioga e de um diretor de TV aposentado, esteve no mundo do showbiz desde muito nova, segundo o IMDb. Os dois se separaram quando ela tinha 6 anos. Birracial, sua mãe é negra e o pai branco.

Meghan foi educada em instituições particulares, como a Hollywood Little Red Schoolhouse e a Immaculate Heart High School, uma escola católica só para garotas. No ensino superior, frequentou a Northwestern University em Evanston, em Illinois. Segundo o Royal.uk (2019), graduou-se duplamente em Teatro e Relações Internacionais em 2003. Estagiou na embaixada dos Estados Unidos em Buenos Aires, na Argentina, onde aprendeu a falar espanhol. Meghan também estudou francês por seis anos.

Depois da faculdade, começou a carreira como atriz. De acordo com o IMDb, seu primeiro trabalho foi num papel como enfermeira na novela General Hospital, que está no ar desde 1963. Também fez participações em séries como Century City (2004), The War at Home (2006) e CSI: NY (2006) e atuou em filmes como O Pior Trabalho do Mundo (2010) e Quero

⁹ “Millions of people have already viewed the pictures of the Prince on reputable websites around the world. The nude snaps were taken at a Las Vegas party earlier this week. But yesterday St James’s Palace sent legal letters to British newspapers urging editors not to use them, saying publication would constitute intrusion into the Prince’s privacy. It created a strange situation where the pictures were freely available on internet news sites but in no UK newspaper.”.

Matar Meu Chefe (2011). De acordo com o IMDb, ela teve dificuldade para conseguir trabalhos por ser birracial.

Em 2015, ela escreveu: 'ser 'eticamente ambígua', como me consideravam na indústria, significava que eu poderia fazer um teste para praticamente qualquer papel. Infelizmente, isso não importava: eu não era negra o suficiente para os papéis negros e eu não era branca o suficiente para os brancos, deixando-me em algum lugar no meio como a camaleoa étnica que não conseguia um papel'. (MEGHAN..., 2019, tradução nossa)¹⁰.

Em julho de 2011, ela entrou para o elenco da série *Suits*, no papel que seria o de maior destaque da sua carreira. Meghan interpretou uma advogada, filha de um pai negro, também advogado. Segundo crítica mencionada pelo IMDb,

Markle habilmente e ativamente reposicionou sua personagem de ingênua para consciente moralmente e deu aos espectadores o retrato único de uma filha, cujo pai afro-americano está em posição de ajudar sua carreira e avançar seu forte desejo de quebrar vários 'tetos de vidro' raciais e de gênero. (MEGHAN..., 2019 - tradução nossa)¹¹.

A duquesa também foi editora-chefe do site *The Tig*¹², fundado por ela em 2014 e existente até 2017. As publicações tinham como tema igualdade de gênero, gastronomia, moda e viagens. Além disso, ela tinha sucesso nas redes sociais: no Instagram, por exemplo, chegou a 1,9 milhão de seguidores, segundo o IMDb. Em janeiro de 2018, a família real publicou um comunicado em nome de Meghan agradecendo aos seguidores e informando que as contas seriam apagadas.

2.1.6.1 Feminista e ativista pelos direitos humanos

De acordo com o Royal.uk (2019), desde muito nova, a duquesa tinha consciência de problemas sociais e participava de trabalho voluntário. Dos 14 aos 17 anos foi voluntária de uma cozinha que servia sopa aos sem-teto em Los Angeles.

Em 2014, ela começou a atuar como conselheira da One Young World, organização que reúne jovens líderes de todo o mundo para desenvolver soluções para problemas sociais.

¹⁰ "In 2015, she wrote: "Being 'ethnically ambiguous', as I was pegged in the industry, meant I could audition for virtually any role. Sadly, it didn't matter: I wasn't black enough for the black roles and I wasn't white enough for the white ones, leaving me somewhere in the middle as the ethnic chameleon who couldn't book a job."

¹¹ "Markle deftly and actively repositioned her character from ingenue to moral conscience and gave viewers the unique portrayal of a daughter, whose African American father is in a position to help her career and advance her strong desire to break several racial and gender 'glass ceilings'."

¹² Disponível em: <http://thetig.com/>. Acesso em: 8 de set. 2019.

Em 2015, Meghan se tornou a Defensora das Mulheres em Participação Política e Liderança da Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres).

Em fala em uma conferência da ONU Mulheres¹³, também em 2015, Meghan contou que, aos 11 anos, já defendia os direitos femininos. Ela disse ter visto um comercial de detergente na escola que dizia que “mulheres em toda a América estavam lutando contra panelas engorduradas”. Dois meninos da turma dela disseram que as mulheres deveriam ficar na cozinha.

Ao chegar em casa chateada, Meghan conversou com o pai, que a aconselhou a escrever cartas para a empresa e para mulheres poderosas, como a primeira-dama da época, Hillary Clinton, e a apresentadora Linda Ellerbee, da Nick News. Clinton chegou a responder a carta e a história apareceu no programa de Ellerbee. A empresa tirou o comercial do ar.

Segundo o Royal.uk (2019), em 2016 Meghan se tornou embaixadora da organização World Vision, que trabalha com causas humanitárias. Ela viajou para Ruanda, na África, em uma campanha por água limpa para ajudar as crianças do local a continuarem estudando. Em 2017, ela foi para a Índia para conscientizar as pessoas sobre a falta de acesso das meninas à educação.

Meghan se considera uma feminista. Em outubro de 2018, por exemplo, ela falou na comemoração dos 125 anos de direito ao voto feminino na Nova Zelândia.

‘As conquistas das mulheres na Nova Zelândia que fizeram campanha pelo direito de votar e foram as primeiras no mundo a consegui-lo são universalmente admiradas’, disse ela à multidão no Government House, em Wellington, diante de um retrato de sua nova avó, a rainha. (BARR, 2018, tradução nossa)¹⁴.

2.1.6.2 A união com Harry

Em 8 de novembro de 2016, um comunicado publicado pelo Palácio de Kensington, residência da família real, informou que Meghan e Harry estavam namorando há alguns meses. Mas o objetivo principal da nota foi criticar a cobertura do relacionamento, considerada racista e sexista. O comunicado ainda está disponível nas redes sociais.

A namorada dele [príncipe Harry], Meghan Markle, tem sofrido uma onda de abuso e assédio. Parte disso tem sido muito pública - o borrão na primeira

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TMoVen6_XuA. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

¹⁴ “‘The achievements of the women in New Zealand who campaigned for their right to vote, and were the first in the world to achieve it, are universally admired,’ she told the crowd at Government House in Wellington while standing in front of a portrait of her grandmother-in-law, the Queen.”

página de um jornal nacional; os tons raciais das peças de comentário; e o sexismo e o racismo diretos dos trolls das mídias sociais e dos comentários de artigos da web. Algumas delas foram escondidas do público - as batalhas legais noturnas para manter as histórias difamatórias fora dos papéis: sua mãe precisa lutar com os fotógrafos para chegar à porta da frente: as tentativas de repórteres e fotógrafos de obter acesso ilegal à casa dela e as chamadas à polícia que se seguiram; os subornos substanciais oferecidos pelos jornais ao ex-namorado; o bombardeio de quase todos os amigos, colegas de trabalho e pessoas amadas em sua vida. (KENSINGTON PALACE, 2016, tradução nossa)¹⁵.

Em 25 de setembro de 2017, o casal fez a primeira aparição pública oficial, conforme matéria do portal E! Online, na mesma data. Eles foram a um jogo de tênis do Invictus Games em Toronto, no Canadá.

Os dois caminhavam pelo local dos jogos de mãos dadas e curtiram juntos a partida de tênis entre Nova Zelândia e Austrália. Harry e Meghan confirmaram o namoro em novembro do ano passado e raramente eram vistos juntos. Fontes do E! News revelaram que o casal foi visto no sábado bastante sorridente, aos risos e falando sobre as partidas do campeonato. ‘Isso, claro, está bem sério e Harry e Meghan estão focados no futuro’, disse um informante. (BORGES, 2017).

Em 27 de novembro de 2017, Harry e Meghan anunciaram que estavam noivos. *A Folha de S. Paulo* publicou uma matéria sobre o assunto no dia seguinte. Essa foi a primeira vez que o casal apareceu no jornal impresso.

O príncipe Harry, neto da rainha Elizabeth 2^a, está noivo da atriz americana Meghan Markle, anunciou nesta segunda-feira (27) a monarquia britânica. O casamento deve ocorrer na primavera do Hemisfério Norte em 2018, entre março e junho. (PRÍNCIPE..., 2017).

O casamento aconteceu em 19 de maio de 2018 no Capela de St. George’s, em Windsor, na Inglaterra. De acordo com o Royal.uk (2019), foi neste dia que a rainha concedeu ao casal os títulos de Duque e Duquesa de Sussex. A transmissão ao vivo do casamento no canal da família real no YouTube registrou 11,2 milhões de visualizações.

2.1.7 Archie

¹⁵ “His girlfriend, Meghan Markle, has been subject to a wave of abuse and harassment. Some of this has been very public - the smear on the front page of a national newspaper; the racial undertones of comment pieces; and the outright sexism and racism of social media trolls and web article comments. Some of it has been hidden from the public - the nightly legal battles to keep defamatory stories out of papers: her mother having to struggle past photographers in order to get to her front door: the attempts of reporters and photographers to gain illegal entry to her home and the calls to police that followed; the substantial bribes offered by papers to her ex-boyfriend; the bombardment of nearly every friend, co-worker, and loved one in her life.”

Primogênito de Harry e Meghan, Archie Harrison nasceu em 6 de maio de 2019 no Portland Hospital em Londres. Sétimo na linha de sucessão ao trono, ele recebeu apenas o título de Master e não pode ser considerado um príncipe britânico porque Harry não é o filho mais velho de Charles.

3 MEGHAN MARKLE E O ACONTECIMENTO

Nesta monografia destacaremos quatro conceitos: acontecimento, celebridade, colorismo e interseccionalidade. O primeiro será o conceito principal e a partir dele nos concentraremos nos demais.

Simões (2011) discute o acontecimento. A autora cita Quéré (1997), que diz que o conceito se divide em duas formas: a radical e a moderada. Na primeira

[...] o acontecimento é um ‘puro artefato midiático’ [...]; ele é visto menos como uma ocorrência no mundo e mais como um esquema de representação da realidade construído pela mídia. (QUÉRÉ, 1997 apud SIMÕES, 2011, p. 130).

A forma moderada, segundo a autora, tem a ver com a constituição dos acontecimentos na construção da notícia, relacionando-se mais com empresas e linguagem jornalística. Simões (2011) explica que a brecha nessas formas é que elas consideram o acontecimento a partir da mídia, não a partir da ocorrência em si, na vida de sujeitos.

Quéré (2011) afirma que um acontecimento ocorre por meio de um encadeamento de atos, então seria relevante analisar também o que está ao redor daquela ação, o que ela evoca. O autor cita ainda a individualização dos acontecimentos.

Vou desde então poder submetê-la a uma investigação de tipo reflexivo, apoiando-me, para estruturar a minha exploração, por um lado, sobre o conhecimento que detenho do meu uso da linguagem natural, das propriedades que se aplicam a tudo o que faz parte da extensão deste conceito ou deste tipo, por outro lado, sobre os recursos conceptuais das semânticas naturais da acção e do acontecimento, que organizam por si mesmas um questionamento: por exemplo, tratando-se de acções, quem fez o quê, porquê, em que circunstâncias, com que fim, com ou contra quem, com que resultados e quais as consequências, etc.? E tratando-se de acontecimentos, o que é que se passou, em que contexto, com que causas e quais as consequências, e com que reacções? (QUÉRÉ, 2011, p. 16-17).

De acordo com o autor, um acontecimento seria como uma teia, que traz diferentes assuntos à tona quando em ação. Em seu texto, ele utiliza a morte do Rei Houssein da Jordânia como exemplo. Chama atenção não o falecimento em si, mas o que estava acontecendo no Oriente Médio naquele momento: a viabilidade do Estado jordano e o processo de paz israelo-palestino.

Vê-se bem aqui como um acontecimento singular pode revelar um campo problemático mais geral, iluminá-lo sob um novo olhar, realçar não somente riscos e perigos, que ele cria em parte, mas também ocasiões e oportunidades a colher e, assim, relançar o exame dos problemas, fazer emergir novas tarefas ou novas perspectivas para a acção pública. (QUÉRÉ, 2011, p. 28).

A ideia desta monografia é entender o que evocou mais atenção no casamento de Harry e Meghan: a cerimônia em si ou a noiva, tão diferente das demais mulheres da família real, o que levantou muitas questões sobre racismo e sobre a mulher negra dentro desse escopo. É exatamente o que o autor explica: um realce do campo problemático por causa de um novo acontecimento, nesse caso, a entrada de Meghan na família.

Outra definição de Quéré (1997) que aparece no texto de Simões (2011) é a do Agenda Setting. “O acontecimento é uma ocorrência saliente que retém a atenção pública: a da mídia, a do público ou a dos atores públicos.” (QUÉRÉ, 1997, p. 421 apud SIMÕES, 2011, p. 130).

A terceira abordagem discutida por Quéré (1997) e explicada por Simões (2011) é a do acontecimento como ritual. “Nessa perspectiva, o ritual é entendido como uma entidade atemporal, um dispositivo repetitivo e cerimonial que pode orientar a apreensão dos acontecimentos.” (SIMÕES, 2011, p. 130). Quéré (1997) afirma, segundo a autora, que não se pode entender um acontecimento a partir desta dimensão apenas, e ignorar aspectos temporais.

No artigo de Simões (2011), há também uma análise da figura do jogador Ronaldo Nazário de Lima no casamento com a modelo Daniella Cicarelli. Essa referência foi de grande utilidade na construção da presente monografia, uma vez que se trata exatamente de uma celebridade em um casamento de destaque, como é o caso da atual duquesa de Sussex, Meghan Markle.

Simões (2011) discute, também, o conceito de figura pública no artigo e explica o que a constitui. “Os posicionamentos assumidos pela figura pública, bem como as relações estabelecidas entre ela e outros atores sociais, atuam nesse permanente fazer-se da imagem pública.” (SIMÕES, 2011, p. 133). A autora afirma que a mídia ocupa um espaço importante na constituição dessa imagem porque gera um novo tipo de visibilidade. Os veículos trariam tanto oportunidades quanto riscos para estas figuras públicas, já que elas não têm controle do que é publicado.

Segundo Simões (2011), a mídia destaca certas características dos sujeitos para enfatizar normas e valores como amor, amizade, humildade e beleza, que podem afetar a maneira como quem recebe essas informações vê as figuras públicas. Este seria o motivo de as celebridades permanecerem em destaque na mídia: são sempre citadas, para o bem ou para o mal. “Ao tematizar esses valores na individualização desse acontecimento, a mídia atua na atualização do universo simbólico que constitui o contexto social.” (SIMÕES, 2011, p. 138).

Meghan e Harry são tratados de maneiras diferentes na mídia, justamente pelas distinções em suas origens, características pessoais e gênero (um é homem e a outra é mulher).

O mesmo acontece com Daniella e Ronaldo, afetados, inclusive, pelo machismo na sociedade, ressaltado por Simões (2011).

Se Daniella é vista como uma megera [...], que despertou antipatia desde o início do relacionamento [...], Ronaldo é caracterizado como um ídolo popular [...], ‘um supercraque, humilde, leal aos amigos e escolhido pelo destino para ser um ídolo universal, daqueles amados por príncipes de castelos e flagelados de tsunamis’ [...] Ídolo, no entanto, que, depois de se casar com a bela moça, teria se afastado dos ‘fiéis companheiros de longa data’. (SIMÕES, 2011, p. 136).

Tais diferenças de tratamento têm muita relação, no caso de Meghan, com o conceito de interseccionalidade. O termo foi criado pela jurista Kimberlé Crenshaw, mas a ideia já era citada por pesquisadoras como Angela Davis, no livro *Mulheres, Raça e Classe*, de 1981. A edição que utilizaremos é a de 2016.

Para Davis (2016), o movimento sufragista focou nas mulheres brancas, mesmo que tivessem que oprimir as negras para conseguirem o direito ao voto. A pesquisadora incluiu, em sua obra, a carta de uma mulher branca enviada ao New York Standard. No texto, a autora critica a suposta priorização do homem negro em relação à mulher branca

A linha de raciocínio oportunista e lamentavelmente racista da carta de Stanton ao Standard levanta sérias questões sobre a proposta de unir a causa das mulheres com a causa negra, apresentada no primeiro encontro realizado para debater os direitos das mulheres desde o início da Guerra Civil. As delegadas presentes à convenção, que aconteceu na cidade de Nova York, em maio de 1866, decidiram criar a Associação pela Igualdade de Direitos, incorporando as lutas pelos sufrágios das mulheres e da população negra em uma única campanha. Muitas dessas delegadas, sem dúvida, compreendiam a premente necessidade de união – o tipo de união que traria benefícios mútuos tanto para a causa da população negra quanto para a das mulheres. [...] Em um dos principais discursos à assembleia, o conhecido abolicionista Henry Ward Beecher afirmou que as reivindicações pelo sufrágio feitas pelas mulheres brancas nascidas nos Estados Unidos e instruídas eram muito mais convincentes do que as da população negra e dos imigrantes. [...] A declaração de Beecher revela o profundo vínculo ideológico entre racismo, viés de classe e supremacia masculina, uma vez que as mulheres brancas que ele enaltece são descritas na linguagem dos estereótipos sexistas dominantes. (DAVIS, 2016, p. 80).

De acordo com Davis (2016), nesta convenção, havia palestrantes que defendiam que o direito das mulheres ao voto era mais importante do que o dos negros, ao mesmo tempo em que havia pessoas dispostas a apoiar o sufrágio negro, mesmo que as mulheres não pudessem votar.

Por meio do texto, é possível já perceber as camadas e sobreposições que podem afetar o ativismo. Ou seja, nota-se que existe um vínculo entre o racismo, o sexismo e as condições sociais.

Crenshaw (2004) afirma que o conceito de interseccionalidade “pode servir de ponte entre diversas instituições e eventos e entre questões de gênero e de raça nos discursos acerca dos direitos humanos.” (CRENSHAW, 2004, p. 8). A ideia é incluir questões raciais no debate sobre gênero e vice-versa.

Segundo a autora, a interseccionalidade representa sobreposições.

Assim, tanto as questões de gênero como as raciais têm lidado com a diferença. O desafio é incorporar a questão de gênero à prática dos direitos humanos e a questão racial ao gênero. Isso significa que precisamos compreender que homens e mulheres podem experimentar situações de racismo de maneiras especificamente relacionadas ao seu gênero. (CRENSHAW, 2004, p. 9).

A autora explica que nem sempre se lida com grupos distintos de pessoas: eles costumam se sobrepor. No texto, há um exemplo: uma mulher pobre, de pele mais escura e sulista é geralmente a mais excluída dentro da sociedade.

No caso de Meghan Markle há também sobreposições: ela é birracial, divorciada, plebeia sob a perspectiva da família real, americana e mais velha que seu atual marido. Estas sobreposições não a fazem necessariamente uma minoria social, mas alguém que foge dos padrões existentes tanto dentro da família real, quanto de pensamentos mais conservadores da sociedade em geral. Meghan foi, inclusive, vítima de racismo quando anunciou seu relacionamento com Harry, que, apesar de não ser o sucessor direto do trono, é irmão do provável próximo rei. Ou seja, a duquesa está em uma posição importante, próxima ao trono. “O peso combinado das estruturas de raça e das estruturas de gênero marginaliza as mulheres que estão na base. Essa é a discriminação contra grupos específicos.” (CRENSHAW, 2004, p. 12).

Crenshaw (2004) explica também que há duas questões relacionadas à interseccionalidade: o preconceito e a falta de visibilidade das sobreposições nos movimentos políticos e nas políticas intervencionistas, já que gênero e raça, por exemplo, são vistos geralmente como movimentos exclusivos. Além disso, a interseccionalidade é, muitas vezes, invisível como acontecimento midiático. O caso de Meghan é, por isso, especial: visibiliza esse conceito.

Outro conceito que ronda a atual duquesa é o do colorismo, ou discriminação baseada na cor da pele. De acordo com Silva (2017), tal conceito tem relação com o racismo, isto é, quanto mais escura a pele, maior o preconceito sofrido.

Também denominada de pigmentocracia (quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão ela sofre), o colorismo destaca um tipo de discriminação que enfatizava os traços físicos do indivíduo, questões determinantes para revelar o valor que a ele seria dado em sociedade. Dessa

forma, aspectos fenotípicos como um cabelo notadamente crespo, um nariz arredondado ou largo que são associados à descendência africana, também influenciam no processo de discriminação no denominado colorismo. (SILVA, 2017, p. 12).

A autora explica ainda que, mesmo que não brancas, as pessoas de pele mais clara se beneficiam ao serem toleradas em ambientes de maioria branca. O indivíduo não teria o privilégio branco, mas sua aparência seria mais confortável aos olhos. Ou seja: o colorismo beneficia a pessoa de pele mais clara, mas não a coloca no mesmo patamar de uma pessoa branca. Este conceito não representaria a inclusão de pessoas negras, mas uma forma oculta de racismo.

Temos aqui um lado muito importante da discriminação colorista: a pessoa negra é tolerada, mas jamais é aceita, uma vez que aceitar este negro seria reconhecer a existência de uma discriminação racial. A ideia presente no ideário do colorismo não é nem de longe a de aceitar o negro no ambiente branco, mas sim a de tolerar aquele negro que não tem muitos traços que revelem sua ascendência, a ponto de poder imaginá-lo como branco e poder conviver com a sua existência em um mesmo espaço. Os traços existentes naquele negro quase branco devem ser disfarçáveis a ponto de poder convencer o público e se fazer suportável, coisa que um negro não disfarçável não conseguiria fazer. (SILVA, 2017, p. 12).

Meghan Markle, birracial, aparece, muitas vezes, como branca, apesar de ter mãe negra. Ela é encarada com menos preconceito e classificada com frequência como mestiça ou branca, ainda que sofra racismo, principalmente na Inglaterra. Nas notícias da *Folha*, observaremos como um jornal brasileiro se refere à duquesa.

É necessário destacar que, no Brasil, as condições do racismo são diferentes: ao contrário de países europeus ou mesmo dos Estados Unidos, uma pessoa não é considerada negra apenas por uma gota de sangue negro em seu corpo. A classificação brasileira tem mais relação com a aparência física do que com a ascendência.

Aqui, o que define como um indivíduo será socialmente compreendido são os seus traços, sua pele, seu corpo e seu cabelo. Então, diferentemente dos Estados Unidos, a nossa leitura racial é baseada no fenótipo, ou seja, a manifestação visível e detectável de um traço genético. Enquanto nos Estados Unidos, o genótipo é o que ditará a sua categorização racial: um descendente, uma gota de sangue de um passado escravo – eles já têm um nome para você. Isso quer dizer que, em território brasileiro, esta nomenclatura de raça é muito mais confusa. Lábios carnudos e pele clara me fazem o que? Ou, pele mais escura de traços finos? Como se encontrar em um cenário tão arbitrário quanto o nosso? (SOUZA, 2018).

Este é, possivelmente, o motivo pelo qual Meghan é dificilmente classificada como negra, especialmente na imprensa brasileira: seus traços se relacionam mais aos de uma pessoa branca do que negra.

Vera França (2014) discute o conceito de celebridade e faz a distinção em relação a outros termos. De acordo com ela, a ideia de fama e de famosos tem relação com a repercussão de acontecimentos, pessoas e até lugares. A palavra ídolo, que tinha como significado original uma estátua a que se presta culto, acabou se estendendo do domínio religioso ao significado de pessoas que, mais que conhecidas, tornam-se consagradas. Um ídolo seria sempre uma pessoa famosa, mas uma pessoa famosa não seria sempre um ídolo. A palavra celebridade condensaria todos esses sentidos.

A raiz latina (*celebratio*, *celebritas*) está ligada à ideia de grande número de gente, afluência, solenidade. Inicialmente dizia do ato de celebrar, da celebração. Do ato ela se transfere para seu alvo ou motivo, e celebridade passa a nomear uma pessoa que, em razão de uma qualidade ou feito, se torna digna de celebração, reconhecimento, reverência. (FRANÇA, 2014, p. 18).

Mas, para a autora, é importante acentuar que a palavra celebridade é usada, geralmente, para pessoas que têm relação com um processo de fama mais superficial e passageiro. França (2014) chega a citar também a rainha Elizabeth, da Inglaterra, (que ela classifica como conhecida, mas de fama restrita) e a princesa Diana (classificada como celebridade, não como ídolo). Estas são personagens importantes para a pesquisa.

Para França (2014), o conceito de celebridade traz sentidos como o conhecimento, o reconhecimento e o culto. Seria alguém conhecido por muitas pessoas e reconhecido pelo que é ou faz, digno de admiração. Enquanto alguns investiram na construção de suas próprias imagens, outros acabaram se tornando famosos por situações que viveram (a autora cita Joana D’Arc e Zumbi dos Palmares).

No caso de Meghan, apesar de ter investido na própria imagem, tornando-se uma atriz relativamente famosa nos Estados Unidos, a situação que viveu no casamento e ainda vive, como parte da família real, a faz mais conhecida do que era antes. Apesar disso, é possível dizer que a família real, como um todo, investe na própria imagem, seja por meio de ações consideradas boas (como a caridade) seja pela contratação de profissionais da comunicação, como assessores de imprensa e relações públicas.

Damo-nos conta assim de que a particularidade daquilo que o conceito evoca mais especificamente, em nossos dias, vai além desses três aspectos (conhecido, reconhecido, cultuado) e a ele se agregam mais alguns: o meio ou dispositivo através do qual a fama se espalha e se estabelece (que é a mídia); um caráter talvez mais epidêmico ou circunstancial (o status de celebridade não traz nenhuma garantia de consistência e durabilidade - e é quase o contrário, pois em torno do rótulo paira uma suspeita de volatilidade); uma ampliação das condições e perfis suscetíveis de se tornar celebridade. (FRANÇA, 2014, p. 20).

Simões (2013) também explica o conceito de celebridade. De acordo com a autora, “podemos definir a celebridade como uma pessoa famosa e singular, reconhecida por um público e cuja fama pode variar conforme os ‘sentimentos humanos’.” (SIMÕES, 2013, p. 106). No texto, explica-se que uma celebridade pode ter diversas formas, desde um herói à uma estrela de cinema que se torna um ídolo.

No artigo, Simões (2013) cita Braudy (2007), que diz que Alexandre, O Grande foi a primeira pessoa famosa do mundo antigo. O autor também discorre sobre Júlio César e Jesus Cristo, citando a fama como privilégio de certos grupos, como elites políticas e religiosas (BRAUDY, 2007 apud SIMÕES, 2013, p. 107).

Simões (2013) explica que outros autores entendem as celebridades como uma marca da modernidade (ROJEK, 2008; GAMSON, 1994; MARSHALL, 2006; MORIN, 1989 apud SIMÕES, 2013, p.107). Em relação a isso, Simões (2013) afirma que acontecimentos como a Revolução Industrial, a expansão do comércio, o menor poder da religião, o desenvolvimento tecnológico e as ideias do Iluminismo geraram a ideia de um indivíduo autônomo.

A valorização da expressão e da autenticidade individuais pode, assim, ser destacada como fator importante na constituição das celebridades. Sofrendo menos pressões do Estado e da Igreja, o indivíduo se via no direito de decidir os rumos da própria vida, inclusive, os ídolos a quem adorar. (SIMÕES, 2013, p. 108).

As celebridades preencheriam o vazio gerado pela falta de crença na escolha divina dos reis e a morte de Deus. O capitalismo também transformaria as celebridades em bens de consumo (ROJEK, 2008, p. 15-16 apud SIMÕES, 2013, p. 108). A visibilidade seria crucial quando se trata de um mundo composto de meios de comunicação de massa (BRAUDY, 1986, p. 592 apud SIMÕES, 2013, p. 109).

Em seu texto, França (2014) apresenta diversos motivos para a existência do culto às celebridades, como a identidade e a diferença. Os famosos nos atrairiam pelo que é parecido conosco, mas também pela distância e o estranhamento que provocam.

Pelo viés da identidade, a celebridade realiza a transcendência do mesmo, a sua projeção numa escala de idealização. É o modelo ideal, que tomamos como referência e como medida de nossa humanidade e nossa conformação. Faz parte do nós mas se situa para além do nós.[...] Pelo viés da diferença, a celebridade não é o mesmo mas o outro. O outro que ameaça e completa; que não apenas confirma o nosso lugar, mas indica a existência de lugares diversos, e a possibilidade da diferença. Não sendo como nós, ou situando-se para além do nós, a celebridade marca a delimitação de terrenos e as fronteiras do eu/nós e do ele/s. (FRANÇA, 2014, p. 28).

Simões (2013) faz a diferenciação, proposta por Rojek (2008), entre três tipos de celebridades: a conferida (que se relaciona com a linhagem de sangue), a adquirida (que tem a

ver com realização de um sujeito em competições abertas) e a atribuída (representação de um ator que se destaca culturalmente, costuma ser uma construção midiática). No caso de Meghan e Harry, a primeira é uma celebridade atribuída e o segundo é uma celebridade conferida. Isso pode explicar, em parte, a diferença na maneira com que os dois são tratados pela mídia.

Dessa forma, os diferentes tipos de celebridades são construídos na sociedade midiaticizada e povoam o cenário midiático de visibilidade. As pessoas famosas se tornam onipresentes na vida cotidiana, a partir da circulação de significados que se inicia nos dispositivos midiáticos e permeia as interações ordinárias. (SIMÕES, 2013, p. 110).

Para França (2014), os três tipos de celebridades não devem ser excludentes: sua mistura proporcionaria, inclusive, uma fórmula ideal. A autora cita o caso da americana Grace Kelly, estrela de Hollywood que se casou com o príncipe de Mônaco, a quem chama de combinação perfeita. “Ela conjugou um enredo melodramático de vida, beleza, carisma, realeza, exposição midiática [...] até sua morte inesperada e precoce veio compor sua história de beleza, amor e tragédia”. (FRANÇA, 2014, p. 23).

O caso de Meghan é parecido: uma atriz americana já conhecida que se casa com um príncipe e se torna mais famosa. Ainda assim, alguns fatos a distanciam da combinação perfeita de França (2014): sua origem birracial, o fato de ser uma atriz de TV (menos famosa e em uma mídia menos reconhecida que o cinema), divorciada e mais velha que o marido. Ela não tem todas as características mais valorizadas pela sociedade. “As celebridades ostentam aquilo que uma determinada sociedade, num determinado momento, valoriza”. (FRANÇA, 2014, p. 25).

Simões (2013) cita também Dyer (1998). Segundo a primeira, os sentidos provocados pela imagem de uma celebridade mudam de acordo com o tempo. A autora diz ainda que é preciso considerar as celebridades em interação com outras, com o público e com o contexto.

Meghan era, inicialmente, uma atriz famosa nos Estados Unidos. Ela evocava valores como beleza, talento, entre outros. Após o relacionamento com Harry, Meghan se tornou nobre e passou a chamar atenção por valores como o de princesa, conto de fadas, estilo, moda, caridade, entre outros. Além disso, passou a se destacar por ser birracial, divorciada e atriz nesse novo ambiente. Ou seja, uma única pessoa pode gerar imagens completamente diferentes dependendo de acontecimentos e momentos.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa consiste em uma análise da cobertura do casamento do príncipe Harry e da atriz Meghan Markle no jornal *Folha de S. Paulo*, que ocorreu em 19 de maio de 2018. A monografia tem aplicação imediata, já que são tiradas conclusões logo ao fim do trabalho, descritiva, porque não há interferência no objeto e se faz uma descrição de notícias. De acordo com Gil (2002, p. 42),

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Por fim, a pesquisa é documental, já que foi utilizado o jornal, um documento. Optamos por analisar com profundidade apenas a redação das notícias, mas consideramos também alguns outros elementos, como imagens, infográficos, título e linha fina. É importante dizer, porém, que não pretendemos nenhum tipo de análise imagética ou de layout, apenas as utilizaremos como forma de complementar a análise do texto noticioso. Para Verón (2004),

[...] se a análise de discursos é comparativa, se trabalha relacionando superfícies discursivas umas com as outras, é porque é impossível saber, considerando isoladamente uma ‘unidade’ discursiva qualquer, quais são os traços cuja detecção é pertinente para chegar à descrição operacional de uma certa economia discursiva. (VERÓN, 2004, p. 162-163).

O objetivo principal é entender o que teve mais destaque nas notícias: a entrada de Meghan na família real, como mulher birracial, divorciada, americana, plebeia segundo a realeza, e mais velha que o príncipe, ou o matrimônio, que já representa uma notícia clássica. Para isso, são utilizados os conceitos de celebridade representando o papel de Meghan e da família real; acontecimento pensando em qual dos fatos teve mais destaque; e interseccionalidade, colorismo e mestiçagem relacionados a Meghan e suas sobreposições, que a tornam diferente do restante da família.

4.1 Análise do discurso francesa

A Análise do Discurso Francesa (AD) foi escolhida para interpretar as notícias, já que desejamos observar o que está no enunciado. O método é explicado por Benetti (2007).

O primeiro tipo de pesquisa para qual a AD é um método adequado diz respeito à análise dos sentidos do discurso jornalístico. [...] O texto é a parte

visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário. **A conjugação de forças que compõe o texto nem sempre é aparente** [...] e que só o método arqueológico do analista de discurso pode evidenciar esta origem. (BENETTI, 2007, p. 111 - grifo nosso).

Ou seja, analisar o discurso das notícias é entender o que realmente representa o motivo da notícia: o matrimônio ou a noiva. A autora explica também que é necessário compreender o discurso pensando na história, no contexto social e na produção de sentidos.

Para a análise, nos concentramos no método do linguista Dominique Maingueneau (2008), que considera que todo enunciado é assimétrico. Isto é, que o sentido do texto se altera a partir da posição quem lê ocupa. Para o autor, a ideia de um enunciado estável é insustentável.

[...] a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que reconstrói coincida com as representações do enunciador. Compreender um enunciado não é somente referir-se à gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável. (MAINGUENEAU, 2008, p. 20).

O objetivo desta pesquisa é exatamente este: interpretar as notícias, raciocinar e fazer hipóteses a partir do que for lido e do contexto social. Ainda segundo Maingueneau (2008), as unidades lexicais têm certa importância, mas não podemos usá-las com exclusividade para realizar a análise. Não há como definir o real sentido de um enunciado, apenas sugerir “[...] coerções para que um sentido seja atribuído à sequência verbal proferida em uma situação particular, para que esta se torne um verdadeiro enunciado, assumido em um lugar e um momento específicos [...]” (MAINGUENEAU, 2008, p. 20).

No livro, o linguista descreve a AD por meio de exemplos. De acordo com ele, para realizar a interpretação, é necessário, primeiro, considerar a frase como uma sequência de signos, tornando-a um enunciado e atribuindo-a uma fonte enunciativa (o locutor). Também é fundamental considerar a condição material de apresentação (neste caso, um jornal impresso).

Em sua obra, o autor aponta o exemplo de uma placa que diz “Não fumar”. Sendo uma placa, impressa e colada na parede, quem lê levará a sério. Se a mesma frase estivesse pichada, provavelmente não seria obedecida e poderia ser vista até como ironia ou uma forma de protesto. O mesmo acontece com o jornal: com o discurso impresso em uma publicação, ainda mais em um veículo conhecido como a *Folha*, o conteúdo é levado a sério e visto como verdade. Se o texto estivesse escrito em uma parede, não seria encarado com seriedade, já que “[...] o mídiun não é um simples meio de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo

aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 71).

Em relação às marcas linguísticas, Maingueneau (2008) considera as formas nominais dos verbos (infinitivo, gerúndio e particípio), que podem mudar os sentidos dos enunciados, fazendo com que se tornem assertivos, por exemplo. Também versa sobre marcas de ancoragem nos enunciados (como “esta”, “aqui”, “ontem”, “hoje”), que fixam os significados a situações específicas. Por fim, descreve os contextos que podem fornecer elementos para a interpretação: o ambiente físico, o cotexto (sequências verbais encontradas antes ou depois do enunciado) e os saberes anteriores à enunciação (conhecimento sobre nomes ou acontecimentos anteriores ao trecho analisado).

Também relevante, segundo o autor, é uma interpretação derivada: o leitor precisa buscar elementos além da ordem linguística para compreender o que é dito em um enunciado. Para isso, é necessário buscar regras denominadas pragmáticas, que

[...] exigem do destinatário uma análise do contexto e não somente uma interpretação semântica, seu conhecimento da língua. [...] o destinatário não é passivo: ele próprio deve definir o contexto do qual vai tirar as informações necessárias para interpretar o enunciado. A priori nunca há uma única interpretação possível para um enunciado e é preciso explicar quais os procedimentos do destinatário para chegar à mais provável, que será aquela que se deve preferir em tal ou qual contexto. (MAINGUENEAU, 2008, p. 29).

Voltando à questão do mídiun, o linguista explica que mudanças no meio modificam o conjunto de um gênero de discurso. A partir da chegada dos mídiuns audiovisuais e do desenvolvimento da informática, isso ficou ainda mais evidente e provocou uma ruptura com a civilização do livro. Ainda segundo Maingueneau (2008), essa quebra gerou uma conscientização das características do discurso oral e marginalizou os antigos gêneros. Atualmente se conta mais com rádio e televisão do que com uma palestra ao vivo, por exemplo.

O autor define alguns tipos de enunciados: o oral se transmite por ondas sonoras e o gráfico, por signos escritos, impressos ou escritos à mão.

O instável costumava ser tudo que era oral, mas com o surgimento de rádio e TV, isso mudou: agora só é instável o que não é gravado. Com isso, o estável passa a ser tudo o que é registrado, em revista, jornal, TV ou rádio.

O dependente do ambiente não verbal é o dirigido a um co-enunciador no mesmo ambiente físico do enunciador. Há uso de indicadores não verbais (como mímica e gestos), de elipses (quando se refere a um objeto no ambiente) e de marcadores (como “eu”, “aqui”, “amanhã”). O enunciado independente de ambiente não verbal é o que se dirige a alguém que

está em outro ambiente, que não pode interferir na fala. Este tipo de enunciado tende, segundo o autor, a ser autossuficiente, já que não há troca entre os co-enunciadores.

O enunciado de estilo falado tem características do enunciado dependente de ambiente não verbal; já o de estilo escrito tem particularidades do enunciado independente deste tipo de ambiente. Vale afirmar que o material que analisamos é um jornal, então o texto é de estilo escrito e independente de ambiente não verbal

Maingueneau (2008) também discorre sobre as diferenças entre o escrito e o impresso. Para ele, ambos são diferentes do oral.

O ato de imprimir acentua profundamente os efeitos da escritura. [...] Em vez de uma variação contínua, temos um objeto inalterável e fechado em si mesmo, como o autor que ele pressupõe. O texto impresso, ao dispor caracteres invariantes sobre o espaço branco de uma página idêntica às outras, abstrai o texto da comunicação direta, de pessoa a pessoa. (MAINGUENEAU, 2008. p. 80).

Este é exatamente o caso do jornal que analisamos. Apesar das inúmeras possibilidades de interação e feedback por telefone ou pela internet, o leitor nunca será capaz de interromper o texto de um jornalista enquanto ele é escrito. Além disso, o fato de ser impresso oferece maior confiabilidade e seriedade ao produto que notícias escritas à mão, segundo o autor.

Por fim, o linguista relembra os novos dispositivos comunicacionais. De acordo com ele, apesar do constante embate entre oral, manuscrito e impresso, as técnicas mais modernas têm modificado os dispositivos de comunicação. Assim, surgem novas formas de oralidade. Por exemplo, não é necessário contato físico para uma conversa dependente de ambiente não verbal: é possível usar o telefone ou até redes sociais e aplicativos de bate-papo.

Maingueneau (2008) cita também a abertura ilimitada do número de destinatários (já que a enunciação não é mais feita entre duas pessoas ou grupo de indivíduos que seja possível medir), o caráter estático ou não dos interlocutores (que podem estar ouvindo ao rádio no carro, que se move, por exemplo), a existência do terceiro invisível (que já existia como espectador no teatro e agora recebe a fala dos apresentadores de TV e rádio), enunciados efêmeros ou gravações e a intervenção de máquinas (agora enunciados não são produzidos apenas por seres humanos).

[...] mesmo a estabilidade material do texto é questionada pelas novas tecnologias. O monitor de um computador associado a um CD-ROM ou conectado à internet oferece um texto heterogêneo e em perpétua reconfiguração, em função das decisões de seu 'leitor'. O próprio monitor é apenas uma janela aberta de maneira instável sobre um 'texto' que é perfeitamente irrepresentável: é um 'hipertexto', uma enorme rede de relações virtuais que permite um número ilimitado de percursos distintos [...].

Assistimos hoje [...] a uma desmaterialização dos suportes físicos dos enunciados. (MAINGUENEAU, 2008, p. 82-83).

Ainda é relevante dizer que, para o autor, a notícia pertence ao gênero de discurso que chama de “contrato”, definido por um ele como texto fundamentalmente cooperativo e regido por normas. Ou seja, o jornalista assume o contrato quando opta por produzir um gênero. O leitor espera que as regras sejam respeitadas e não poderá avaliar o texto negativamente se for assim.

Queiroz (2006) utiliza a AD para analisar o discurso telejornalístico, mas suas considerações também podem ser aplicadas nesta monografia. De acordo com a autora, as notícias não transmitem informação bruta, mas a construção de um fato que,

[...] de certa forma, reforça sentidos de evidência, representando-se discursivamente como opinião pública, através dos mitos da informatividade, objetividade e imparcialidade, tão caros à mídia. Ou seja, no telejornalismo temos diferentes versões para um mesmo fato, o que nos permite pensar a textualização da notícia enquanto espaço de (re)atualização em que o texto final é uma unidade aparente no espaço do simbólico. Melhor dizendo, a mídia trabalha visando produzir uma sociedade de consumo do seu produto notícia e se impondo sobre outras discursividades - normatizando, normalizando e cristalizando sentidos. (QUEIROZ, 2006, p. 253).

Ainda segundo a autora, por causa disso, uma notícia nunca é a mesma, já que vemos diferentes versões de um mesmo fato em cada jornal, de acordo com a determinação ideológica, o veículo em que é publicado e das diferentes interpretações de quem formula a notícia e de quem a lê ou a assiste. Isso se relaciona diretamente com a pesquisa, já que podemos perceber que as representações discursivas da *Folha* são uma interpretação dos repórteres e dos editores sobre o assunto.

Também é necessário para esta pesquisa relacionar as interpretações feitas por meio da AD com os conceitos de celebridade, acontecimento, interseccionalidade e colorismo porque pode ser que tais conceitos gravitem na já citada “conjugação de forças.” (BENETTI, 2007).

4.2 Instrumentais de análise

Para iniciarmos a análise, foram coletados os materiais no site do jornal *Folha de S. Paulo* (todos os arquivos da versão impressa estão disponíveis para download em formato digitalizado gratuitamente). Depois, o material foi lido e foram selecionados textos de notícias da semana do casamento, entre 13 e 20 de maio de 2018 (de domingo a domingo), já que esse foi o momento em que o evento teve mais destaque na mídia. Além disso, selecionamos uma

matéria de 28 de novembro de 2017, que noticia o noivado de Harry e Meghan, para observarmos o primeiro momento em que o casal foi mencionado no jornal.

Não utilizamos textos opinativos porque a ideia é estudar, justamente, o que está menos óbvio sobre as opiniões do jornal. A seção *Folha Corrida*, que repete notícias de forma resumida e traz extratos de colunistas também não foi utilizada. Em resumo, estão incluídas na análise apenas notícias da semana do casamento, por ser um período em que o casal se destaca, e uma única notícia de 2017, a respeito do noivado.

Escolhemos, inicialmente, imprimir todas as notícias. Assim, grifamos todas as construções que interpretamos como interessantes para o objetivo do trabalho e fizemos inferências sobre. Depois, passamos todo o material para quadros: em um lado fica a frase colhida e, do outro, nossa interpretação do assunto.

Diante dos autores que versam sobre a AD, a ideia dos quadros emergiu como uma possibilidade de adentrar na materialidade e extrair elementos em partes para tentar uma leitura mais aprofundada.

Cada notícia vem acompanhada de três quadros: um com frases referentes à Meghan Markle, um que apresenta outras construções relevantes para a pesquisa e um outro que elenca os termos-chave que escolhemos e a quantidade de vezes que aparecem. Tais termos são: americana, atriz, divorciada, mestiça e negra. Consideramos estas palavras importantes porque representam as interseccionalidades de Meghan, parte bastante relevante deste trabalho, uma vez que podem destacá-la como acontecimento midiático. Estas palavras só são contabilizadas quando se referem diretamente à Meghan.

Depois da criação dos quadros, que são mantidos no capítulo de análise, transformamos tudo em texto corrido, fazendo relações mais profundas e desenvolvendo o estudo. Nesse momento, surgem também novos conceitos, que são explanados por meio de notas de rodapé e do último item da análise, uma leitura valorativa dos conceitos iniciais. Não necessariamente tudo que aparece nos quadros está no texto corrido e vice-versa.

Outra observação importante é que nos referimos a todos os personagens desta pesquisa (integrantes da família real e outras personalidades) utilizando o primeiro nome. A escolha se dá com base no fato de que os membros da família real não possuem sobrenome. Por isso, optamos por padronizar e utilizar apenas o primeiro nome, mesmo no caso dos pais de Meghan, por exemplo, que não são nobres.

Para auxiliar em uma possível resposta à questão norteadora, optamos por categorizar as notícias em três tipos: referentes à Meghan, referentes a Harry e referentes ao casamento real. Desta maneira, torna-se mais fácil identificar quem é o acontecimento no contexto

escolhido. Tal definição não significa, porém, que haverá uma resposta objetiva e sucinta para a questão norteadora.

5 ANÁLISE

5.1 Notícia¹⁶ 1

Título: Príncipe Harry se casará com americana

Repórter: das agências de notícias

Data: 28 de novembro de 2017

Editoria: Mundo

Considerando a categorização, a primeira notícia que analisaremos tem Harry como principal personagem. Nessa notícia, é claro o papel do duque como celebridade, já que o fato de se casar é um acontecimento para a mídia. Apesar disso, é possível perceber a maneira como a imagem dele foi trabalhada pela família real. Mesmo tendo se envolvido em inúmeras polêmicas no passado, Harry é agora o “bom moço”.

Ele é, inclusive, o sujeito na oração que compõe o título: não se usa “Harry e americana se casarão”, mas “Harry se casará com americana”. Harry é o único que pratica uma ação na frase, é o protagonista, então a construção não dá a entender a ação da noiva neste evento. Sabe-se o que Harry vai fazer, mas não há como saber o que Meghan vai fazer. Isso pode ser causado tanto porque o autor o considera mais famoso e, por isso, o destaca na frase, quanto pelo machismo¹⁷: o homem é quem pede a mão da mulher em casamento, o homem é quem pratica a ação de se casar. A mulher é apenas um sujeito passivo com quem ele se casa e não tem nem uma profissão, é só americana.

Além disso, o nome de Meghan não aparece no título. Ela é citada como uma americana indefinida, como se já não fosse uma celebridade (SIMÕES, 2011) antes do noivado com o príncipe. Naquele momento, Meghan ainda era um personagem muito recente no contexto da família real, então Harry ocupa claramente uma posição de destaque na notícia.

¹⁶ Para Lage (2006), “[...] a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. (LAGE, 2006, p. 17).

¹⁷ Optamos por não utilizar o termo patriarcado na pesquisa a partir de leituras de estudos feministas que indicam que o conceito é abrangente demais, negligenciando relações históricas e construções culturais (LOBO, 1992). Por isso, definiremos o machismo. “[...] O machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher. [...] O machismo, enquanto sistema ideológico, oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino, como para o elemento feminino. Ele é aceito por todos e mediado pela ‘liderança’ masculina.” (DRUMONT, 1980, p. 81).

Começaremos analisando o texto pensando nas construções que se referem à Meghan, já que ela é a personagem de destaque nesta pesquisa. Percebe-se, ao longo de todo o texto, que a duquesa é retratada como atriz de pouca relevância, apesar de já ter participado de diversos filmes e séries. Nesse sentido, selecionamos dois trechos:

A) “Harry disse que **nunca nem tinha visto** o seriado americano ‘Suits’ no qual Meghan interpreta **uma** advogada.” (PRÍNCIPE..., 2017, p. A13, grifo nosso).

B) “Além de ‘Suits’, seu principal papel, Markle teve **discretas** participações nas séries da **franquia** ‘CSI’. No cinema, esteve na comédia ‘Quero Matar Meu Chefe’.” (PRÍNCIPE..., 2017, p. A13, grifo nosso).

No trecho A, é possível observar que se Meghan e a série que ela participava fossem realmente conhecidos, Harry, que vive na época em que a produção é transmitida, os conheceria. Já no B, percebe-se o uso da palavra “discretas” para demonstrar a pouca relevância das participações dela como atriz. A série Suits também é desvalorizada quando comparada à franquia CSI, que parece ser algo muito maior. Também não aparece a outra produção cinematográfica em que ela atua (O Pior Trabalho do Mundo, citada no subitem 2.1.6), como se ela só tivesse participado de um filme. O tom do autor parece depreciativo, como se Meghan tivesse pouca expressão artística.

No que se trata da etnia de Meghan, em nenhum momento do texto o autor a coloca como pessoa negra. Podemos constatar isso nos seguintes excertos:

C) “Markle era vítima de **ataques sexistas e racistas** nas redes sociais - **a mãe dela é negra.**” (PRÍNCIPE..., 2017, p. A13, grifo nosso).

D) “[...] divorciada, a atriz nasceu e cresceu em Los Angeles, em um bairro conhecido como **Beverly Hills negra, mas atualmente mora em Toronto.**” (PRÍNCIPE..., 2017, p. A13, grifo nosso).

No excerto C, apesar de Meghan ter sido vítima de ataques racistas nas redes sociais, sua família e o ambiente em que ela viveu são identificados como negros, mas ela não. E no D, percebe-se a quebra entre Meghan e o bairro negro: ela agora vive em Toronto, então não tem mais relação com a etnia que predomina na antiga moradia. Parece que não pertencia àquele local. Isso pode ser resultado do colorismo, já que Meghan, apesar das raízes negras, não é rotulada como negra. É uma forma de embranquecimento. Mesmo assim, ela sofreu racismo nas redes sociais, como relata a matéria.

Uma hipótese é que a construção da narrativa tenta desvincular a duquesa da ascendência negra, algo que pode ter chegado à *Folha* por meio da imprensa internacional. Talvez a própria inserção de Meghan na militância feminista e não na militância negra e o fato

de ela se declarar como mestiça (como observamos no item 2.1.6) compromete a forma como ela é interpretada pela imprensa. Isso tudo pode reforçar o colorismo ao seu redor.

Em relação a outras construções, percebe-se que o autor desvaloriza o casamento real e o coloca como evento de pouca importância. No trecho E já se demonstra a posição de Harry na família real, que não é a de um futuro rei. As chances de ele assumir o trono são mínimas por causa de sua posição na linha sucessória. A cada vez que William tem um filho, Harry fica mais longe de se tornar rei. No momento em que essa monografia é escrita, ele se tornou o sexto na linha de sucessão.

E) “Harry, 33, atualmente o **quinto** na linha sucessória do trono britânico e Meghan, 36, ficaram noivos no início de novembro.” (PRÍNCIPE..., 2017, p. A13, grifo nosso).

Demarcamos também as seguintes construções:

F) “Harry disse à rede BBC que os dois se apaixonaram tão rapidamente “porque **os astros estavam alinhados.**” (PRÍNCIPE..., 2017, p. A13, grifo nosso).

G) “A joia foi desenhada pelo próprio Harry. O anel tem **dois diamantes que pertenceram à mãe dele, a princesa Diana**, morta há 20 anos.” (PRÍNCIPE..., 2017, p. A13, grifo nosso).

Aparece também a construção F, que remete ao conto de fadas, a algo que já estaria escrito, uma predestinação ou *maktub*¹⁸. Observaremos que algumas outras matérias evocam esse sentido. E na frase G, são reafirmados o simbolismo e a tradição real: diz de onde Harry vem (um legado extremamente memorável, de Diana) e em que família Meghan está entrando, uma família importante. Diz também que o anel que a duquesa carregará é pesado, pois Diana, além de ser mãe do noivo, foi uma das personalidades mais importantes das últimas décadas.

Além disso, o papel do casal no que se trata do ativismo, feminismo¹⁹ e direitos humanos. Há a menção de um frango assado que os dois prepararam juntos, ou seja: dividiram a preparação, houve uma divisão de tarefas. O papel de realizar atividades domésticas não é só

¹⁸ Paulo Coelho define o termo *Maktub* em um livro de mesmo nome. “*Maktub* quer dizer ‘está escrito’. Para os árabes, ‘está escrito’ não é a melhor tradução — porque, embora tudo já esteja escrito, Deus é misericordioso, e só gastou sua caneta e sua tinta para nos ajudar.” (COELHO, 1994, p.19).

¹⁹ Feminismo é um movimento que defende a igualdade de gênero. Beauvoir (1970) explica a necessidade do feminismo. “[...] os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap. Em quase nenhum país, seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta. Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc, maior número de lugares e os postos mais importantes. [...] No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens.” (BEAUVOIR, 1970, p.14-15).

da mulher, mas da família, o contrário do estabelecido pelo machismo²⁰. E, por fim, é mencionada a atuação humanitária de Meghan em uma ONG. Observaremos essa relação entre o casal e os direitos humanos em outras notícias mais à frente.

Na foto, da agência Associated Press, o casal aparece sorridente com Meghan segurando a mão de Harry com suas duas mãos, mostrando a aliança. Ela olha para ele, enquanto ele olha para o horizonte, como se o homem fosse o guia da relação, observasse o futuro e fizesse as decisões.

Harry está em destaque novamente: todos olham para ele, fotógrafos e noiva. A imagem é do dia em que o noivado foi anunciado à imprensa, então tem relação direta com o título, o lide²¹ e o restante do texto. Na legenda, a frase “Harry e sua noiva, a atriz Meghan Markle, posam para foto no Palácio de Kensington”. Nota-se que Harry ocupa a posição de destaque na oração: ela é noiva dele, não o contrário. A linha fina²² reitera o fato de Meghan ser atriz (o nome dela é mencionado), a série que ela participa e a data em que o casamento deve ocorrer, também com grande relação ao resto do texto.

Quadro 1- Contagem referente à Meghan Markle

Substantivo	Nº de vezes que aparece
Americana	2
Atriz	3
Divorciada	1
Mestiça	0
Negra	0

Fonte: a autora.

Quadro 2 - Interpretação referente à Meghan Markle

Frase	Interpretação
--------------	----------------------

²⁰ “As relações entre homens e mulheres são vividas e pensadas enquanto relações entre o que é definido como masculino e feminino — os gêneros. Neste sentido a divisão sexual do trabalho é um dos muitos lócus das relações de gênero.” (LOBO, 1992, p. 11).

²¹ Segundo Lage (2006), lide é o primeiro parágrafo de uma notícia impressa. “Quanto ao conteúdo, o lide é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante.” (LAGE, 2006, p. 28). O lide responde às perguntas o que, quem, quando, onde, como e por que.

²² De acordo com o Manual de Redação da *Folha*, linha fina é uma “frase ou período sem ponto final, que aparece abaixo do título e serve para completar seu sentido ou dar outras informações. Funciona como subtítulo. Usa letras menores que as do título e maiores que as do texto.” (MANUAL..., 1996, p. 36).

Harry disse que nunca nem tinha visto o seriado americano ‘Suits’ no qual Meghan interpreta uma advogada	Atriz de série pouco importante. O nome da personagem nem é dito.
Além de ‘Suits’, seu principal papel, Markle teve discretas participações nas séries da franquia ‘CSI’. No cinema, esteve na comédia ‘Quero Matar Meu Chefe’.	Atriz pouco importante.
Ao anunciar o namoro, Harry reclamou do assédio da imprensa e disse que Markle era vítima de ataques sexistas e racistas nas redes sociais - a mãe dela é negra .	Ela não é negra , mas a mãe é. Markle não é identificada como negra, mas a sua família e o ambiente em que vive, sim.
Divorciada, a atriz nasceu e cresceu em Los Angeles, em um bairro conhecido como Beverly Hills negra, mas atualmente mora em Toronto .	Ela não é negra , mas o bairro é habitado por negros. Markle não integra esse ambiente/ espaço social, pois mora no Canadá.

Fonte: a autora.

Quadro 3 - Interpretação referente a outras construções

Frase	Interpretação
Harry, 33, atualmente o quinto na linha sucessória do trono britânico e Meghan, 36, ficaram noivos no início de novembro, segundo comunicado assinado pelo Príncipe Charles, pai de Harry.	Relação de pouca importância na família real.
A expectativa é que a cerimônia consiga atrair tanta atenção quanto o casamento do príncipe William, irmão mais velho de Harry, e Kate Middleton, que em 2011 teve uma audiência global de 2,4 bilhões de pessoas.	Relação de pouca importância na família real.
Na primeira entrevista do casal após a revelação, Harry disse à rede BBC que os dois se apaixonaram tão rapidamente ‘porque os astros estavam alinhados ’.	Narrativa de conto de fadas, predestinação, “estava escrito” (maktub).
Ele contou que o pedido de casamento foi feito na noite de um domingo, quando o casal preparava um frango assado para o jantar.	- Família comum; - Divisão de papéis, já que ambos preparam o jantar.
A joia foi desenhada pelo próprio Harry. O anel tem dois diamantes que pertenceram à mãe dele, a princesa Diana , morta há 20 anos.	Tradição, simbolismo, hereditariedade, linhagem real.

Assim como Harry, ela tem atuação na área de direitos humanos , sendo embaixadora da World Vision, ONG especializada em cuidar de crianças carentes.	- Ativismo em direitos humanos, causas humanitárias; - Meghan e Harry vistos como “pessoas do bem”.
--	--

Fonte: a autora.

5.2 Notícia 2

Título: Casamento real deve levar mais de 100 mil turistas para a pequena Windsor

Repórter: Paula Leite

Data: 13 de maio de 2018

Editoria: Mundo

Neste texto, o tema principal e acontecimento é o casamento. A autora começa mencionando dia, horário e local em que a união ocorrerá. Logo em seguida, nos trechos A e B, percebe-se a maneira que ela se refere a homens e a mulheres durante grande parte da notícia.

A) “[...] **o nobre** que é **apenas** o sexto na linha sucessória do Reino Unido se casará com **uma atriz americana de séries de TV.**” (LEITE, 2018b, p. A22, grifo nosso).

B) “Se em 1936 a paixão **do** Rei Edward 8º, tio de Elizabeth 2ª, por **uma americana divorciada**, Wallis Simpson, era tão escandalosa a ponto de levar o monarca abdicar para poder casar-se com ela, hoje causa pouca indignação a chegada à família real de Meghan, 36, também americana e divorciada.” (LEITE, 2018b, p. A22, grifo nosso).

No trecho A, nota-se o uso de artigo definido para Harry e artigo indefinido para Meghan. É possível problematizar este uso a partir de dois pensamentos: da valorização da nobreza, já que o artigo indefinido é utilizado apenas para quem não é nobre, ou do machismo, já que “uma” se refere apenas à mulher, que é “uma qualquer”. Outro fator que se sobressai é a caracterização de Meghan: ela não é uma atriz de cinema, por exemplo, um tipo de arte que é bastante valorizada pelos críticos, mas de séries de TV. E, além de tudo, não é britânica, é americana. É possível notar uma depreciação de Meghan: é atriz de TV, profissão pouco respeitada e ainda por cima é americana: não tem nem sangue britânico e muito menos nobre.

A diferenciação no uso de artigos acontece novamente no terceiro parágrafo. No excerto B, o Rei Edward é representado pela soma da preposição “de” e do artigo “o” e Wallis Simpson pelo artigo indefinido “uma”, mesmo com o nome dela aparecendo e, literalmente, definindo-a. Novamente o embate entre um homem nobre e uma mulher plebeia sob a concepção real e,

mais uma vez, o uso de artigo definido para um e indefinido para outra. Neste mesmo trecho, a autora desvaloriza o casamento de Harry e Meghan: mesmo a união representando uma quebra nos valores da família real, ela não tem muita relevância e não causa tanto choque em quem a vê acontecer. Parece que o fato não tem valor-notícia²³, então não vale como acontecimento. Ao dizer que “hoje causa pouca indignação” parece afirmar, no subtexto, que o casamento de Harry com uma mulher americana e divorciada deveria causar algum tipo de indignação, como se fosse absurdo.

E, no fim do texto, a autora chega a zombar das informações que são repassadas aos tabloides, como a de que Meghan teria um raminho de murta em seu buquê. Para ela, o restante da imprensa parece se contentar com informações insignificantes como essa, como se quem se importasse com o casamento fosse uma piada. A autora parece trazer *fait divers*²⁴ como forma de descredenciar o casamento como acontecimento em termos de valor-notícia.

Ainda no trecho A, Leite (2018b) escreve “o nobre que é apenas o sexto na linha sucessória”, representando a pouca relevância de Harry mesmo dentro da família real. Não só foi usada a palavra “apenas”, como foi citada a posição dele na linha sucessória. Isso também acontece no trecho C. A autora parece desvalorizar o casamento o tempo todo: não é importante politicamente e socialmente, mesmo ocorrendo entre duas celebridades de diferentes campos (nobreza e showbiz), que geralmente chamam atenção quando se cruzam. Isso acontece novamente no trecho C.

C) “Ainda que a descrição genérica do evento **não cause frisson** e que o matrimônio tenha **pouquíssima repercussão política**, a união do Príncipe Harry com Meghan Markle deve ser o evento do ano no país.” (LEITE, 2018b, p. A22, grifo nosso).

²³ No livro *Teorias da Comunicação*, Mauro Wolf (2009) utiliza alguns autores para definir valores-notícia. “Os valores-notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído.” (GOLDING E ELLIOT, 1979, p. 114 apud WOLF, 2009, p. 196).

²⁴ Dejavitte (2001) traduz a definição clássica de Barthes (1964). “O *fait divers* é uma notícia de ordem não classificada, dentro de um catálogo mundialmente conhecido (políticas, economia, guerras, espetáculos, ciências, etc); em outra palavra, seria uma informação monstruosa, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, breve, aquele normalmente classificado, modestamente, abaixo da categoria de Variedades. É ainda uma informação total, ou mais precisamente, imanente, que contém em si todo o seu saber: não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete a nada além dele próprio; evidentemente, seu conteúdo não é estranho ao mundo: desastres, assassinatos, raptos, agressões, acidentes, roubos, esquisitices, tudo que remete ao homem: à sua história, à sua alienação, a seus fantasmas, aos seus sonhos, aos seus medos [...] no nível da leitura, tudo é dado num *fait divers*: suas circunstâncias, suas causas, seu passado, seus desenlace; sem duração e sem contexto, ele constitui um ser imediato que não remete a nada de implícito.” (BARTHES, 1964, p. 188-189 apud DEJAVITTE, 2001, p. 8).

Não só o casamento, que terá “pouquíssima” repercussão, é depreciado, mas o Reino Unido também: se este é o evento mais importante do ano, não devem ocorrer outras coisas relevantes por lá. Para a repórter, apesar de o casamento representar um acontecimento, ele não parece merecer muito espaço nas notícias.

Nos próximos parágrafos, Leite (2018b) parece designar espaços específicos para certas posições de importância. Enquanto Harry, o sexto na linha de sucessão, se casará em uma capela²⁵, um local mais simples, onde até pessoas não nobres (como o primo de Harry) se casam, William se casou em uma abadia²⁶, igreja maior e mais importante. Isso ocorre novamente quando pensamos nas cidades em que as uniões ocorrem: Harry se casa em Windsor, uma “cidadezinha”, enquanto William se casou em Londres, metrópole e capital da Inglaterra.

A seguir, aparecem valores já assinalados na primeira notícia.

D) “Harry, 33, tem uma **ligação pessoal** com a capela, já que foi **batizado** no local.” (LEITE, 2018b, p. A22, grifo nosso).

E) “[...] sairá de carruagem, onde primeiro será cumprimentado pelas 2.640 **pessoas comuns** (líderes comunitários, crianças locais, **chefes de organizações de caridade**, entre outros).” (LEITE, 2018b, p. A22, grifo nosso).

O trecho D evoca a tradição britânica, o simbolismo e o ciclo completo dos sacramentos anglicanos, composto por batismo, santa eucaristia, confissão e absolvição, santo matrimônio, confirmação, santa ordem e unção dos enfermos. E no trecho E, percebe-se novamente a ligação do casal com o ativismo e ações humanitárias.

A relação entre título e foto também é relevante. Enquanto o título menciona a presença de 100 mil turistas na cidade, a imagem (da Agence France-Press - AFP) é da Capela de São Jorge totalmente vazia. O infográfico que aparece abaixo do texto demonstra o caminho que os noivos farão no dia da cerimônia e é novamente uma imagem despovoada. Na linha fina, aparece a informação de que o casamento terá pouca repercussão política, mas que deve ser o evento do ano no Reino Unido. E o lide de uma notícia é geralmente onde aparece o principal tema do texto, que vem também no título. Nesse caso, a autora demora quatro parágrafos para falar sobre o assunto central.

Em resumo: a relação entre título, imagem, infográfico e elementos textuais é bastante desconexa. No primeiro, a autora parece estar afirmando a importância do evento com a

²⁵ Definição: “pequena igreja em casa particular; pequena igreja que abre apenas em determinados dias do ano.” (CAPELA, 2019).

²⁶ Definição: “mosteiro dirigido por abade ou abadessa; Igreja cujo pároco tem o título de abade.” (ABADIA, 2019).

quantidade de pessoas que comparecerão. Na foto, a capela vazia dá a impressão que o evento é tão pouco importante que ninguém assistirá e que ninguém se interessa por ele, seja convidados ou espectadores. No infográfico, também não há a presença de pessoas. E alguns elementos textuais são contraditórios: o tema do texto parece, inicialmente, o que foi apontado no título, mas após uma breve leitura é possível perceber que não. O título não é compatível com o lide, mas o lide é compatível com a linha fina.

Quadro 4 - Contagem referente à Meghan Markle

Substantivo	Nº de vezes que aparece
Americana	2
Atriz	2
Divorciada	1
Mestiça	0
Negra	0

Fonte: a autora.

Quadro 5 - Interpretação referente à Meghan Markle

Frase	Interpretação
Ao meio-dia (horário local, 8h no horário de Brasília) do sábado (19) na capela de São Jorge na pequena cidade de Windsor, o nobre , que é apenas o sexto na linha sucessória do Reino Unido, se casará com uma atriz americana de séries de TV .	- Harry não é importante; - Meghan é uma atriz pouco importante e pouco famosa, de uma área menos reconhecida (TV); - O artigo é definido para designar o nobre, porém é indefinido para designar “uma atriz americana”. Ou seja, a referência à Markle é imprecisa e indeterminada, uma atriz qualquer, mesmo com o nome dela aparecendo.
Se em 1936 a paixão do Rei Edward 8º, tio de Elizabeth 2ª, por uma americana divorciada , Wallis Simpson, era tão escandalosa a ponto de levar o monarca abdicar para poder casar-se com ela, hoje causa pouca indignação a chegada à família real de Meghan, 36, também americana e divorciada.	- Pouca importância de Meghan; - Pouca importância de Simpson: única informação que a notícia apresenta é ser americana e divorciada, não há dados complementares; - Uso de artigos definidos para homens e de artigos indefinidos para mulheres.
Enquanto isso, os tabloides tem que se contentar com informações como a de que no	Ironia, cômico, insignificante, banal.

buquê de Meghan haverá um raminho de murta, já que as mulheres da família real tradicionalmente o fazem, desde o casamento de Elizabeth, mãe da atual rainha.	
---	--

Fonte: a autora.

Quadro 6 - Interpretação referente a outras construções

Frase	Interpretação
Ainda que a descrição genérica do evento não cause frisson e que o matrimônio tenha pouquíssima repercussão política, a união do Príncipe Harry com Meghan Markle deve ser o evento do ano no país.	- Casamento pouco importante; - O Reino Unido parece ser um marasmo, um lugar tedioso, já que mesmo o evento mais importante do ano é politicamente pouco relevante.
Harry, 33, tem uma ligação pessoal com a capela, já que foi batizado no local.	O ciclo completo dos sacramentos anglicanos.
Enquanto seu irmão mais velho, William, o segundo na linha sucessória do reino, teve um casamento mais formal na Abadia de Westminster, em Londres, seguido de recepção no Palácio de Buckingham, e com chefes de estado como convidados, Harry e Meghan foram dispensados de convidar políticos e líderes internacionais para a cerimônia na capela, da qual participarão cerca de 800 pessoas.	- Casamento de William foi mais importante; - Casamento de Harry e Meghan é mais simples; - O casamento de Harry e Meghan é tão sem importância que os dois foram dispensados de convidar políticos. Parece que foram rejeitados porque ninguém liga para o casamento; - Repórter desmerece os personagens (mais a mulher do que o homem) como se tentasse reduzir a proeminência do fato; - A relação abadia/ capela e a relação William/ Harry: para cada um espaço adequado à sua nobreza. Um se casa num local maior e mais importante para a igreja, enquanto o outro se casa em uma “simples” capela.
O último casamento da realeza a ser celebrado em Windsor, em 2008, foi o de Peter Philips, primo de Harry e William e filho da princesa Anne - apesar de Peter não ter nem mesmo um título da nobreza, recusado por seus pais.	- Harry e Meghan vão se casar em um local em que até não nobres se casam. Ou seja, são menos importantes que William e Kate, por exemplo; - Eles se casam na mesma capela que um primo que nem título de nobreza tem.
Depois da cerimônia, o casal - que deve receber um título da nobreza da avó de Harry, a Rainha Elizabeth 2ª - sairá de carruagem, onde primeiro será cumprimentado pelas 2.640 pessoas comuns (líderes comunitários, crianças locais, chefes de organizações de	- Cumprimentar pessoas comuns ao invés de líderes políticos: pouca importância política; - Relação com direitos humanos e ativismo; - Mais um exemplo do espaço adequado à sua nobreza: William se casa em Londres, uma cidade grande, e William se casa em Windsor,

caridade , entre outros) que estarão dentro dos muros do castelo de Windsor e depois pela população nas ruas da cidadezinha , onde darão uma volta de pouco mais de 3 km.	uma “cidadezinha”.
---	--------------------

Fonte: a autora.

5.3 Notícia 3

Título: Realeza britânica ama e odeia os paparazzi

Repórter: Daniel Buarque

Data: 17 de maio de 2018

Editoria: Mundo

Entre as três opções disponíveis, esta matéria pode ser classificada como referente à Meghan, já que usa como gancho uma ação realizada pelo pai dela, Thomas Markle (que não foi ao casamento após uma polêmica com os paparazzi: ele teria posado para fotos por dinheiro). No corpo do texto, o repórter utiliza esse acontecimento para contextualizar a relação da família real com os paparazzi. Ainda assim, o sujeito da matéria referenciado no título é a realeza britânica.

O autor se refere à Meghan como “atriz americana” (a profissão + um substantivo pátrio) já no primeiro parágrafo. Percebe-se que a identificação da duquesa dessa maneira é comum na maioria das matérias, talvez indicando, como já afirmamos antes, uma desvalorização da profissão e da nacionalidade dela. A expressão parece estar demarcando um lugar para Meghan, que não é o Reino Unido e, por extensão, não é a família real. Não se sabe a qual lugar ela pertence, mas se sabe que não é lá. Ela parece não ter uma identidade própria, já que a todo tempo é dito o que ela não é, ao invés do que ela é.

No segundo parágrafo, o autor afirma que Meghan, uma semana antes de se casar com Harry,

A) “viu **seu pai**, Thomas Markle, transformar-se no **centro das atenções**. Ele deveria **conduzi-la** ao altar no sábado (19), mas não viajaria para o Reino Unido devido a problemas de saúde.” (BUARQUE, 2018b, p. A12, grifo nosso).

Ainda segundo o autor, foi dessa maneira que Meghan descobriu a relação problemática entre a imprensa e a realeza. Ele ainda explica que o pai da duquesa estaria sob pressão após ser acusado de posar para paparazzi e que não viajaria por isso. E no trecho B diz

B) “O caso virou **ouro** nas mãos dos **tabloides ingleses**.” (BUARQUE, 2018b, p. A12, grifo nosso).

Ou seja: além de não estar presente no casamento da própria filha, a deixou desamparada, sem um homem para conduzi-la, e ainda a fez passar por uma situação de constrangimento, em termos do protocolo de matrimônio. Nesse sentido, percebe-se, também, o quanto a cultura patriarcal exige a presença de um homem para entregar a noiva a outro homem: ela não pode fazer isso sozinha. Esse fato não se refere apenas à notícia, mas ao contexto cultural como um todo.

É a partir da polêmica de Thomas Markle que se desenvolve a matéria, trazendo fatos históricos, como a morte de Diana, e uma entrevista com um especialista em estudos de celebridades, como podemos observar no trecho C.

C) “Os paparazzi se consolidaram como instituição na cobertura da realeza já na primeira metade do século 20. Para o historiador Ryan Linkof, que escreveu sobre a relação entre o rei Eduardo 8º e **a socialite Wallis Simpson** nos anos 1930 [...]” (BUARQUE, 2018b, p. A12, grifo nosso).

É notável a diferença de tratamento que Wallis Simpson recebe nesta notícia em comparação com a Notícia 2. Aqui, há o uso do artigo definido “a” e Simpson não é “uma americana divorciada”, como na outra matéria, mas uma socialite²⁷. Isso mostra que ela era personalidade de proeminência e teve destaque nas rodas da alta sociedade antes de se casar com o rei. É uma construção que se revela menos machista, desta vez redigida por um homem.

Na mesma frase, há o retorno de um conceito já mencionado antes:

D) “O aparecimento desse tipo de registro no cotidiano da realeza foi importante para o país porque a **autoridade política** da monarquia britânica é derivada do seu **simbolismo**.” (BUARQUE, 2018b, p. A12, grifo nosso).

Como na Notícia 1, que trouxe o fato de que o diamante do anel de Meghan pertenceu à Diana, há aqui o simbolismo, dessa vez escancarado. Para o entrevistado, o simbolismo é importante para reafirmar a autoridade do país. E apesar de em diversos momentos a *Folha* desvalorizar a monarquia, ela acaba auxiliando na manutenção do poder, já que traz o simbolismo em suas matérias e torna eventos como o casamento, acontecimentos noticiáveis. Apesar da influência que a família real exerce desde o início dos tempos mesmo sem a imprensa,

²⁷ De acordo com o dicionário Michaelis, socialite significa “pessoa de destaque nas rodas da alta sociedade.” (SOCIALITE, 2019).

a publicação de fatos que torna seus integrantes conhecidos faz com que o poder continue muito grande.

E) “Às vésperas do casamento do príncipe Harry com Meghan Markle, relação de **imprensa com celebridades volta ao divã**.” (BUARQUE, 2018b, p. A12, grifo nosso).

Em relação à linha fina do texto (trecho E), é possível ter duas percepções: a de que o autor considera que os leitores da *Folha* já sabem quem é Meghan, pois usa o nome dela e não sua profissão ou nacionalidade, e de que o texto é menos machista e enaltece menos o sangue nobre, já que coloca a duquesa em posição parecida com a de Harry. Ainda assim, o casamento é “de Harry”, pertence a ele, e Meghan continua colocada como coadjuvante. A relação entre título e lide é próxima, já que o autor já cita a relação de amor e ódio entre a realeza e os paparazzi. Na matéria, não há fotos ou infográficos.

Quadro 7 - Contagem referente à Meghan Markle

Substantivo	Nº de vezes que aparece
Americana	1
Atriz	1
Divorciada	0
Mestiça	0
Negra	0

Fonte: a autora.

Quadro 8 - Interpretação referente à Meghan Markle

Frase	Interpretação
Menos de uma semana antes de se casar com príncipe Harry, ela viu seu pai Thomas Markle, transformar-se no centro das atenções . Ele deveria conduzi-la ao altar no sábado (19), mas não viajaria para o Reino Unido devido a problemas de saúde. [...] O caso virou ouro nas mãos dos tabloides ingleses .	Relação do pai de uma noiva dentro de um casamento da realeza.

Fonte: a autora.

Quadro 9 - Interpretação referente a outras construções

Frase	Interpretação
Os paparazzi se consolidaram como instituição na cobertura da realeza já na primeira metade do século 20. Para o historiador Ryan Linkof, que escreveu sobre a relação entre o rei Eduardo 8º e a socialite Wallis Simpson , nos anos 1930, o aparecimento desse tipo de registro no cotidiano da realeza foi importante para o país porque a autoridade política da monarquia britânica é derivada do seu simbolismo .	- Aqui Wallis Simpson não é uma americana divorciada, mas uma socialite. O autor não faz relação com Meghan; - Simbolismo trazido aqui vem em matérias da <i>Folha</i>.
Às vésperas do casamento do príncipe Harry com Meghan Markle, relação de imprensa com celebridades volta ao divã .	- Terapia; - Conflito.

Fonte: a autora.

5.4 Notícia 4

Título: Casal Harry e Meghan inspira passeios por Londres, Windsor e Edimburgo

Repórter: Paula Leite

Data: 17 de maio de 2018

Editoria: Turismo

Esta matéria abre o caderno de turismo do jornal, que tem como tema passeios pelas cidades de Londres, Windsor e Edimburgo, com locais frequentados pelos noivos ou que combinam com o estilo deles, segundo a autora. Nesse caso, o tema central é o casamento, acontecimento que permitiu a notícia. Ele também é usado como gancho, como ocorre com Thomas Markle na Notícia 3.

Selecionamos a primeira frase do lide no trecho A:

A) “O príncipe Harry e **a atriz americana Meghan Markle** se casam no próximo dia 19 na capela de São Jorge, em Windsor, na Inglaterra.” (LEITE, 2018a, p. D1, grifo nosso).

A autora se refere à Meghan como “atriz americana”, mas dessa vez usa o artigo definido “a” e o nome dela. Além disso, ambos os noivos são sujeitos da frase “o príncipe Harry e Meghan Markle se casam no próximo dia 19”. Agora, o casamento parece pertencer aos dois, não apenas a Harry.

No trecho B, Meghan pode ser encarada de duas formas. Por um lado, ser moderna é consequência de ser ex-atriz, americana e divorciada. Por outro, essas características a distanciam e a deixam deslocada na nobreza, como se não fosse boa o suficiente para esse ambiente. Ela parece não se ajustar justamente por ser plebeia segundo a visão real e, além de tudo, não britânica.

B) “Afinal, Meghan, **36, americana, divorciada, ex-atriz de Hollywood**, não tem jeito de quem gosta de frequentar **só castelos e tomar chá** com membros da **corte** britânica.” (LEITE, 2018a, p. D1, grifo nosso).

Neste trecho, a autora parece resumir o que é apropriado ou não para Meghan a partir de suas características distintas. Por ser americana, divorciada e ex-atriz, ela não estaria apta a frequentar os locais que a corte britânica frequenta pois não tem a finesse, não é uma dama educada, nascida na Inglaterra e capaz de participar deste tipo de evento. Apesar da conotação cosmopolita trazida pela autora, ainda há uma crítica à Meghan no subtexto.

Ainda no trecho B, Leite (2018a) menciona a idade da duquesa. Seria algo comum, que já ocorreu em outros textos, mas a idade de Harry não aparece em momento nenhum. A repórter parece destacar o fato de Meghan ter 36 anos, como se demonstrasse mais um tipo de quebra: a mulher velha demais para se casar e se adequar aos costumes da realeza.

Há outras construções importantes para a análise, como o excerto C.

C) “se a cerimônia não terá a mesma grandiosidade daquela que, sete anos atrás, uniu William a Kate, **o príncipe ruivo e sua noiva** chamam a atenção por representarem um lado bem mais ‘cool’ da realeza britânica.” (LEITE, 2018a, p. D1, grifo nosso).

Percebe-se, como em outras matérias, a depreciação do casamento. É a união de uma celebridade atribuída (Meghan) e uma celebridade conferida (Harry), se usarmos definições de celebridade de Rojek (2008). É um acontecimento jornalístico, mas nunca chamará tanta atenção quanto o casamento de um nobre de maior escalão, como William, com uma plebeia, ainda que não celebridade. Ou seja: ambos são acontecimentos, mas em gradações bastante diferentes, segundo Leite (2018a).

Essa diferença vem, principalmente, da classificação na linha sucessória a partir do nascimento dos príncipes. Enquanto William é o primogênito e segundo na linha de sucessão ao trono, vindo apenas atrás de Charles, Harry é o sexto, e vem atrás de todos os filhos de William, como já mencionamos anteriormente. Ou seja, em termos de valor-notícia, o que é relevante se refere ao provável futuro rei, não ao irmão que, a cada novo sobrinho, fica mais longe do trono.

Por isso, Harry e Meghan parecem ocupar uma posição diferente: têm mais liberdade dentro da família britânica para serem “cool” e frequentarem locais menos engessados e cheios de regras. O casal provavelmente nunca ocupará o trono, então não precisam de toda a pompa de William e Kate. Nesse sentido, Harry e Meghan são por não serem: são mais “cool” e menos noticiáveis porque não serão os monarcas do Reino Unido.

Voltando ao trecho C, a autora utiliza o conceito de moderno, o elemento “cool”, novamente. É relevante também a identificação de Harry como príncipe ruivo: parece que, por causa da cor do cabelo, ele não se encaixa nos padrões, assim como Meghan, e isso os faz modernos.

Já nos últimos parágrafos, a autora explica que o casamento de Meghan e Harry não deve atrair muitos turistas internacionais, mas que nem mesmo o casamento de William e Kate teve esse efeito. Nesse momento, há novamente uma diminuição da importância dos casamentos reais como acontecimentos jornalísticos. Para a autora, apesar de relevantes, eles não têm impacto político e econômico muito grande. Além disso, a repórter utiliza a palavra “casório”²⁸ para se referir à união de William e Kate. Essa palavra tem uma conotação bastante informal e cômica e demonstra uma certa zombaria. O texto soa altamente editorializado e opinativo.

Por fim, no trecho D, há uma crítica aos costumes mais antigos na realeza.

D) “Inspirada nessa **nova realeza menos poeirenta**, a reportagem sugere um roteiro de viagem por Londres, Windsor e Edimburgo.” (LEITE, 2018a, p. D1, grifo nosso).

A repórter traz novamente a noção de que Harry e Meghan são um casal moderno e ainda coloca a realeza como ultrapassada. De modo comparativo e metafórico, a *Folha* assume o papel dos burgueses nas revoluções²⁹ contra a monarquia, ocorridas entre 1640 e 1850 na Inglaterra. Nesse período a realeza se torna arcaica, um regime desatualizado. Há também a relação do desenvolvimento dos jornais impressos³⁰ (do mesmo tipo que a *Folha*) com as revoluções burguesas.

²⁸ Para o dicionário Priberam, casório é um substantivo masculino informal que significa casamento. (CASÓRIO, 2019)

²⁹ “REVOLUÇÕES BURGUESAS. Movimentos político-sociais ocorridos na Europa Ocidental entre 1640 e 1850, transformando a antiga sociedade aristocrática (dominada pela monarquia absoluta e pela propriedade fundiária pertencente à nobreza) em uma sociedade capitalista dominada pela produção mercantil e pela ideologia do liberalismo. São considerados exemplos clássicos de revoluções burguesas a Revolução Inglesa (1640-1688) e a Revolução Francesa (1789). Com ambas firmaram-se os mecanismos políticos, jurídicos e ideológicos que garantiram à burguesia o desenvolvimento das relações capitalistas de produção e o exercício da dominação social e da hegemonia política sobre os demais segmentos da sociedade contemporânea.” (SANDRONI, 1999, p. 531).

³⁰ De acordo com Habermas (2014), o comércio do jornalismo começou artesanalmente, mas mudou a partir das revoluções burguesas. “Somente com o estabelecimento do Estado de direito burguês e a legalização de uma esfera pública politicamente ativa é que a imprensa que discute mediante razões consegue se livrar da pressão das

Na linha fina, aparece novamente a relação entre o casal Meghan e Harry e a modernidade, com “passeios que combinam com o estilo deles”. A conexão entre o título e o lide é indireta: o casamento é mencionado no primeiro parágrafo, mas só na última linha a autora discorre sobre a relação entre os noivos e os passeios (o lado “cool”). A foto é, como na Notícia 2, da Capela de São Jorge, em Windsor, vazia, como se não houvesse espectadores para este evento. A autoria é da agência AFP. Sua relação com os outros elementos não chega a ser desconexa. Um passeio pela capela é até coerente com o título do texto e objetivo da pauta, mas não é um local tão frequentado pelos noivos ou que faz o estilo “cool” tão afirmado pela repórter.

Quadro 10 - Contagem referente à Meghan Markle

Substantivo	Nº de vezes que aparece
Americana	2
Atriz	2
Divorciada	1
Mestiça	0
Negra	0

Fonte: a autora.

Quadro 11- Interpretação referente à Meghan Markle

Frase	Interpretação
O príncipe Harry e a atriz americana Meghan Markle se casam no próximo dia 19 na capela de São Jorge, em Windsor, na Inglaterra.	Uso de artigo definido tanto para Harry, quanto para Meghan.
Afinal, Meghan, 36, americana, divorciada, ex-atriz de Hollywood , não tem jeito de quem gosta de frequentar só castelos e tomar chá com membros da corte britânica.	- Uma pessoa americana, divorciada e ex-atriz é mais moderna; - Meghan não se encaixa no ambiente real, está deslocada.

Fonte: a autora.

convicções. Agora, essa imprensa pode sair de sua posição polêmica e aproveitar as oportunidades de ganho de uma empresa comercial.” (HABERMAS, 2014, p. 396).

Quadro 12 - Interpretação referente a outras construções

Frase	Interpretação
Se a cerimônia não terá a mesma grandiosidade daquela que, sete anos atrás, uniu William a Kate, o príncipe ruivo e sua noiva chamam a atenção por representarem um lado bem mais “cool” da realeza britânica.	- Cerimônia menos importante; - Casal mais moderno.
Apesar do frisson , o casamento não deve resultar em um aumento do número de turistas internacionais no Reino Unido. nem mesmo o casório do príncipe William, em 2011, teve esse efeito.	- Apesar de mais importante, o casamento de William também não atraiu muitos turistas internacionais; - Uso da palavra casório: mais cômica e coloquial, forma de zombaria; - Antes não gerava frisson, agora gera.
Inspirada nessa nova realeza menos poeirenta , a reportagem sugere um roteiro de viagem por Londres, Windsor e Edimburgo com toques de monarquia, juntando lugares sabidamente frequentados pelos dois noivos com outros que combinam com o estilo do casal.	- Casal mais moderno; - Realeza é ultrapassada; - A <i>Folha</i> basicamente assume o papel dos burgueses nas revoluções contra a monarquia. A realeza se torna arcaica, um regime desatualizado. Além disso, há a relação do desenvolvimento dos jornais impressos (do mesmo tipo que a <i>Folha</i>) com as revoluções burguesas.

Fonte: a autora.

5.5 Notícia 5

Título: Circuito histórico por Edimburgo termina em destilarias de gim

Repórter: Paula Leite

Data: 17 de maio de 2018

Editoria: Turismo

Perceberemos que todas as matérias deste caderno de turismo terão como principal sujeito o casamento, não os noivos propriamente ditos, justamente pelo uso deste evento como gancho. É importante dizer que a repórter viajou a convite de uma agência de viagens, assim, o objetivo do caderno não era divulgar a cerimônia (o suposto acontecimento midiático), mas divulgar o turismo local para promover a agência.

Por isso, os noivos e a família real são mais citados em exemplos de locais para visitar do que como sujeitos de ações. Não há nenhuma construção que se refere à Meghan, especificamente. Além disso, nenhum dos termos-chave que escolhemos (americana, atriz,

divorciada, negra e mestiça) aparece na matéria, diferentemente de todas os outros textos que analisamos até agora.

Ainda assim, há construções que se destacam para a análise. Percebe-se, por exemplo, a relação entre os noivos e os direitos humanos no seguinte trecho:

A) “Em viagem a Edimburgo em fevereiro deste ano, Harry e Meghan tomaram um café na Social Bites, um **negócio social** que usa os lucros obtidos nos restaurantes para ajudar **moradores de rua** (131 Rose Street e outros endereços).” (LEITE, 2018c, p. D6, grifo nosso).

Já é a terceira notícia (nas Notícias 1 e 2 isso também aparece) em que o ativismo dos noivos é enfatizado. Esta parece ser uma das principais características que a união dos dois evoca: como já mencionamos no Capítulo 2, ambos têm atuação na área de caridade e no ativismo pelos direitos humanos. O casamento parece trazer isso mais à tona e eles acabam vistos, apesar da pouca relevância política destacada nas notícias da *Folha*, como pessoas que demonstram consciência humanitária. Este é um dos poucos fatores que os faz serem vistos de maneira positiva na *Folha*, no grupo de notícias colhidas para esta pesquisa.

Podemos observar também que as noções de simbolismo e tradição retornam nesta notícia, como no trecho B:

B) “Ancorado em Edimburgo, a embarcação é um museu que pode ser visitado (ingressos a 16 libras ou R\$79) e onde se podem ver quartos usados pela rainha, a suíte de lua de mel de Charles e Diana e **o deque onde William e Harry brincavam quando crianças.**” (LEITE, 2018c, p. D6, grifo nosso).

O local tem tanta tradição que é usado por membros da família real há anos. William e Harry brincavam no deque quando crianças e agora já são adultos, com 37 e 35 anos, respectivamente. Diana, que morreu há mais de 20 anos, e Charles, primeiro na linha de sucessão, estiveram na suíte em um momento extremamente importante do casamento. E a rainha, chefe de Estado e da igreja, já utilizou o espaço. É um museu que carrega muito simbolismo por causa dos personagens que já passaram por ele e dos acontecimentos que já presenciou.

É interessante mencionar também os valores dos passeios sugeridos pela repórter. O mais barato é um sanduíche de 2 libras, que corresponde a cerca de 11 reais. Ela menciona também um menu de degustação em hotel local, que custa 89 libras (cerca de 490 reais), um passeio em que se pode preparar o próprio gim, por 100 libras (cerca de 550 reais) e uma visita ao museu que já mencionamos anteriormente, por 16 libras (90 reais). Praticamente, tudo que é mencionado sai por um valor muito alto, como se a família real saísse a um preço caro para a

Inglaterra. A cada menção de cifras há um certo tom de ironia³¹ e desprezo, como se os passeios sugeridos não valessem realmente o preço e o tempo. Consideramos o câmbio de 2019 para a conversão.

Na notícia, há três imagens. Uma mostra um dos bares mencionados pela autora no texto (a foto é dela) e a segunda um mapa da cidade com as seguintes atrações: Destilaria Pickering's Gin, Parque The Meadows, Restaurante Cannonball, Bar Devil's Advocate (o mesmo que aparece na foto), Destilaria Edinburgh Gin e Castelo de Edimburgo. Em ambas as imagens, o destaque é a gastronomia, seja em bares, destilarias ou no restaurante. A realeza aparece apenas com o castelo, onde estão abrigadas as joias reais. A terceira é uma foto da parte antiga de Edimburgo, com o castelo ao fundo e outros pontos turísticos. A autoria é de Otavio Valle, um fotógrafo da *Folha*.

Ou seja, apesar de grande parte do texto ser sobre a família real, ela pouco aparece nas imagens, e, quando aparece, é ofuscada por outros elementos. O castelo, por exemplo, aparece entre diversos pontos turísticos que não têm relação com a realeza. No título e na linha fina, a família real também não aparece. Inclusive, nesta última, a autora afirma que Edimburgo vai além do castelo e uísque, demonstrando que há outras coisas para conhecer além do principal símbolo da realeza no local e da clássica bebida. O título, a linha fina e as imagens parecem coerentes entre si, mas a relação com o texto ainda é um pouco desconexa, uma vez que ele traz muito mais sobre a família real.

Quadro 13 - Contagem referente à Meghan Markle

Substantivo	Nº de vezes que aparece
Americana	0
Atriz	0
Divorciada	0
Mestiça	0
Negra	0

Fonte: a autora.

³¹ “Tradicionalmente define-se a ironia como a figura de retórica em que se diz o contrário do que se diz, o que implica no reconhecimento da potencialidade de mentira implícita na linguagem. E embora varie, conforme a época, a percepção do mundo como balanço entre verdade/falsidade, a estratégia da ironia será basicamente a de falar por antifrases, principalmente se ampliado o conceito de ‘contrário’ para ‘diferente’ e se se considerar que a ironia ‘expressa’ muito mais do que diz.” (DUARTE, 1994, p. 55).

Quadro 14 - Interpretação referente à Meghan Markle

Frase	Interpretação
-	-

Fonte: a autora.

Quadro 15 - Interpretação referente a outras construções

Frase	Interpretação
Em viagem a Edimburgo em fevereiro deste ano, Harry e Meghan tomaram um café na Social Bites, um negócio social que usa os lucros obtidos nos restaurantes para ajudar moradores de rua (131 Rose Street e outros endereços).	Ativismo e direitos humanos.
Ancorado em Edimburgo, a embarcação é um museu que pode ser visitado (ingressos a 16 libras ou R\$79) e onde se podem ver quartos usados pela rainha, a suíte de lua de mel de Charles e Diana e o deque onde William e Harry brincavam quando crianças .	Simbolismo, tradição.

Fonte: a autora.

5.6 Notícia 6

Título: Londres chama para piquenine [SIC] em jardim real e exposições temáticas no palácio

Repórter: Paula Leite

Data: 17 de maio de 2018

Editoria: Turismo

Como já mencionamos na Notícia 5, o casamento real é o gancho para o caderno de turismo destacar as atrações no Reino Unido. Assim, o casamento é novamente o tema principal, considerando nossa classificação. Nesta notícia em específico, a repórter traz sugestões de passeios em Londres e Windsor. Não há menção aos termos-chave que escolhemos, como aconteceu na última notícia.

Inicialmente, podemos observar como, para a autora, Meghan e Harry têm pouca relevância, principalmente em comparação com William e Kate. Já observamos este tratamento em outras notícias. Nota-se no trecho A:

A) “Em meio aos jardins, no **Palácio de Kensington**, vivem William, Kate e família. E, em um **modesto Chalé**, Harry e Meghan, por enquanto.” (LEITE, 2018d, p. D4-D5, grifo nosso).

Há, novamente, a designação de espaços específicos para posições de importância, como já observamos na Notícia 2 da mesma repórter. Enquanto Meghan e o sexto na linha de sucessão vivem em um modesto chalé, que combina com a modesta posição deles, Kate e o segundo na linha de sucessão vivem em um palácio, local muito maior e mais luxuoso, que combina com o provável futuro rei. A autora usa ainda a palavra “modesto”, sendo que, no imaginário social, o chalé já é visto como uma residência mais simples. É uma forma de reforçar a diferença do chalé para o palácio.

E no excerto B, observamos, novamente, certo desprezo e depreciação do casal Harry e Meghan, como já ressaltamos anteriormente.

B) “De lá é um pulo até a região do West End, onde ficam os teatros. Harry e Meghan foram ao Gielgud Theatre (Shaftebury Avenue) no ano passado assistir ‘The Curious Incident Of The Dog in the Night Time’. Hoje a peça em cartaz no local é **a bem avaliada** ‘The Ferryman’.” (LEITE, 2018d, p. D4-D5, grifo nosso).

Quando a autora não menciona a qualidade da peça “The Curious Incident Of The Dog in the Night Time” e diz que “The Ferryman” é um espetáculo bem avaliado, no subtexto, o entendimento é que a peça que Harry e Meghan assistiram não é boa. O casal parece ser visto como inferior, já que escolhe assistir espetáculos de má qualidade.

Este texto em específico está em página dupla. Na segunda página há um título separado, uma espécie de retransição, que inicia o texto sobre Windsor. Escolhemos tratar os dois trechos como uma mesma notícia, já que as imagens usadas dividem espaço com ambos os trechos (Ver anexos F e G).

Dito isso, no excerto C (e segunda parte da notícia) há, ao menos, dois modos de interpretação possíveis, ambos relacionados ao uso da palavra palco.

C) “É possível visitar a parte pública do castelo, que inclui a capela de São Jorge, **palco** do casamento de Harry e Meghan, e os salões formais onde os convidados serão recebidos.” (LEITE, 2018d, p. D4-D5, grifo nosso).

Primeiro, observa-se que o casamento, mesmo visto como de pouca repercussão política na Inglaterra e no mundo, ainda é um show, algo que chama atenção, um espetáculo. Mas essa mesma definição pode fazer a união ser vista de forma negativa: em um palco também acontece algo encenado, como se o casamento fosse algo planejado para agradar quem assiste e os sentimentos do casal não fossem reais.

Também neste texto, há certos desprezo e ironia, como apresentado na Notícia 5. O valor dos passeios mencionados vai de 69 a 859 reais, demonstrando novamente o preço da família real. A autora parece dizer, nas entrelinhas, que ninguém ou poucas pessoas se disporiam a pagar valores como esses por passeios que nem valem tanto a pena, como as aulas de polo, por 859 reais a hora. A repórter demonstra que o esporte, muito praticado na realeza, é algo para pessoas privilegiadas.

Divididas entre as páginas, há quatro fotos. Na maior, o Kensington Gardens, local onde William e Kate vivem (creditada como divulgação). O “modesto chalé”, mencionado na matéria, não aparece, sem dar destaque a Meghan e Harry, novamente desvalorizados. Abaixo, há uma foto (também de divulgação) do restaurante de um dos hotéis sugeridos na matéria, local onde o príncipe Philip, marido da rainha Elizabeth, celebrou a despedida de solteiro.

Em outra imagem (da AFP), um membro da banda da cavalaria real, que tocará no casamento: só aparecem as mãos, o instrumento e uma bandeira com um brasão, sem o rosto. E, por fim, a vitrine de uma loja de suvenires em Windsor, com bandeiras e máscaras de Harry e Meghan. Esta foto é da Associated Press.

Há também um mapa que mostra alguns dos pontos turísticos mencionados na matéria, incluindo o Kensington Gardens, o Hotel Dorchester, o restaurante Tom’s Kitchen, a loja Fortnum & Mason e a St. James Square.

Diferentemente da última notícia, todas as imagens que aparecem aqui têm alguma relação com a família real. Apesar disso, a única imagem em que aparece um ser humano, tem a cabeça cortada. É novamente a noção de despovoamento, de que a família real não chama mais tanto a atenção de pessoas.

Tanto os títulos quanto a linha fina evocam a presença da família real. No título principal, há o “jardim real” e as “exposições temáticas no palácio”; na linha fina, os “vestidos de Diana”; e no título secundário, a autora menciona justamente a capela onde o casamento ocorrerá. A relação entre os títulos, a linha fina, as imagens e o texto é bastante coerente. Em relação ao lide, o primeiro local mencionado é a Piccadilly Circus, que não se relaciona muito à família real. Apesar disso, a matéria tem uma configuração menos jornalística e mais literária, então não exige tanto a conexão direta. Ainda assim, é um pouco incoerente.

Quadro 16 - Contagem referente à Meghan Markle

Substantivo	Nº de vezes que aparece
Americana	0

Atriz	0
Divorciada	0
Mestiça	0
Negra	0

Fonte: a autora.

Quadro 17 - Interpretação referente à Meghan Markle

Frase	Interpretação
-	-

Fonte: a autora.

Quadro 18 - Interpretação referente a outras construções

Frase	Interpretação
Em meio aos jardins, no Palácio de Kensington , vivem William, Kate e família. E, em um modesto Chalé , Harry e Meghan, por enquanto.	- Para um casal menos importante e modesto, uma casa modesta; - Modesto em relação a quê?; - Texto adjetivado, editorializado, opinativo.
De lá é um pulo até a região do West End, onde ficam os teatros. Harry e Meghan foram ao Gielgud Theatre (Shaftebury Avenue) no ano passado assistir "The Curious Incident Of The Dog in the Night Time". Hoje a peça em cartaz no local é a bem avaliada "The Ferryman".	A peça em cartaz agora é bem avaliada, mas a repórter dá a impressão que a que eles foram não é.
É possível visitar a parte pública do castelo, que inclui a capela de São Jorge, palco do casamento de Harry e Meghan, e os salões formais onde os convidados serão recebidos	- Palco significa um show, uma apresentação. Talvez, uma encenação, uma peça teatral, como se aquilo não fosse real; - Apesar da pouca repercussão política, o casamento ainda é um espetáculo, algo que chama atenção.

Fonte: a autora.

5.7 Notícia 7

Título: Meghan Markle pode modernizar imagem da família real e mudar atitudes sobre raça

Repórter: Daniel Buarque

Data: 18 de maio de 2018

Editoria: Mundo

Em relação à categorização estabelecida, esta notícia se refere claramente à Meghan. É, inclusive, a primeira vez em que ela é sujeito no título. Nesse momento, ela parece passar a agir por conta própria, já que, segundo o autor, é capaz de modernizar a imagem da realeza e mudar atitudes sobre raça. Este, também, é um dos únicos textos em que a ascendência negra de Meghan é mencionada como elemento promotor de mudanças. O repórter chega a abordar temas como preconceito já no primeiro parágrafo, como podemos observar no excerto A.

A) “**Atriz americana, de raça mestiça e divorciada**’. No dia em que foi anunciado o casamento do príncipe Harry, o sexto na linha de sucessão do trono britânico, era assim que as principais rádios de notícia de Londres resumiam repetidamente, de forma um tanto **preconceituosa**, quem era Meghan Markle, 36.” (BUARQUE, 2018a, p. A12, grifo nosso).

Até o momento, este é o único autor que critica a maneira pela qual a mídia europeia se refere à Meghan. Em outras matérias, pouco se explicita a ascendência negra de Meghan, inclusive. É um elemento que só aparece para explicar a origem dela: a mãe negra e o bairro negro (Notícia 1), não para falar sobre o impacto que isso trará na realeza. Além disso, ele disserta sobre como as interseccionalidades de Meghan a tornam um elemento de destaque. Mas apesar do tratamento diferente dado à duquesa, para o repórter, o casamento ainda é de Harry, pertencente a ele, mesmo sendo o sexto na linha de sucessão ao trono, que dificilmente será rei. Novamente, uma possível reflexão sobre machismo e enaltecimento do sangue nobre.

O texto traz, também, mais detalhes sobre a formação de Meghan. Enquanto na Notícia 1, o autor só menciona que ela é formada em Comunicação, neste aparece inclusive a faculdade onde ela se formou, como podemos observar no excerto B.

B) “O fato de ela ser uma atriz bem sucedida, **formada em artes cênicas e em relações internacionais pela Universidade Northwestern** e de atuar como **defensora dos direitos humanos das mulheres na ONU**, acabou deixado de lado no primeiro contato com a nova ‘princesa’ - seu título oficial após o casamento vai ser duquesa.” (BUARQUE, 2018a, p. A12, grifo nosso).

Agora, o autor parece mais cuidadoso que o da Notícia 1, já que traz a graduação correta de Meghan. Além disso, ela não aparece como uma “atriz de séries de TV” (Notícia 2), mas como “atriz bem sucedida” e “defensora dos direitos humanos das mulheres na ONU”. Parece uma personagem muito mais aprofundada e atuante na sociedade do que a que foi apresentada em outras matérias. Ou seja, a construção de uma imagem mais positiva. E, novamente, o autor critica o fato de as interseccionalidades dela (vistas de maneira negativa pelos conservadores) chamarem mais atenção do que a formação e o ativismo de Meghan. Há um tom menos machista

e conservador. Também há a menção ao ativismo de Meghan, já visto em outros textos, que faz com que a duquesa seja vista como pessoa boa e útil à sociedade.

O repórter parece ver como positiva a entrada de Meghan na família real. Ele sugere uma quebra das tradições e uma modernização a partir deste acontecimento. Seleccionamos alguns trechos em que isso acontece.

C) “Analistas agora indicam que a **personalidade forte da atriz** pode fazer um **contraste positivo** com as **arcaicas instituições** da monarquia britânica.” (BUARQUE, 2018a, p. A12, grifo nosso).

D) “Segundo elas [Emma Duncan, editora da Economist, e Valentine Low, correspondente do Times para a realeza], Meghan não apenas vai se consolidar como uma das mulheres mais famosas do mundo como passará a integrar uma instituição que sobrevive em meio a **processos constantes de transição democrática** no país.” (BUARQUE, 2018a, p. A12, grifo nosso).

E) “O casamento com a ‘**americana mestiça**’ pode ainda ajudar a mudar a atitude dos britânicos em relação à raça. Meghan já disse ter visto sua mãe enfrentar **racismo** nos Estados Unidos e que sempre teve dificuldades ao se posicionar como **mestiça**.” (BUARQUE, 2018a, p. A12, grifo nosso).

F) “A atuação de Meghan como **atriz e ativista**, bem como quanto ela batalhou para alcançar o que queria, ajuda a **quebrar estigmas da realeza**.” (BUARQUE, 2018a, p. A12, grifo nosso).

O repórter chega a trazer um texto quase opinativo. A todo momento ele reafirma que a entrada de alguém com as características de Meghan quebrará estigmas e tradições arcaicas. No trecho C, há novamente (Notícia 4) a visão da família real pela ótica das revoluções burguesas: se a realeza é arcaica, tudo que traz modernização (como é o caso de Meghan) é positivo. Além disso, a duquesa agora é apenas atriz, não “atriz americana”, como mencionado em grande parte das outras notícias.

No excerto D, o autor afirma que a instituição sobrevive a processos constantes de transição democrática. É, de certa forma, uma crítica: parece que a monarquia não ser democrática é algo negativo para o autor. Ainda assim, a construção é vaga: ele não diz quais os processos. Considerando o momento político pelo qual a Inglaterra passa (votação do Brexit e constantes mudanças de primeiro-ministro), estes processos poderiam se referir a uma infinidade de fatos.

No excerto F, o autor afirma novamente que o acontecimento da entrada de Meghan trará uma quebra nos estigmas da realeza, justo por sua atuação como atriz e ativista. Se repete também a visão positiva da celebridade Meghan. O repórter ainda afirma que ela trabalhou muito para conseguir o que queria (apesar de não dizer exatamente o que ela queria). A duquesa

é vista como uma mulher trabalhadora, atuante no ativismo, de personalidade forte e que trará benefícios à sociedade britânica, diferente de outras matérias. A entrada de uma pessoa com interseccionalidades seria uma maneira de modernizar a realeza e de diminuir o preconceito no Reino Unido.

No trecho E, ele menciona a palavra mestiça duas vezes. Apesar do que já falamos sobre o colorismo (item 3), a maneira pela qual a imprensa enxerga Meghan parece ser resultado também da autodefinição que ela mesma faz: mestiça. Ela não parece se considerar negra, o que, de certa forma, faz com que a imprensa tente separá-la de sua ascendência. Sua pele mais clara também invisibiliza a negritude, ainda mais em jornal do Brasil, onde as definições de raça são mais turvas (SOUSA, 2018).

Este pode ser um dos motivos de a ascendência negra de Meghan ser pouquíssimo mencionada nas notícias. Também neste trecho, o autor traz à tona, novamente, o racismo. Ainda que mais explicativo em relação ao preconceito, a colocação de que só a mãe de Meghan sofre racismo, acaba separando, como em outras matérias, a duquesa de sua negritude. A mãe dela é negra, então sofre racismo, mas Meghan não é, então não sofre.

A atuação da duquesa como ativista é mencionada pela terceira vez no trecho G. O trabalho dela com direitos humanos seria algo vindo desde a infância, não motivado pela família real, que costuma exigir esse tipo de atuação. O ativismo é visto como algo real, não algo feito obrigatoriamente para chamar atenção da imprensa.

G) “Nessa época, teve o primeiro contato com o **ativismo humanitário**, que ela diz que vai se tornar o foco da sua atuação após se tornar parte da realeza britânica. **Aos 11 anos** ela criou uma campanha contra um anúncio machista na TV.” (BUARQUE, 2018a, p. A12, grifo nosso).

A carreira bem sucedida de Meghan como atriz é mencionada em diversos momentos, como observaremos nos trechos selecionados.

H) “Meghan costumava acompanhar o pai, Thomas Markle, que trabalhava na produção da **série ‘Married...with Children’** (conhecida no Brasil como ‘Um Amor de Família’).” (BUARQUE, 2018a, p. A12, grifo nosso).

I) “Apesar disso, Meghan **não conquistou espaço facilmente em Hollywood.**” (BUARQUE, 2018a, p. A12, grifo nosso).

J) “O principal trabalho como atriz foi conquistado em 2011, quando ela passou a interpretar Rachel Zane na **série ‘Suits’**, disponível no Brasil pela Netflix. Mesmo sem ser uma superestrela, recebia **US\$ 50 mil (R\$ 185 mil) por episódio** até deixar a produção, antes do casamento.” (BUARQUE, 2018a, p. A12, grifo nosso).

No trecho H, o autor parece relacionar a origem da carreira de Meghan como atriz com a profissão do pai dela, que trabalhou em uma série bastante conhecida. Apesar disso, ele não menciona que a série tem tendências machistas³² e é a típica sitcom “pastelão”. Essa falta de explicação sobre o tema da série parece uma forma de não prejudicar a imagem de Meghan, tanto por sua relação com o feminismo, quanto por a série não ser muito bem vista pela crítica. Ainda assim, o repórter podia não ter mencionado nem nome da série. A menção apenas do nome pode ser uma maneira de prejudicar a duquesa. São duas interpretações opostas.

Quando se lê apenas o trecho H, sem nenhum contexto, as noções de colorismo e mestiçagem (conceito que definiremos no item 5.10) podem voltar à tona, especialmente a quem já conhece o histórico de Meghan e sabe que ela teve dificuldade no início da carreira de atriz porque, nas palavras dela, “não era negra o suficiente para os papéis negros e não era branca o suficiente para os brancos, deixando-me em algum lugar no meio como a camaleoa étnica que não conseguia um papel.” (MEGHAN, 2019 - tradução nossa). O autor parece inferir este conceito, mas completa o parágrafo dizendo que o primeiro trabalho de Meghan foi como “garota da mala” em um programa de televisão. Aqui ele parece dizer que a duquesa batalhou pelo seu espaço e reafirma a noção de uma mulher independente e trabalhadora. Soa como se ela fosse uma pessoa de verdade, não alguém criado pela mídia.

E no trecho J, o autor enaltece o trabalho de Meghan como atriz. É o único texto, entre todos que analisamos, que aparece o nome da personagem que ela interpretava em “Suits”, o salário que ela ganhava e onde a série pode ser assistida. Diz também que apesar de não ser uma grande estrela, ela ganhava cerca de 185 mil reais por episódio filmado. Ou seja, ela não era muito famosa, mas também não era uma atriz desconhecida e era uma boa profissional, uma vez que tinha um salário alto. Meghan aparece novamente como mulher independente, que ganhou uma fortuna por conta própria.

Na última parte do texto, o autor discorre sobre a história da casa de Windsor. Já no penúltimo parágrafo, ele menciona Wallis Simpson, personagem que já apareceu nas Notícias 2 e 3. Aqui, ela não é comparada com Meghan (por também ser americana e divorciada), mas aparece apenas como parte da história e motivo de o rei George 5º ter abdicado do trono. O autor se refere a Wallis como “a americana divorciada Wallis Simpson”, utilizando o artigo definido “a”. Ele não menciona que Wallis é uma socialite, nem qualquer outro detalhe além

³² A atriz Katey Seagal, uma das protagonistas de “Married...With Children”, afirmou, em 2017, que a série era misógina. “As mulheres foram retratadas como se fossem muito exploradas naquele programa. Isso fazia parte do negócio de Al Bundy - ele gostava de mulheres gostosas e eles as mostravam o tempo todo”, disse Sagal ao apresentador Ricky Camilleri.” (BLAY, 2017, tradução nossa).

de ser americana e divorciada. Dito isso, o texto parece menos machista do que a Notícia 2, já que usa um artigo definido, mas ainda não traz os detalhes da Notícia 3. Neste trecho, esses detalhes não parecem tão relevantes, já que as características de Wallis só estão presentes para justificar a abdicação do rei.

Para complementar a última parte do texto, há uma árvore genealógica da família real britânica. Este elemento tem relação com o título. O autor parece inferir que Meghan irá entrar nesta árvore genealógica e realizar mudanças, modernizando-a e trazendo sua mestiçagem para o sangue branco e nobre. Portanto, o lide, o texto, o título e a árvore também se interrelacionam.

Acima do texto, há uma foto da agência AFP. Nela, um homem sorridente posa com figuras de papelão de Harry e Meghan, enquanto uma pessoa o fotografa. Apesar de a matéria não mencionar o turismo em Windsor, essa é a única foto de um espectador do casamento que veremos na análise. O uso da imagem parece dizer que o casamento está movimentando a cidade, que tem relevância e que será assistido, diferentemente de todas as imagens despovoadas que já observamos. Mostra também que a *Folha* tinha acesso a fotos com pessoas e optou por não utilizá-las. A foto também evoca o sentido de modernização e mudança de atitudes sobre raça. O homem que aparece é branco. Ele parece aceitar completamente Meghan como mulher birracial, já que se dispõe, sorridente, a posar com uma figura de papelão dela. Esta é a relação com o título e o texto. Nesta notícia não há linha fina.

Quadro 19 - Contagem referente à Meghan Markle

Substantivo	Nº de vezes que aparece
Americana	2
Atriz	5
Divorciada	1
Mestiça	3
Negra	0

Fonte: a autora.

Quadro 20 - Interpretação referente à Meghan Markle

Frase	Interpretação
“Atriz americana, de raça mestiça e divorciada.” No dia em que foi anunciado o	- Racismo; - Casamento ainda é do Harry.

casamento do príncipe Harry, o sexto na linha de sucessão do trono britânico, era assim que as principais rádios de notícia de Londres resumiam repetidamente, de forma um tanto preconceituoso , quem era Meghan Markle, 36”.	
Meghan Markle pode modernizar imagem da família real e mudar atitudes sobre raça	O fato de Meghan ser birracial, divorciada, atriz e americana a torna mais moderna do que a família real.
O fato de ela ser uma atriz bem sucedida, formada em artes cênicas e em relações internacionais pela Universidade Northwestern e de atuar como defensora dos direitos humanos das mulheres na ONU , acabou deixado de lado no primeiro contato com a nova “princesa” - seu título oficial após o casamento vai ser duquesa.	- Direitos humanos e ativismo; - Atriz bem sucedida; - Na Notícia 1, a <i>Folha</i> dizia que ela era formada em Comunicação.
Analistas agora indicam que a personalidade forte da atriz pode fazer um contraste positivo com as arcaicas instituições da monarquia britânica.	- Relação das características “modernas” da atriz com a ultrapassada monarquia; - A <i>Folha</i> basicamente assume o papel dos burgueses nas revoluções contra a monarquia. A realeza se torna arcaica, um regime desatualizado. Além disso, há a relação do desenvolvimento dos jornais impressos (do mesmo tipo que a <i>Folha</i>) com as revoluções burguesas.
Segundo elas, Meghan não apenas vai se consolidar como uma das mulheres mais famosas do mundo como passará a integrar uma instituição que sobrevive em meio a processos constantes de transição democrática no país.	- A entrada de Meghan será positiva para a realeza britânica; - A realeza não é uma instituição democrática.
Uma pesquisa de opinião global divulgada nesta semana parece indicar que o apelo de Meghan pode realmente ajudar. Segundo o levantamento 29% dos entrevistados em 28 países têm opinião positiva a respeito da futura duquesa, enquanto apenas 10% a rejeitam . Dito isso, mais de 60% afirmaram ainda não ter uma opinião sobre Meghan.	- O autor traz dados positivos sobre Meghan; - Uso da palavra “apenas” para reafirmar o pequeno número de pessoas que a rejeita.
O casamento com a ‘ americana mestiça ’ pode ainda ajudar a mudar a atitude dos britânicos em relação à raça. Meghan já disse ter visto sua mãe enfrentar racismo nos Estados Unidos e que sempre teve	- Menção da palavra negra (se referindo à mãe); - Racismo; - Colorismo.

dificuldades ao se posicionar como mestiça .	
‘Não subestime o simbolismo de um casamento real. De agora em diante, vai ser impossível argumentar que ser negro é incompatível com ser britânico ’, escreveu a colunista Afua Hirsch no Guardian.	- Simbolismo; - Menção sobre ser negro.
A atuação de Meghan como atriz e ativista , bem como quanto ela batalhou para alcançar o que queria, ajuda a quebrar estigmas da realeza .	- Direitos humanos e ativismo; - Quebra da realeza arcaica com a modernidade da atriz, diferente do resto da realeza.
Nessa época, teve o primeiro contato com o ativismo humanitário , que ela diz que vai se tornar o foco da sua atuação após se tornar na parte da realeza britânica. Aos 11 anos ela criou uma campanha contra um anúncio machista na TV	- Ativismo e direitos humanos; - Ativismo precoce: Meghan ocupa uma posição útil no mundo, é uma “pessoa boa”.
Meghan costumava acompanhar o pai, Thomas Markle, que trabalhava na produção da série "Married...with Children" (conhecida no Brasil como "Um Amor de Família).	- Origem da carreira como atriz; - Série machista, muitas vezes mal avaliada pela crítica.
Apesar disso, Meghan não conquistou espaço facilmente em Hollywood .	- Atriz; - Mestiça.
O principal trabalho como atriz foi conquistado em 2011, quando ela passou a interpretar Rachel Zane na série ‘Suits’ , disponível no Brasil pela Netflix. Mesmo sem ser uma superestrela, recebia US\$ 50 mil (R\$ 185 mil) por episódio até deixar a produção, antes do casamento.	- Atriz; - Apesar de não ser uma superestrela, era uma atriz reconhecida pela série.

Fonte: a autora.

Quadro 21 - Interpretação referente a outras construções

Frase	Interpretação
-	-

Fonte: a autora.

5.8 Notícia 8

Título: Casamento de Harry e Meghan deve reunir 100 mil espectadores

Repórter: Diana Brito

Data: 19 de maio de 2018

Editoria: Mundo

Considerando a categorização, apesar de trazer o casamento como sujeito do título, o texto tem Meghan como personagem principal. A todo momento a autora parece questionar as quebras que a nova integrante da família trará, já que ela tem características distintas dos outros membros (atriz, americana, birracial e divorciada). O tema do texto não parece ser o que o título sugere - apenas um serviço sobre onde a cerimônia ocorrerá, em que horário, onde assistir - essas informações estão presentes, mas a essência é o questionamento sobre a inovação que Meghan deve trazer já na cerimônia.

Dito isso, no título, o casamento não é mais só de Harry, mas pertence aos dois, que ocupam posição de igualdade. Além disso, não é mais usado o termo “atriz americana” (que não aparece nem na linha fina) para se referir à Meghan, mas o nome dela. Com o tempo, a *Folha* parece considerar que o público já conhece a personagem Meghan e ela se torna mais independente, sujeito das próprias ações e um ser de vontade própria, não apenas a noiva de Harry.

Começaremos, novamente, analisando os trechos que se referem à Meghan. A noção de inovação e quebra de tradições aparece nos seguintes trechos selecionados:

A) “A cerimônia deste sábado pode surpreender ainda mais do que as anteriores, já que não se sabe até que ponto **a noiva seguirá as tradições** da família real **ou se ditará novas regras** na cerimônia.” (BRITO, 2018a, p. A20, grifo nosso).

B) “Alguns **protocolos serão quebrados** nesse percurso. **A noiva entrará sozinha** na capela e caminhará alguns metros até chegar na nave da igreja, onde estará localizado o coral e Charles, que a acompanhará dali em diante.” (BRITO, 2018a, p. A20, grifo nosso).

C) “Tradicionalmente, o pai da noiva entrega sua mão para seu futuro marido. Agora, **Charles deve ficar parado, um passo atrás, e deixar que Meghan chegue sozinha ao altar** onde se encontrará com Harry.” (BRITO, 2018a, p. A20, grifo nosso).

No trecho A, a autora já começa questionando as quebras de tradição que Meghan poderá trazer e diz que ela poderá “ditar” novas regras. A noiva é encarada sob o signo da ruptura: ou ela segue as tradições ou ela dita³³, impõe o que quer. Parece não existir meio termo, nem equilíbrio de forças, em sendo ela ativista e feminista. Inclusive, ser feminista traz, muitas

³³ Definição: “prescrever, impor”. (DITAR, 2019).

vezes, essa noção do radical: a mulher feminista não conversa civilizadamente, não sabe discutir, só sabe impor suas vontades.

No trecho B, a repórter traz protocolos que já tem confirmação que serão quebrados: a noiva entrará sozinha e depois será acompanhada por Charles. Há novamente o conceito feminista, da mulher independente que ditará novas regras e trará a inovação para a família real desde o primeiro momento da cerimônia. O mesmo acontece no trecho C. Charles a acompanha até certo ponto, mas a noiva feminista e independente ditou uma nova mudança: chegar sozinha ao altar. Apesar disso, toda essa quebra de tradições é controlada pela família real e acompanhada por um homem nobre, no caso, Charles. Ainda que ela pareça fazer as próprias escolhas, é tudo uma concessão do patriarcado e da nobreza.

Neste texto, o casamento real não parece ser encarado como algo supérfluo e irrelevante. A autora traz dados que demonstram a grande movimentação de turistas que acontecerá por causa do evento e o descreve como cerimônia “intimista”, não pequena e pouco importante. Seleccionamos dois excertos que demonstram isso.

D) “Apontado pela mídia como o **casamento mais esperado do ano**, a cerimônia religiosa entre o príncipe Harry, 33, e a **atriz americana** Meghan Markle, 36, deve reunir ao menos **100 mil pessoas** neste sábado (19), em Windsor, na Inglaterra, segundo autoridades locais.” (BRITO, 2018a, p. A20, grifo nosso).

E) “O templo, onde cerca de **600 convidados** devem assistir ao casamento real, é uma **obra-prima** da arquitetura gótica e, para muitos britânicos, **mais intimista** que Abadia de Westminster, onde William e Kate se casaram diante de quase **2000 pessoas** em 29 de abril de 2011.” (BRITO, 2018a, p. A20, grifo nosso).

O casamento parece representado, aqui, como um evento realmente relevante. No trecho D, ele é caracterizado como o mais esperado do ano, que deve reunir ao menos 100 mil pessoas. Isso já aparece no primeiro parágrafo (lide), diferente da Notícia 2, em que demora quatro parágrafos para aparecer. Meghan ainda é caracterizada como atriz americana, apesar de estar muito próxima de se tornar duquesa.

No trecho E, como já afirmamos, o casamento é adjetivado como intimista, não pouco importante. Brito (2018a) não parece ver o fato de Meghan e Harry receberem menos convidados do que William e Kate como algo negativo e de pouca importância política, como era a visão de Leite (2018a; 2018b; 2018c; 2018d). Na linha fina, Brito (2018a) afirma, inclusive, que a boda real tem apelo global. Ou seja, tem importância para o mundo todo como acontecimento.

Agora, traremos trechos que, como em outras notícias, ecoam o simbolismo da realeza.

F) “Já Harry e Meghan se casarão **sob a proteção do santo guerreiro**, na capela de São Jorge, no Castelo de Windsor.” (BRITO, 2018a, p. A20, grifo nosso).

G) “Já no buquê haverá um **raminho de murta**, uma **tradição nas bodas reais** desde o casamento de Elizabeth, mãe da atual rainha.” (BRITO, 2018a, p. A20, grifo nosso).

No trecho F, a autora parece insinuar que o casal precisa de proteção, justo por causa das interseccionalidades que os rondam (principalmente no caso de Meghan). A personalidade São Jorge traz também uma carga bastante simbólica, do soldado que protege quem necessita, como parece ser o caso dos noivos. No trecho G, como na Notícia 1, a repórter menciona o raminho de murta, uma tradição real. Novamente aparece o simbolismo, mas dessa vez parece visto de maneira positiva, como se esse tipo de tradição fosse algo interessante. Em outra matéria, Leite (2018a) fala do raminho com certa zombaria e, de certa forma, tenta diminuir a tradição, como se fosse algo supérfluo e sem importância.

Junto com o texto, vem uma foto, da agência Reuters, de Meghan e a mãe, Doria Ragland, sorridentes, chegando a um hotel para passar a noite antes do casamento. Já no primeiro olhar percebemos que Meghan é a personagem principal da matéria, pois Harry ou mesmo o local onde o casamento ocorrerá sequer aparecem. O foco é em Meghan. Apesar de Doria também estar na fotografia, ela não é citada em nenhum momento no texto. Isso pode ter acontecido porque, tradicionalmente, as mães têm papel mais coadjuvante em casamentos. Os pais costumam levar as filhas ao altar, chamando mais atenção.

A foto tem grande relação com o texto, já que traz justamente a protagonista dele, Meghan. Apesar disso, a relação entre texto e foto com o título é menos coerente. A imagem não traz, por exemplo, os espectadores citados no título, e o texto tem foco nas tradições quebradas por Meghan. A linha fina se relaciona com o texto e a foto, mas pouco com o título.

É relevante dizer que esta notícia está em uma página inteiramente sobre a família real (ver anexo I). Há um artigo de opinião sobre o feminismo de Meghan e um texto de uma historiadora britânica sobre a história da família real. O casamento aconteceu no dia 19 de maio e a Notícia 8 é do jornal desse dia, por isso a presença maior de matérias sobre o assunto.

Quadro 22 - Contagem referente à Meghan Markle

Substantivo	Nº de vezes que aparece
Americana	1
Atriz	1

Divorciada	0
Mestiça	0
Negra	0

Fonte: a autora.

Quadro 23 - Interpretação referente à Meghan Markle

Frase	Interpretação
A cerimônia deste sábado pode surpreender ainda mais do que as anteriores, já que não se sabe até que ponto a noiva seguirá as tradições da família real ou se ditará novas regras na cerimônia.	- Quebra de tradição; - Meghan é diferente e moderna; - A noiva é encarada sob o signo da ruptura: ou ela segue as tradições ou ela dita. Não existe meio termo, nem equilíbrio de forças, em sendo ela ativista e feminista.
Alguns protocolos serão quebrados nesse percurso. A noiva entrará sozinha na capela e caminhará alguns metros até chegar na nave da igreja, onde estará localizado o coral e Charles, que a acompanhará dali em diante.	Quebra de tradição.
Tradicionalmente, o pai da noiva entrega sua mão para seu futuro marido. Agora, Charles deve ficar parado, um passo atrás, e deixar que Meghan chegue sozinha ao altar onde se encontrará com Harry.	- Ativismo e feminismo; - Quebra de tradição; - Machismo: apesar do feminismo e de supostamente poder tomar suas próprias atitudes, um homem precisa permitir que ela faça isso, no caso, Charles (um nobre).

Fonte: a autora.

Quadro 24 - Interpretação referente a outras construções

Frase	Interpretação
Apontado pela mídia como o casamento mais esperado do ano , a cerimônia religiosa entre o príncipe Harry, 33, e a atriz americana Meghan Markle, 36, deve reunir ao menos 100 mil pessoas neste sábado (19), em Windsor, na Inglaterra, segundo autoridades locais.	Casamento importante.
Já Harry e Meghan se casarão sob a proteção do santo guerreiro , na capela de São Jorge, no Castelo de Windsor.	- O casal precisa de proteção; - Simbolismo na proteção de São Jorge.
O templo, onde cerca de 600 convidados devem assistir ao casamento real, é uma obra-	Intimista e não menos importante.

prima da arquitetura gótica e, para muitos britânicos, mais intimista que Abadia de Westminster, onde William e Kate se casaram diante de quase 2000 pessoas em 29 de abril de 2011.	
Já no buquê haverá um raminho de murta , uma tradição nas bodas reais desde o casamento de Elizabeth, mãe da atual rainha.	Tradição e simbolismo.

Fonte: a autora.

5.9 Notícia 9

Título: Casamento real aposta na diversidade e mostra abertura da coroa

Repórter: Diana Brito

Data: 20 de maio de 2018

Editoria: Mundo

Esta é a última notícia que analisaremos. 20 de maio é dia seguinte ao casamento e, por estarmos falando de um jornal impresso, o dia em que é noticiado o fato. Apesar de a cerimônia ter papel central na notícia, a categorizaremos como referente à Meghan por causa do elemento mestiço que aparece em todo o texto, a começar do título, que traz a palavra “diversidade”. É possível observar esse elemento nos seguintes trechos:

- A) “Símbolos da monarquia se misturam a elementos da cultura **afro-americana** com **tiaras de diamantes da dinastia** e **coral gospel**.” (BRITO, 2018b, p. A18, grifo nosso).
- B) “A cerimônia do casamento do Príncipe Harry, na linha de sucessão real britânica, com a **atriz americana** Meghan Markle uniu signos tradicionais da realeza a **elementos que acenam para a origem negra** de parte da família da noiva.” (BRITO, p. A18, 2018b, grifo nosso).
- C) “Em outra aparente quebra de protocolo, um **coral gospel** entoou o sucesso **americano** ‘Stand by Me’, dos anos 1960. Ainda no segmento musical da boda, o **violoncelista britânico** Sheku Kanneh Mason, 19, interpretou três peças.” (BRITO, p. A18, 2018b, grifo nosso).
- D) “O rito contou com sermão proferido pelo reverendo **afro-americano** Michael Curry, chefe da **Igreja Episcopal**, que chamou atenção por seu **teor vivaz**, em contraste com a **sisudez dos anglicanos europeus**.” (BRITO, 2018b, p. A18, grifo nosso).

A autodefinida identidade mestiça de Meghan parece influenciar a cerimônia a todo momento. A mistura entre o clássico e o moderno, o anglicano e o protestante, o afro-americano e a realeza britânica está presente no texto. O trecho A é a linha fina do texto. Já se vê a mistura

entre a cultura afro-americana, representada pelo coral gospel, e a cultura britânica, representada pelas tiaras de diamante. É importante destacar que tudo o que tem características da cultura negra é imediatamente associado à Meghan, diferentemente das outras notícias, em que os repórteres parecem tentar distanciar a duquesa do elemento negro: a mãe dela é negra, mas ela não, o bairro em que ela morava é negro, mas ela não vive mais lá (Notícia 1). Parece que quando a realeza permite que a negritude adentre o recinto, o jornal também aceita isso.

Ainda assim, há certo distanciamento no trecho B quando a autora utiliza a palavra “acenar”³⁴. Parece que os elementos que se referem à Meghan não são realmente parte da cultura negra, apenas fazem leve referência. Ainda nesse trecho, Meghan é novamente caracterizada como “atriz americana”. Essa construção aparece em todos os textos que analisamos, exceto pelas Notícias 5 e 6 (que têm uma introdução que também utiliza essa construção). Apesar de parecer ter pouco significado, essa caracterização parece, de certa forma, negativa. Diz muito sobre o que Meghan não é: nobre e britânica. Isso parece a tornar inferior.

Nos trechos D e E, há, mais uma vez, o elemento mestiço: um coral gospel e um violoncelista britânico; um reverendo afro-americano e os anglicanos europeus. É necessário ressaltar, novamente, a crítica aos anglicanos, que acaba sendo uma crítica à monarquia também, já que a rainha é a chefe da igreja. Enquanto o reverendo se caracteriza pelo “teor vivaz”, os britânicos se destacam pela “sisudez”. Esse termo remete à “realeza poeirenta” da Notícia 4. A família real parece sempre ser associada ao antigo, ultrapassado, sisudo. Aparece de novo a visão das revoluções burguesas, que mencionamos anteriormente.

Aparece também neste texto a união entre celebridades conferidas (nobres), atribuídas (atores, cantores, etc) e adquiridas (sujeitos com realizações em competições abertas) (ROJEK, 2008 apud SIMÕES, 2013), como podemos observar no trecho F.

F) “Entre eles, estavam o **ator** George Clooney, e a sua mulher, a advogada Amal Alamuddin, a **tenista** Serena Williams e a **apresentadora** Oprah Winfrey.” (BRITO, p. A18, 2018b, grifo nosso).

Apesar de a associação entre nobres e celebridades atribuídas e adquiridas não acontecer exclusivamente por causa de Meghan (este tipo de relação já aconteceu antes, como a princesa Diana e o cantor Elton John, citada no item 2.1.2), ela aparece ainda mais por causa do trabalho dela como atriz.

³⁴ Definição: “fazer acenos; mostrar de longe (para atrair), fazer referência a.” (ACENAR, 2019).

Também nesta matéria, reaparecem o feminismo e o ativismo dos noivos, como nas Notícias 1, 2, 5, 7 e 8. Seleccionamos dois trechos em que isso acontece.

G) “Já o vestido dela leva a etiqueta da grife **francesa** Givenchy, ainda que o modelo tenha sido desenhado pela **britânica** Clare Waight Keller, **primeira mulher a dirigir a marca**.” (BRITO, 2018b, p. A18, grifo nosso).

H) “Na hora de fazer os votos, em **mais um rompimento com a tradição da realeza**, a noiva seguiu os passos de Diana e Kate Middleton e **não prometeu obedecer ao marido**. Eles em seguida **trocaram alianças** - alguns homens da coroa, como William, irmão de Harry, escolhem não portar alianças.” (BRITO, 2018b, p. A18, grifo nosso).

Em ambos os trechos, além de novamente a quebra de protocolos e mistura de tradições, há evidências do feminismo. No G, Meghan escolheu um vestido desenhado pela primeira mulher a dirigir a marca Givenchy. Demonstra a ascendência feminina em uma indústria que era comandada por homens. No trecho H, o feminismo vem à tona duas vezes: por a noiva feminista e independente ter escolhido não obedecer ao marido, e por o casal trocar alianças. É uma demonstração de igualdade, já que os dois devem mostrar que são comprometidos. Chega a trazer certo simbolismo, mostrando que os dois terão papéis igualitários enquanto casados, como na Notícia 1, em que preparam um frango juntos.

Há, ainda, um retorno do sentimento de conto de fadas, também da Notícia 1, no trecho I. A repórter escreve de forma poética, como se o dia fosse algo perfeito, que só se veria em um filme ou livro.

I) “Telões transmitiam a cerimônia para o público. **Filas se estendiam** em frente a estandes de cachorro-quente, e as **fontes dos parques no entorno viraram atração** para crianças e adultos se refrescarem do calor.” (BRITO, 2018b, p. A18, grifo nosso).

E no trecho J, revela-se o nacionalismo, que não havíamos observado em nenhuma outra notícia. O orgulho britânico é ressaltado em uma entrevista com uma família que assistia o casamento. Nesse momento, a questão da perfeição do conto de fadas aparece novamente. Só aparece o lado bom, em nenhum momento há uma entrevista com alguém que considera o evento algo ruim.

J) “‘Estou **orgulhoso** de ser **britânico**’, disse Kash Atre, 36, enquanto assistia o casamento com a mulher, a professora Anastasia Atre, 33, e gêmeos de três meses. ‘Sei que eles não vão lembrar, mas é um **momento histórico**, então tinha que trazê-los’, afirmou ela.” (BRITO, 2018b, p. A18, grifo nosso).

Esta notícia está em uma página dupla, apesar de ocupar apenas um lado (no outro há duas análises, uma sobre a relação do casal com o terceiro setor e outra sobre a diplomacia do

vestido de Meghan, ver anexos J e K). O espaço destinado já demonstra a relevância que o casamento tem como acontecimento jornalístico, ainda mais por causa das quebras de tradições que Meghan traz. Seis imagens acompanham o texto: uma do beijo dos noivos na saída da capela, uma de Doria Ragland com o príncipe Charles, uma do reverendo afro-americano Michael Curry, uma de Kate Middleton e a filha Charlotte, uma de Oprah Winfrey e uma de Meghan e Harry acenando após a cerimônia. Todas são de agências de notícia (respectivamente AFP, Associated Press, Associated Press, AFP, Reuters e AFP).

Apesar da óbvia relação entre as fotos e a cerimônia, elas não mostram muito o que o texto evidencia: a quebra de elementos e a mestiçagem. A única imagem em que isso aparece é a do reverendo. Todas as outras são comuns em casamentos da realeza: fotos das famílias dos noivos e imagens de convidados. Ou seja, a relação entre o título, a linha fina e o texto é bastante coerente, mas as fotos poderiam ter sido escolhidas de modo a evidenciar a diversidade, muito citada pela repórter. Apesar disso, cumprem a função esperada em uma matéria pós-casamento: mostrar ao público momentos clássicos, como o beijo, o passeio de carruagem com acenos, a interação entre famílias e as celebridades convidadas.

Quadro 25 - Contagem referente à Meghan Markle

Substantivo	Nº de vezes que aparece
Americana	1
Atriz	1
Divorciada	0
Mestiça	0
Negra	0

Fonte: a autora.

Quadro 26 - Interpretação referente à Meghan Markle

Frase	Interpretação
Símbolos da monarquia se misturam a elementos da cultura afro-americana com tiaras de diamantes da dinastia e coral gospel	- Ascendência negra de Meghan; - União de culturas.
A cerimônia do casamento do Príncipe Harry, na linha de sucessão real britânica, com a atriz	- Ascendência negra de Meghan; - União de culturas;

americana Meghan Markle uniu signos tradicionais da realeza a elementos que acenam para a origem negra de parte da família da noiva.	- Acenar: os elementos não fazem parte da cultura negra, só fazem muito leve referência a ela.
Já o vestido dela leva a etiqueta da grife francesa Givenchy, ainda que o modelo tenha sido desenhado pela britânica Clare Waight Keller, primeira mulher a dirigir a marca .	- União de culturas, - Ativismo e feminismo.
Em outra aparente quebra de protocolo, um coral gospel entou o sucesso americano 'Stand by Me', dos anos 1960. Ainda no segmento musical da boda, o violoncelista britânico Sheku Kanneh Mason, 19, interpretou três peças.	- Ascendência negra de Meghan; - Stand by Me aparecendo como música popular referente à cultura negra; - União de culturas; - Quebra de tradição.
Entre eles, estavam o ator George Clooney, e a sua mulher, a advogada Amal Alamuddin, a tenista Serena Williams e a apresentadora Oprah Winfrey.	- Presença de celebridades não nobres, como Meghan; - União de celebridades com realeza, como é a de Meghan e Harry.
O rito contou com sermão proferido pelo reverendo afro-americano Michael Curry, chefe da Igreja Episcopal , que chamou atenção por seu teor vivaz , em contraste com a sisudez dos anglicanos europeus .	- Ascendência negra de Meghan; - Realeza é arcaica; - Meghan moderniza a realeza; - Os anglicanos europeus e a realeza simbolizam o arcaico, o ultrapassado, o formal, enquanto o afro-americano representa o vivaz.

Fonte: a autora.

Quadro 27 - Interpretação referente a outras construções

Frase	Interpretação
Casamento real aposta na diversidade e mostra abertura da coroa	- Ascendência negra; - União de culturas; - Quebra de tradições.
Na hora de fazer os votos, em mais um rompimento com a tradição da realeza , a noiva seguiu os passos de Diana e Kate Middleton e não prometeu obedecer ao marido . Eles em seguida trocaram alianças - alguns homens da coroa, como William, irmão de Harry, escolhem não portar alianças	- Quebra de tradição; - Ativismo e feminismo.
Telões transmitiam a cerimônia para o público. Filas se estendiam em frente a estandes de cachorro-quente, e as fontes dos	- Conto de fadas; - Romance.

parques no entorno viraram atração para crianças e adultos se refrescarem do calor.	
‘Estou orgulhoso de ser britânico ’, disse Kash Atre, 36, enquanto assistia o casamento com a mulher, a professora Anastasia Atre, 33, e gêmeos de três meses. ‘Sei que eles não vão lembrar, mas é um momento histórico , então tinha que trazê-los’, afirmou ela.	Nacionalismo.

Fonte: a autora.

Quadro 28 - Contagem total referente à Meghan Markle

Substantivo	Nº de vezes que aparece
Americana	12
Atriz	15
Divorciada	5
Mestiça	3 (na mesma matéria)
Negra	0

Fonte: a autora.

5.10 A questão norteadora

Ao destrincharmos e observamos as notícias, de forma bastante próxima, pudemos observar que algumas de nossas hipóteses se confirmaram e outras não. Além disso, há o surgimento de novos conceitos que não foram observados quando da proposição do projeto.

Uma das soluções que criamos para auxiliar na resposta à questão norteadora foi o uso de uma categorização: cada notícia foi classificada como referente a Harry, à Meghan ou ao casamento real. Como resultado final, interpretamos apenas uma notícia como referente a Harry. Meghan e o casamento empatam, com quatro menções cada.

Quando iniciamos esta pesquisa, a hipótese era de que Meghan seria o principal acontecimento midiático, justo por suas interseccionalidades e pela quebra de tradição que ela representava. Ainda assim, percebemos que o casamento talvez tenha tanta relevância quanto, pelo menos na *Folha*. Na classificação, o que aumenta o número de vezes em que o casamento é tema principal é justamente o caderno de turismo. É nas Notícias 4, 5 e 6 que a união acaba sendo usada como gancho para o caderno, cujo objetivo é divulgar os locais que a agência Visit Britain oferece.

O casamento também é tema principal na Notícia 2, que acaba sendo a primeira na semana em que o evento ocorreu, em 13 de maio de 2018. A Notícia 1 informa o noivado, em 28 de novembro de 2017. Ou seja, dificilmente uma matéria que introduz o assunto traria Meghan como personagem principal, já que ela era menos conhecida. O anúncio do casamento acaba por anunciar também a noiva. A partir desse momento, falar do casamento passa a ser falar da noiva e vice-versa.

Percebemos também que todas as matérias categorizadas como referentes ao casamento foram escritas por Leite (2018a, 2018b, 2018c, 2018d), uma das maiores críticas da família real entre os repórteres do período que escolhemos analisar. Isso parece ser, para a autora, uma forma de não se aprofundar muito nas consequências políticas não governamentais do casamento, que podem não afetar muito o primeiro-ministro, por exemplo, mas evocam o debate público, quando se pensa em temas como diversidade, pluralidade, feminismo, raça e mestiçagem. As matérias com autoria dela discorrem pouco sobre as consequências sociais da entrada de Meghan na família real. Ou seja, talvez, se Leite (2018a, 2018b, 2018c, 2018d) se aprofundasse nas mudanças que o casamento poderia causar, Meghan apareceria como sujeito principal, já que suas interseccionalidades são destaque quando se fala em casamento real. O que a torna mais noticiável dentre outros fatores são justamente suas diferenças.

Apesar disso, a presença de Meghan é menos forte do que na nossa hipótese inicial. O que percebemos é que, no início, ela é tratada como “noiva de Harry” e “uma atriz americana”, mas com o tempo se torna uma mulher de personalidade forte, feminista, ativista pelos direitos humanos, responsável por uma ruptura nas tradições e a protagonista de suas próprias ações. Apesar de essas características não serem sempre vistas de maneira positiva (na Notícia 8, por exemplo, Meghan é interpretada como a feminista irredutível), elas a tornam personagem principal na *Folha*, não coadjuvante. O casamento não é mais “de Harry”, mas pertence aos dois.

Durante a análise, percebemos também a dificuldade em separar os acontecimentos midiáticos. É difícil dizer quem é realmente o acontecimento (Meghan ou o casamento) considerando que os dois estão imbricados. O valor-notícia de ambos muda a partir do momento em que se relacionam. Ou seja: o surgimento de Meghan se torna um acontecimento mais noticiável a partir do anúncio do casamento e o casamento se torna mais noticiável por ter uma personagem tão interseccional quanto Meghan.

Sobre o surgimento de novos conceitos, a mestiçagem é bastante relevante. Ela aparece em alguns momentos (como na Notícia 7), mas se torna realmente forte na Notícia 9, que tem

a diversidade como destaque. Por isso, traremos uma breve definição sobre o conceito. De acordo com o Munanga (1999), a mestiçagem

É concebida como uma troca ou um fluxo de genes de intensidade e duração variáveis entre populações mais ou menos contrastadas biologicamente. E entende-se por população um conjunto de indivíduos que se reproduzem habitualmente entre si; um conjunto definido biologicamente e não a priori. (MUNANGA, 1999, p. 17).

O antropólogo descreve a mestiçagem como ambígua. De acordo com ele, este fenômeno não pode ser encarado como apenas biológico, mas ideológico, já que seu conteúdo é afetado pelas ideias dos indivíduos que compõem esta população e pelas ações tomadas em funções destas ideias. Ainda segundo Munanga (1999), o termo é utilizado, muitas vezes, para demonstrar a diferença fenotípica entre duas populações, mas acaba considerando algumas diferenças e ocultando outras.

[...] para os países da América Latina, as diversas situações da mestiçagem são detalhadas, enquanto que, para os Estados Unidos, o grupo mestiço euro-africano não é considerado. A classificação racial naquele país contempla somente os grupos ameríndio, asiático, branco e negro. Nos Estados Unidos, o grupo mestiço não é individualizado como tal, nem na mentalidade coletiva, nem na prática social, nem nos textos legais. Os recenseamentos demográficos oficiais contabilizam somente brancos e negros. O que mostra que as categorias ‘branco’ e ‘negro’ não são apenas biológicas, mas também sócio-políticas. (MUNANGA, 1999, p. 19).

Munanga (1999) ainda cita a existência da mestiçagem desde o início dos tempos, no Egito Antigo, na Grécia Clássica e no Império Romano. O conceito nem sempre era visto como negativo. Na Grécia, por exemplo, o que importava era apenas pertencer a uma cultura, sendo uma mistura étnica ou não. Para o autor, a civilização romana era, inclusive, mestiça.

Para Bernd (2004), os conceitos de mestiçagem e hibridização encobrem, muitas vezes, um projeto racista, que previa o branqueamento por meio da mistura de raças. Ou ainda, o imperialismo cultural, com apropriação e glamourização de culturas marginalizadas para inseri-las na esfera do consumo.

Nessa medida, o conceito de mestiçagem pode servir de camuflagem à manutenção de uma identidade calcada na homogeneidade, preocupada em integrar os grupos marginalizados, mas sempre de acordo com as concepções dominantes da nação. A pós-modernidade, ao trazer à tona o conceito de híbrido, enfatiza acima de tudo o respeito à alteridade e a valorização do diverso. (BERND, 2004, p. 100).

Isso tem relação direta com a Notícia 9, que tem como tema central a mestiçagem e o hibridismo. A cultura negra, que aparece trabalhada de modo positivo, é também uma forma de apropriação e glamourização dentro do casamento. Percebe-se que os elementos desta cultura

são os principais destaques da matéria, obtendo grande valor-notícia. Eles acabam se tornando acontecimentos midiáticos, já que são “[...] ocorrências salientes que retêm a atenção pública.” (QUERÉ, 1997, p. 421 apud SIMÕES, 2011, p. 130) e são uma forma de a família real obter atenção da imprensa.

O colorismo foi outro conceito que surgiu apenas depois da leitura do material. Inicialmente, pensamos que Meghan seria retratada como negra e que se falaria com mais frequência sobre o racismo que ela sofre na sociedade britânica. Ainda assim, em diversas matérias, a duquesa é distanciada da cultura negra, como se não fizesse parte dela. Na Notícia 1, por exemplo, se diz que Meghan morou em um bairro negro, mas agora vive no Canadá. O autor também afirma que ela sofreu ataques racistas e sexistas e que a mãe dela é negra, mas não diz que ela é negra, ou mesmo, mestiça.

Este distanciamento pode ser relacionado diretamente ao colorismo. Por ter a pele clara, Meghan não é vista como negra, principalmente quando se considera o Brasil, país em que as raças são menos demarcadas (MUNANGA, 1999) (SOUSA, 2018) e é mais comum se encontrar misturas. Talvez se tivesse a pele mais escura, Meghan sofreria mais racismo nas matérias da *Folha*. Mesmo assim, esta forma de distanciamento acaba sendo racista, já que se procura afastar uma personalidade da família real de sua herança negra.

O conceito de celebridade foi imprescindível para a composição dos personagens que analisamos nesta pesquisa, incluindo todos os membros da família real. Era necessário entender o que cada um representava e os respectivos antecedentes. Apesar disso, durante a análise, este conceito repercutiu menos do que os de colorismo e acontecimento, por exemplo. O que se percebe com frequência é a já citada união entre duas celebridades, sendo uma conferida e outra atribuída. Isso foi importante para entender o valor-notícia deste casamento, mais importante do que se Harry tivesse se casado com uma pessoa comum ou se Meghan não tivesse se casado com um nobre, por exemplo.

A definição deste termo também foi importante para entender a diferença de valores que Meghan possuía antes do relacionamento com Harry (como beleza, talento, Hollywood), os que agregou (como princesa, conto de fadas, realeza) e os que manteve (como direitos humanos, feminismo e caridade), pelo menos na *Folha*. Também mencionamos isto no Item 3, mas os valores tiveram alterações após a leitura e análise das notícias.

6 CONSIDERAÇÕES E PERSPECTIVAS

A escolha de uma instituição tão antiga quanto a família real como tema de uma pesquisa carrega diversas hipóteses e pré-julgamentos. A historicidade do assunto foi desafiadora, já que foi preciso considerar diversos fatores sociais e ocorrências praticadas pelos membros da família para realizar uma análise minimamente aprofundada. Obviamente não foi possível considerar toda a história relacionada a esta instituição, mas parte dela. E ainda que seja uma análise desafiadora, é, também, enriquecedora.

A seleção de um momento específico desta família na história acontece justamente pela entrada de uma mulher que parece não pertencer ao todo. A ideia era entender como ocorria a recepção desta personalidade, por meio da análise da *Folha*, em um ambiente que não se destaca.

Ao fim desta pesquisa, percebemos que, apesar de quase confirmarmos que Meghan é o acontecimento midiático, é difícil definir a quem ou a que se refere um acontecimento. Como já discutimos, este conceito levanta diversas perspectivas e personagens, o que, apesar de, de certa forma, dificultar esta pesquisa, demonstra sua singularidade.

Percebemos também o quanto a presença de uma mulher interseccional pode modificar a maneira com que uma instituição milenar, como é a família real, é retratada na mídia. Ainda que tenhamos escolhido analisar apenas um veículo, estas mudanças são perceptíveis. A entrada de uma pessoa de ascendência negra na nobreza britânica, uma das únicas monarquias que ainda persistem nos dias atuais, pode alterar a árvore genealógica da família, fazendo com que, um dia, um monarca tenha sangue negro. Isso é percebido pela imprensa.

Ainda que a autora da pesquisa não se identifique como negra, por meio das perspectivas de outros autores e da experiência do orientador, foi possível realizar uma monografia que se aprofunda em conceitos como colorismo, mestiçagem e interseccionalidade. Houve reflexões sobre o lugar de fala, mas optamos por continuar com a pesquisa, principalmente ao perceber o machismo presente nas matérias, considerando que a autora é feminista. Ou seja: a forma de expor a misoginia nas entrelinhas foi justamente analisar os textos.

Um dos achados mais perceptíveis foi a depreciação da família real enquanto instituição, principalmente considerando os nobres que estão mais abaixo na linha de sucessão ao trono, como é o caso de Harry. Em diversas matérias, os repórteres do jornal parecem determinar lugares específicos para cada pessoa com base na posição que ocupam na linha de sucessão. Apesar de esta ordem ser determinada pela própria família real, a imprensa acaba se apropriando disso como se fosse realmente uma forma de determinar o caráter de um indivíduo

e não algo artificial, criado para fazer com que o primeiro na linha de sucessão seja aclamado e visto como superior. Esta linha não diz do caráter, apenas do status quo.

Percebemos ainda que a *Folha*, apesar de noticiar o casamento, a todo momento diminui o valor do evento como notícia. O jornal parece publicar matérias sobre o assunto para seguir um padrão estabelecido historicamente e por outros veículos. Ou seja: se a *Folha* não publicar sobre o assunto, será “furada” por outros veículos e a única a não dar a notícia. Isso pode gerar perda de credibilidade e até de leitores. O jornal pode parecer incompleto, como se não colocasse em suas páginas tudo que é relevante. Então, apesar de noticiar o casamento, coloca nas entrelinhas termos que diminuem a importância dele, o desvalorizando perante os leitores. É noticiar o casamento o depreciando, já que os editores não parecem respeitar a família real como instituição relevante.

Mas essa espécie de desvalorização acontece, com mais frequência, nas primeiras notícias. Depois, a personalidade forte, o feminismo e a mestiçagem de Meghan parecem tomar conta dos textos e acabam como tema principal. Quanto mais perto se chega do casamento, mais se questiona as quebras de tradição que a noiva representa, justo pelas interseccionalidades que ela traz consigo. Se fosse uma mulher nobre, branca, inglesa e solteira, esses questionamentos poderiam até existir, mas não da mesma forma, com racismo e colorismo.

Na *Folha*, o acesso às matérias foi bastante simples. Isso foi proposital, já que pensamos em analisar outros veículos, como o jornal Estado de S. Paulo, mas não tivemos o mesmo êxito no acesso. Uma dificuldade que encontramos foi a já citada resposta à questão norteadora. A aplicação da Análise de Discurso também foi um desafio para a pesquisadora, que nunca havia utilizado o método.

Em relação a perspectivas futuras, acreditamos que este tema é quase inesgotável. Seja o estudo de cobertura de veículos relacionados à Meghan ou a outros personagens, a família está sempre se reproduzindo, e os novos membros também podem ser objetos de novas análises. Mesmo esta monografia foi uma extensão de um outro estudo, que tinha como objetivo analisar capas da revista *Veja* nos casamentos de Harry e Meghan e Charles e Diana (TEDESCHI, 2019).

Ou seja, é fácil observar caminhos que esta pesquisa pode seguir no futuro. Citamos aqui o nascimento de Archie, filho de Meghan e Harry. É possível estudar, por exemplo, a alteração da imagem de Meghan a partir do momento em que se torna mãe. Será que a visão da feminista irreduzível e quebradora de padrões continua ou se altera?

Ou ainda, observar o casamento de Harry e Meghan em outros veículos e analisar se a cobertura segue a mesma linha de desvalorização da *Folha*. Sobre as questões da mestiçagem

e colorismo, seria interessante observar jornais ingleses e analisar se há diferenças considerando a cobertura brasileira, já que a concepção de raça é bastante variada nos dois países. A entrada de uma mulher com interseccionalidades, que carrega traços mestiços e traz consigo a presença de uma mulher negra, de pele mais escura (a mãe de Meghan), é sempre uma quebra intrigante em um ambiente tão antigo e branco como a família real britânica.

REFERÊNCIAS

- ABADIA. *In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Lisboa: Priberam Informática, 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/abadia> . Acesso em: 14 set. 2019.
- ACENAR. *In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Lisboa: Priberam Informática, 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/acenar>. Acesso em: 14 set. 2019.
- BARR, Sabrina. Meghan Markle gives ‘powerful’ speech on feminism and women’s suffrage in New Zealand. **Independent**, 28 out. 2018. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/women/meghan-markle-feminism-womens-suffrage-speech-new-zealand-duchess-of-sussex-royal-tour-a8605151.html>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BENETTI, Márcia. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. *In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (org).* Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. 1. ed. Petrópolis: Vozes, p. 107-122, 2007.
- BERND, Zilá. O elogio da criouliidade: o conceito de hibridização a partir dos autores francófonos do Caribe. *In: ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, p. 99-111, 2004.
- BLAY, Zeba. Katey Sagal says 'Married With Children' was a sexist show. **Huffpost**, 6 abr. 2017. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/katey-sagal-says-married-with-children-was-a-sexist-show_n_58e68c68e4b05894715efd0a. Acesso em: 14 set. 2019.
- BORGES, Sally. Príncipe Harry e Meghan Markle fazem primeira aparição oficial juntos. **E! Online**, 25 set. 2017. Disponível em: <https://www.eonline.com/br/news/882709/principe-harry-e-meghan-markle-fazem-primeira-aparicao-oficial-juntos>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BRITO, Diana. Casamento de Harry e Meghan deve reunir 100 mil espectadores. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.553 , 19 de maio de 2018a. Mundo, p. A20.
- BRITO, Diana. Casamento real aposta na diversidade e mostra abertura da coroa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.554, 20 de maio de 2018b, Mundo, p. A18.
- BUARQUE, Daniel. Meghan Markle pode modernizar imagem da família real e mudar atitudes sobre raça. **Folha de S. Paulo**, ano 98, n. 32.552, São Paulo, 18 de maio de 2018a. Mundo, p. A12.
- BUARQUE, Daniel. Realeza britânica ama e odeia os paparazzi. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.551, 17 de maio de 2018b. Mundo, p. A18.

CANNADINE, David. Contexto, Execução e Significado do Ritual: a Monarquia Britânica e a “Invenção da Tradição”, c. 1820 a 1977. In: HOBBSAWN, Eric, RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 1. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 111-173, 1984.

CAPELA. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/capela>. Acesso em: 14 set. 2019.

CASÓRIO. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cas%C3%B3rio>. Acesso em: 2 out. de 2019.

CINCO polêmicas do príncipe Harry ao longo dos anos. **O Globo**, [entre 2013 e 2019]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/cinco-polemicas-do-principe-harry-ao-longo-dos-anos-21505944>. Acesso em: 23 ago. 2019.

COELHO, Paulo. **Maktub**. 1. ed. São Paulo: Paralela, 2018.

COM CRESCIMENTO digital, Folha lidera circulação total entre jornais brasileiros. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/com-crescimento-digital-folha-lidera-circulacao-total-entre-jornais-brasileiros.shtml>. Acesso em: 9 maio 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem**, p. 7-16, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres Raça e Classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJAVITE, Fábila Angélica. Poder do fait divers no jornalismo: humor, espetáculo e emoção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos** [...]. Campo Grande: Intercom, p. 1 - 16, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/95531831334633995496460869458986933076.pdf>. Acesso em: 17 out. 2019.

DIANA, Princess of Wales. [2019]a. Disponível em: <https://www.britroyals.com/family.asp?id=diana>. Acesso em: 21 ago. 2019.

DIANA, Princess of Wales. [2019]b. Disponível em: <https://www.royal.uk/diana-princess-wales>. Acesso em: 21 ago. 2019.

DIANA: entre glamour, depressão e traição. **O Globo**, 30 ago. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/diana-entre-glamour-depressao-traicao-21740319>. Acesso em: 22 ago. 2019.

DITAR. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ditar>. Acesso em: 14 set. 2019.

DREHMER, Raquel. Camilla, mulher de Charles, não é vilã da família real nem rival de Diana. **MdeMulher**, 25 maio. 2018. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/camilla-mulher-de-charles-nao-e-vila-da-familia-real-nem-rival-de-diana/>. Acesso em: 22 ago. 2019.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 81-85, 1980. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/1696/1377>. Acesso em 5 set. 2019.

DUARTE, Lélia Parreira. Ironia, humor e fingimento literário. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.). **Resultados da Pesquisa Ironia e Humor na Literatura**. Belo Horizonte: UFMG, p. 54-78, 1994. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Resultados%20da%20Pesquisa%20Ironia%20e%20Humor%20na%20Literatura.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2019.

FOLHA DE S. PAULO. **O jornal mais influente do Brasil**, [2019]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml. Acesso em: 11 nov. 2019.

FRANÇA, Vera. Celebidades: identificação, idealização ou consumo? In: FRANÇA, Vera; FREIRE FILHO, João; LANA, Lígia; SIMÕES, Paula (org). **Celebidades no Século XXI: transformações no estatuto da cultura**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, p. 15-36, 2014.

FUCHS, Angela Maria Silva; FRANÇA, Maira Nani; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas. **Guia para normalização de publicações técnico-científicas**. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2013.

GIBSON, Owen. Prince Harry hit in paparazzi scuffle. **The Guardian**, 21. out. 2004. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2004/oct/21/pressandpublishing.themonarchy>. Acesso em: 23 ago. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLAMOROSO. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/glamoroso>. Acesso em: 14 de set. 2019.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

KENSINGTON PALACE. **Kensington Palace has issued a statement this morning about the harassment currently being experienced by Meghan Markle and her family**. London, 8 nov. 2016. Twitter: @KensingtonRoyal. Disponível em: <https://twitter.com/kensingtonroyal/status/795931735443861504>. Acesso em: 24 ago. 2019.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, Paula. Casal Harry e Meghan inspira passeios por Londres, Windsor e Edimburgo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.551, 17 de maio de 2018a. Turismo, p. D1.

LEITE, Paula. Casamento real deve levar mais de 100 mil turistas para a pequena Windsor. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.547, 13 maio 2018b. Mundo, p. A22.

LEITE, Paula. Circuito histórico por Edimburgo termina em destilarias de gim. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.551, 17 de maio de 2018c. Turismo, p. D6.

LEITE, Paula. Londres chama para piquenine em jardim real e exposições temáticas no palácio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.551, 17 de maio de 2018d. Turismo, p. D4-D5.

LOBO, Elisabeth Souza. O trabalho como linguagem: o gênero do trabalho. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, p. 7-16, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MANUAL da redação: Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha, 1996.

MARKLE, Meghan. Palestra proferida na Nova Zelândia. Wellington, 28 out. 2018. Disponível em: https://youtu.be/TMoVen6_XuA. Acesso em: 24 ago. 2019.

MEGHAN Markle. **IMDb**, 2019. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm1620783/bio>. Acesso em: 24 ago. 2019.

MONARQUIA. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/monarquia>. Acesso em: 13 ago. 2019.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat. **O espírito das leis**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORA, Judith. Kate Middleton, a estudante que conquistou o coração de um príncipe. **G1**, 16 nov. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/11/kate-middleton-a-estudante-que-conquistou-o-coracao-de-um-principe.html>. Acesso em: 23 ago. 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

PRÍNCIPE Harry causa polêmica ao se fantasiar de nazista. **BBC Brasil**, 13 jan. 2005. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/01/050113_harrycg.shtml. Acesso em: 23 ago. 2019.

PRÍNCIPE Harry se casará com americana. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 97, n. 32.318, 28 nov. 2017. Mundo, p. A13.

QUEEN Elizabeth II. [2019]. Disponível em: <https://www.britroyals.com/kings.asp?id=elizabeth2>. Acesso em: 21 ago. 2019.

QUEIROZ, Érica Karine Ramos. O funcionamento do ideológico na textualização de notícias telejornalísticas: a diretividade argumentativa. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos; FERNANDES, Cleudemar Alves (org.). **Análise do Discurso: objetos literários e midiáticos**. 1. ed. Goiânia: Trilhas Urbanas, p. 252-273, 2006.

QUÉRÉ, Louis. A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 1, 2011.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia**. 1 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1999.

SILVA, Tainan Silva e. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Revista Direito UNIFACS**, Salvador, v. 201, n. 1, p.1-19, março de 2017. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760/3121/>. Acesso em: 4 set. 2019.

SIMÕES, Paula Guimarães. A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades. In: **Líbero**, v. 14, n. 28, p. 129-140, 2011.

SIMÕES, Paula Guimarães. Celebridades na sociedade midiaticizada: em busca de uma abordagem relacional. In: **Revista ECO-Pós**, v. 16, n. 1, p. 104-119, 2013.

SOCIALITE. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/socialite/>. Acesso em: 17 out. 2019.

SOUSA, Leticia Castor Moura de. Sobre colorismo, privilégios e identidade racial. **Geledés**, 21 set. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-colorismo-privilegios-e-identidade-racial/>. Acesso em: 4 set. 2019.

TEDESCHI, Giovanna Caldeira. Charles e Diana & Harry e Meghan: a representação dos casamentos reais nas capas da Revista Veja. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2019, Vitória. **Anais Eletrônicos** [...]. Vitória: Intercom, 2019, p. 1-7. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0484-1.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2019.

THE DUCHESS of Sussex. [2019]. Disponível em: <https://www.royal.uk/duchess-sussex>. Acesso em: 24 ago. 2019.

THE DUKE of Sussex. [2019]. Disponível em: <https://www.royal.uk/prince-harry>. Acesso em: 23 ago. 2019.

THE NEWS OF THE WORLD. **Prince Harry makes racist comments**. Disponível em: <https://youtu.be/1FmcbZoEvzI>. Acesso em: 23 ago. 2019.

THE SUN explains decision to print naked Prince Harry pictures. **The Sun**, 23 ago. 2012. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/archives/news/860130/the-sun-explains-decision-to-print-naked-prince-harry-pictures/>. Acesso em: 23 ago. 2019.

THE WEDDING of The Duke and Duchess of Sussex. [2019]. Disponível em: <https://www.royal.uk/wedding-duke-and-duchess-sussex>. Acesso em: 24 ago. 2019.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

WHAT is IMDb. **IMDb**, 2019. Disponível em https://help.imdb.com/article/imdb/general-information/what-is-imdb/G836CY29Z4SGNMK5?ref_=helpsect_cons_1_1#. Acesso em: 24 ago. 2019.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 10. ed. Lisboa: Presença, 2009.

ANEXO A – NOTÍCIA 1

FOLHA DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 28 DE NOVEMBRO DE 2017 ★ ★ ★ mundo A13

Príncipe Harry se casará com americana

Atriz Meghan Markle é conhecida por seu papel na série de TV 'Suits'; cerimônia deve ocorrer entre março e junho

Na primeira entrevista após o anúncio, Harry afirma que sua mãe, Diana, e a noiva teriam sido melhores amigas

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

O príncipe Harry, neto da rainha Elizabeth 2ª, está noivo da atriz americana Meghan Markle, anunciou nesta segunda-feira (27) a monarquia britânica. O casamento deve ocorrer na primavera do hemisfério Norte em 2018, entre março e junho.

Harry, 33, atualmente o quinto na linha sucessória do trono britânico, e Meghan, 36, ficaram noivos no início de novembro, segundo comunicado assinado pelo príncipe Charles, pai de Harry.

Na primeira entrevista do casal após a revelação, Harry disse à rede BBC que os dois se apaixonaram tão rapidamente "porque os astros estavam alinhados".

Ele contou que o pedido de casamento foi feito na noite de um domingo, quando o casal preparava um frango assado para o jantar.

"Foi uma surpresa maravilhosa. Foi tão doce, natural e muito romântica", disse Markle sobre o episódio.

De acordo com Harry, a atriz nem o deixou terminar de fazer o pedido. "Ela disse 'Posso dizer sim?'. Em seguida, Markle já estava com o anel de noivado no dedo.

A joia foi desenhada pelo próprio Harry. O anel tem dois diamantes que pertenceram à mãe dele, a princesa Diana, morta há 20 anos. "Para ter certeza que ela estará conosco nessa louca jornada



Harry e sua noiva, a atriz Meghan Markle, posam para foto no Palácio de Kensington

juntos", disse. Uma terceira pedra foi trazida da África. A loja Diamond Store estimou o valor da aliança em 199.475 libras (R\$ 855 mil).

Harry afirmou ainda que Meghan e Diana teriam sido melhores amigas.

A atriz disse que esteve algumas vezes com a rainha. "Foi incrível conhecê-la pelas lentes dele [Harry], não apenas pela devoção e respeito que ele tem a ela como monarca, mas pelo amor que ele tem por ela como avó."

NAMORO

Os dois contaram ter se conhecido num encontro às cegas, em julho de 2016, promovido por uma amiga, quando ainda sabiam muito pouco um sobre o outro. Harry disse que nunca nem tinha visto o seriado americano "Suits", no qual Meghan interpreta uma advogada.

Um mês após se conhecerem, os dois foram acampar em Botswana, na África.

O casal foi fotografado juntos pela primeira vez em dezembro de 2016. No início de 2017, Harry e Meghan fizeram a primeira aparição pública, em um evento esportivo criado pelo príncipe britânico em Toronto, no Canadá.

Para anunciar o namoro, Harry reclamou do assédio da imprensa e disse que Markle era vítima de ataques sexistas e racistas nas redes sociais — a mãe dela é negra.

"Nós estamos incrivelmente felizes por Meghan e Harry. Nossa filha sempre foi uma pessoa romântica e carinhosa. Ver a união dela com Harry, que compartilha essas qualidades, é motivo de grande alegria para nós como pais", disseram em nota Thomas Markle e Doria Ragland.

Segundo a nota divulgada pela família real, Harry "informou Sua Majestade a rainha e outros membros próximos da família. O príncipe Harry também pediu e recebeu a bênção dos pais da senhoria Markle".

Além de "Suits", seu principal papel, Markle teve discretas participações nas séries da franquia "CSI". No cinema, esteve na comédia "Quero Matar Meu Chefe".

Assim como Harry, ela tem atuação na área de direitos humanos, sendo embaixadora da World Vision, ONG especializada em cuidar de crianças carentes.

Divorciada, a atriz nasceu e cresceu em Los Angeles, em um bairro conhecido como Beverly Hills negra, mas atualmente mora em Toronto. Meghan é formada em comunicação pela Universidade Northwestern, nos EUA.

CERIMÔNIA

A expectativa é que a cerimônia consiga atrair tanta atenção quanto o casamento do príncipe William, irmão mais velho de Harry, e Kate Middleton, que em 2011 teve uma audiência global de 2,4 bilhões de pessoas.

"Nós estamos muito felizes por Harry e Megan", disseram William e Kate em nota divulgada nesta segunda. "Está sendo maravilhoso conhecer Meghan e ver quanto ela e Harry são felizes juntos."

A primeira-ministra Theresa May também parabenizou o casal. "Esse é um momento de muita celebração e alegria para duas pessoas apaixonadas e em meu nome, do governo e do país, desejo a eles muita felicidade no futuro."

Papa vai a Mianmar em meio a êxodo rohingya

Francisco fala com chefe do Exército, mas não se pronuncia sobre minoria muçulmana

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

O papa Francisco chegou em Mianmar, nesta segunda-feira (27), no início de uma visita delicada do líder da Igreja Católica ao país majoritariamente budista acusado pelos Estados Unidos e pela ONU de realizar uma "limpeza étnica" contra sua população de muçulmanos rohingyas.

O tratamento da minoria deve ser o principal tema da viagem do papa, que também irá a Bangladesh, para onde mais de 600 mil rohingyas fugiram na tentativa de escapar do que a Anistia Internacional qualificou como "crimes contra a humanidade".

Após chegar a Mianmar, o papa se encontrou por 15 minutos com o general Min Aung Hlaing, chefe do Exército birmanês. Os militares negam as acusações de as-

sassinato, estupro, tortura e deslocamento forçado da minoria rohingya.

Os detalhes da conversa não foram revelados, mas o porta-voz do Vaticano, Greg Burke, informou que o pontífice destacou a "grande responsabilidade" que os militares têm na transição democrática do país.

Depois de partir de Roma, o papa Francisco disse aos repórteres em seu avião: "Eles dizem que é muito quente [em Mianmar]. Lamento, mas esperemos que ao menos seja trufífero".

Minorias étnicas com vestimentas tradicionais receberam o pontífice no aeroporto de Yangon, e crianças o presentearam com flores quando ele desceu do avião.

Francisco acenou por uma janela aberta para dezenas de crianças que portavam bandeiras do Vaticano e de

Mianmar usando camisetas com o bordão da viagem — "amor e paz" — quando partiu em um Toyota azul rumo à Catedral de Santa Maria, no centro de Yangon.

Apenas 700 mil dos 51 milhões de habitantes de Mianmar são católicos. Milhares deles viajaram de trem e ônibus para Yangon e se juntaram a multidões reunidas em vários pontos do trajeto iniciado no aeroporto para ter um vislumbre de Francisco.

"Viemos aqui ver o Santo Padre. Acontece uma vez em séculos", afirmou Win Min Set, líder comunitário que levou um grupo de 1.800 católicos de Estados do sul e do oeste do país. "Ele é muito esclarecido quando se trata de questões políticas. Vai lidar com a questão com esperteza", disse, referindo-se à sensibilidade dos debates do papa sobre os rohingyas.

Muitos policiais do batalhão de choque foram mobilizados na principal cidade birmanesa, mas não houve sinais de protestos.

A viagem é tão delicada que alguns assessores papais aconselharam Francisco a não usar a palavra "rohingya" para evitar um incidente diplomático que poderia virar o governo e os militares contra a minoria cristã.

ÊXODO

O êxodo dos rohingyas para Bangladesh começou no final de agosto, quando militantes rohingya atacaram postos de segurança, e o Exército de Mianmar lançou uma contraofensiva.

O país não reconhece os rohingyas como cidadãos ou membros de um grupo étnico com identidade própria e rejeita até o termo "rohingya" e seu uso.



Papa Francisco cumprimenta garota ao chegar em Yangon



» **DESCULPAS** Ao voltar ao Congresso nesta segunda-feira (27), o senador democrata Al Franken disse que desapontou muita gente com as acusações de assédio sexual a mulheres e prometeu tentar recuperar a confiança de seus eleitores

INDONÉSIA

Cinzas de vulcão levam a retirada de 100 mil e fecham aeroporto

O governo da Indonésia fechou o aeroporto da ilha turística de Bali nesta segunda-feira (27) e determinou a saída de 100 mil pessoas devido ao aumento da atividade de um vulcão que poderia ter sua primeira erupção em 54 anos.

O fechamento foi uma medida preventiva devido às cinzas emitidas pelo Monte Agung e foi estendido até as 7h de quarta (29). No primeiro dia, mais de 400 voos foram cancelados e 60 mil passageiros foram prejudicados.

"Colunas de fumaça são acompanhadas ocasionalmente por erupções explosivas e o som de estourros fracos que podem ser ouvidos a até 12 quilômetros do pico",

informou a Agência de Mitigação de Desastres indonésia. Imagens de vídeo compartilhadas pela agência mostraram fluxos de lama vulcânica na encosta da montanha, que transportam lama e pedras grandes que podem destruir casas, pontes e ruas.

Bali, famosa pelo surf, as praias e os templos, atraiu quase 5 milhões de pessoas no ano passado, e seu aeroporto serve como polo de transporte para a cadeia de ilhas do arquipélago leste da Indonésia.

Mas o turismo recuou em partes de Bali a partir de setembro, quando os tremores vulcânicos do Agung começaram a aumentar. Em outubro, quando a atividade sísmica se acalmou, foi rebaixado.

ANEXO B – NOTÍCIA 2

A22 DOMINGO, 13 DE MAIO DE 2018

FOLHA DE SPÁULO ***

mundo



Capela de São Jorge, que fica dentro do castelo de Windsor e onde acontecerá a cerimônia de casamento de Harry e Meghan Markle 11.05.2018/APP

Casamento real deve levar mais de 100 mil turistas para a pequena Windsor

Apesar da baixíssima repercussão política, união de Harry e Meghan deve ser evento do ano no Reino Unido

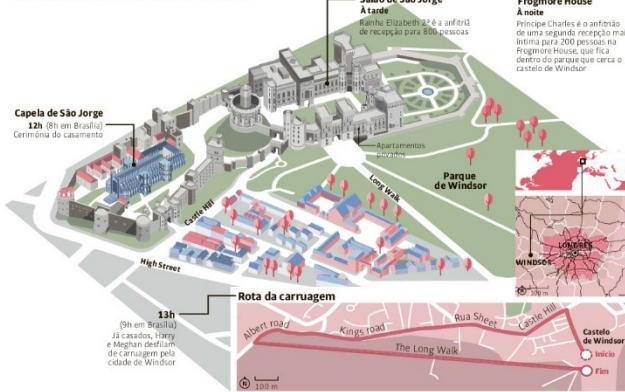
WINDSOR Ao meio-dia (horário local, 8h no horário de Brasília) do sábado (19), na capela de São Jorge na pequena cidade de Windsor, o noivo que é apenas o sexto na linha sucessória do Reino Unido se casará com uma atriz americana de séries de TV.

Ainda que a descrição genérica do evento não cause frisson e que o matrimônio tenha pouquíssima repercussão política, a união do príncipe Harry a Meghan Markle deve ser o evento do ano no país.

Se em 1936 a palácio do rei Edward 8º, tio de Elizabeth 2ª por uma americana divorciada, Wallis Simpson, era tão escandalosa a ponto de levar o monarca a abdicar para poder casar-se com ela, hoje causa pouca indignação a chegada à família real de Meghan, 36, também americana e divorciada.

Com uma população de pouco mais de 30 mil pessoas, a cidadezinha de Windsor deve receber até 100 mil pessoas no dia do evento real. As celebrações começarão

Como será o casamento de Harry e Meghan



Macron faz reformas e ainda é popular, diz analista

ENTREVISTA
PASCAL PERRINEAU

Guilherme Magalhães

SÃO PAULO O jovem político que impulsionou a paisagem política da França em 2017 não parou por aí. Um ano após tomar posse, o presidente Emmanuel Macron, 41, está conseguindo vencer o desafio de ser simultaneamente um reformador e popular, diz Pascal Perrineau, 67, cientista político do Sciences Po de Paris.

Aprovado por 66% dos franceses quando assumiu a Presidência, Macron experimentou dias difíceis no fim do ano passado, chegando a 45%. Hoje, sua popularidade voltou à casa dos 50%, bem acima da de seus dois antecessores no mesmo período do mandato.

Perrineau, que acompanha eleições na França desde 1974, afirma que, após "quebrar a esquerda" no pleito de 2017, quando o então governista Partido Socialista obteve 6%

dos votos, Macron agora "quebra a direita" com suas reformas, notadamente a flexibilização das leis trabalhistas, mudanças na aposentadoria e nos subsídios ao setor ferroviário. Em São Paulo para uma palestra na Fundação FHC na quinta-feira (10), Perrineau conversou com a Folha.

Um ano depois, qual o balanço do governo Macron? Por enquanto, e diferentemente dos dois antecessores, Nicolas Sarkozy e François Hollande, o saldo é positivo. O presidente perdeu muito menos em popularidade em um ano e, desde que colocou em prática a série de reformas, sua popularidade se estabilizou e até melhorou um pouco. Ele está conseguindo vencer o desafio de ser simultaneamente um presidente reformador e popular. O que não quer dizer que não haja contestação social, por que a França não estava acos-

tumada com tantas reformas em tão pouco tempo.

Macron ainda é uma força de centro? A principal força de Macron no início foi a de ter ocupado o centro que existia entre, de um lado, uma esquerda enfraquecida, e de outro, uma direita dividida. Num primeiro momento, ele quebrou o eleitorado da esquerda. E aos eleitores de centro ele conseguiu acrescentar os eleitores da esquerda moderada. Desde as reformas ele está quebrando o eleitorado da direita e acrescentando ao seu espectro os eleitores da direita moderada. Então, como ele diz, ele realmente é de direita e de esquerda.

A polarização esquerda/direita ainda se aplica ao mundo de hoje? Essa divisão muito antiga que surgiu na Revolução Francesa está em crise profunda. Claro que muitos franceses continuam a se sentir de direita ou esquerda,



O cientista político francês Pascal Perrineau, 67. Divulgação

mas esses mesmos franceses compreendem que ela não é mais eficaz para compreender as grandes questões do mundo: hoje, globalização, construção europeia, ambiente, questões culturais como biotecnologia e fim da vida. Para essas questões, a sociedade francesa compreende que a divisão não é mais esquerda/di-

reita, mas uma entre, como eu chamo, sociedade aberta e recentralização nacional. Essa clivagem foi observada na eleição, sendo Marine Le Pen a candidata da recentralização nacional e Macron o da sociedade aberta.

Macron será bem-sucedido em seu desejo de 'refundar a Europa'? A vontade de Macron é retransformar a Europa em sonho, em um projeto. Ele considera que se o euroceticismo continua a crescer, é reflexo do fato de a Europa ter se transformado numa questão puramente técnica. Mas para refundar a Europa ele precisa da Alemanha, que tem um modelo de liderança menos inovador e mais cansado que o francês. Portanto a ambição de ter essa Europa como o projeto de Macron encontra dificuldades.

Como o sr. explica a surpreendente química entre Macron e Trump? No plano diplomático, Macron também é um homem do "ao mesmo tempo". Ele sabe que os EUA são uma

na capela de São Jorge, que fica dentro do castelo de Windsor e que, apesar do nome, é uma igreja anglicana de grande porte, construída no século 16. O castelo em si é onde a rainha passa muitos finais de semana e onde costuma morar entre março e abril.

Harry, 33, tem uma ligação pessoal com a capela, já que foi batizado no local. A união de seu pai, o príncipe Charles, e da segunda mulher dele, Camilla Parker Bowles, foi abençoada na mesma igreja. Enquanto seu irmão mais velho, William, o segundo na linha sucessória do reino, teve um casamento mais formal na abadia de Westminster, em Londres, seguido de recepção no palácio de Buckingham, e com chefes de Estado como convidados, Harry e Meghan foram dispensados de convidar políticos e líderes internacionais para a cerimônia na capela, da qual participarão cerca de 800 pessoas.

O último casamento da realeza a ser celebrado em Windsor, em 2008, foi o de Peter Phillips, primo de Harry e William e filho da princesa Anne — apesar de Peter não ter nem mesmo um título da nobreza, recusado por seus pais.

A atriz chegará de carro à capela, para a cerimônia que será conduzida pelo "dean" de Windsor, espécie de bispo responsável pela igreja. O arcebispo de Canterbury presidirá sobre o momento da troca de votos entre os noivos.

Depois da cerimônia, o casal — que deve receber um título de nobreza da avó de Harry, a rainha Elizabeth 2ª — sairá de carruagem, onde primeiro será cumprimentado pelas 2.640 pessoas comuns (líderes comunitários, crianças locais, chefes de organizações de caridade, entre outros) que estarão dentro dos muros do castelo de Windsor e depois pela população nas ruas da cidadezinha, onde darão uma volta de pouco mais de 3 km.

No mesmo dia, haverá duas recepções para comemorar o enlace: uma que tem como anfitriã a rainha, no suntuoso salão de São Jorge, no castelo de Windsor, para cerca de 800 convidados. A outra, mais íntima é à noite, que tem o príncipe Charles como anfitrião, será na casa Frogmore, que fica dentro do grande parque que envolve o castelo. Detalhes como quem está na lista de convidados, quem fará o vestido de Meghan e onde os dois passarão a lua-de-mel ainda são desconhecidos. Enquanto isso, os tabloides têm que se contentar com informações como a de que no buquê de Meghan haverá um raminho de murta, já que as mulheres da família real tradicionalmente o fazem, desde o casamento de Elizabeth, mãe da atual rainha. **Paula Leite**

A jornalista viajou a convite do Visit Britain

grande potência e que sempre teve relações amigáveis e difíceis com a França. Então ele envia sinais de reconhecimento por meio de Trump aos EUA. Mas ao mesmo tempo mantém um discurso severo com relação às posições protecionistas de Trump. Ele faz o mesmo com Vladimir Putin. Ele o recebe no Palácio de Versalhes, mas diz que é escandalosa a atitude da Rússia em matéria de fake news.

O sr. faz paralelos entre o cenário político francês e o brasileiro, em especial a desilusão com os políticos e a indefinição que marca a eleição presidencial. Quem seria o Macron brasileiro? São os brasileiros que devem responder a essa pergunta. É preciso, entretanto, que seja uma pessoa relativamente jovem, que não pertença ao velho sistema de alianças partidárias, acima de qualquer suspeita de corrupção e que carregue em si uma inovação política e ideológica. Se existe no Brasil uma pessoa com essas quatro qualidades, ela deve ter chance.

ANEXO C – NOTÍCIA 3

A18 QUINTA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 2018

FOLHA DE S. PAULO

mundos

Realeza britânica ama e odeia os paparazzi

Às vésperas do casamento do príncipe Harry com Meghan Markle, relação com imprensa de celebridades volta ao divã

Daniel Buarque

LONDRES Às vésperas de entrar oficialmente para a família real britânica, a atriz americana Meghan Markle descobriu quão problemática é a relação da realeza com a imprensa de celebridades. Menos de uma semana antes de se casar com o príncipe Harry, ela viu seu pai, Thomas Markle, transformar-se no centro das atenções. Ele deveria conduzi-la ao

altar no sábado (19), em Windsor, mas anunciou que não viajaria para o Reino Unido devido a problemas de saúde. Na verdade, estaria sob forte pressão depois de ter sido acusado de posar para um paparazzo, que venderia as fotos por 100 mil libras (cerca de R\$ 500 mil), forçando um flagra. O caso virou ouro nas mãos dos tabloides ingleses. Desde o século passado, os paparazzi estão presentes nos momentos mais importan-

tes da realeza. Captaram casamentos, separações e nascimentos. Em 1997, testemunharam a morte da princesa Diana e chegaram a ser responsabilizados por ela. A relação entre a imprensa de celebridades e a família real é de simbiose, explica Olivier Driessens, especialista em estudos de celebridades e professor da Universidade de Copenhague. "Se os paparazzi operam dentro de certos limites e respeitam a vida das

celebridades, há uma relativa aceitação deles", disse. Quando há uma quebra desse "acordo", completa Driessens, aparecem os problemas e os processos judiciais. Analistas discutem o quanto a paz foi rompida no caso do pai de Meghan. A morte de Diana foi uma dessas rupturas e é considerada um ponto de inflexão no mercado de paparazzi e na relação entre a monarquia britânica e a mídia de celebra-

des —que passou a ter mais respeito pela privacidade real. Segundo Driessens, isso ocorreu porque o público se voltou contra os fotógrafos. Os paparazzi se consolidaram como instituição na cobertura da realeza já na primeira metade do século 20. Para o historiador Ryan Lintok, que escreveu sobre a cobertura que a imprensa fez da relação entre o rei Eduardo 8º e a socialite Wallis Simpson, nos anos 1930, o apareci-

mento desse tipo de registro do cotidiano da realeza foi importante para o país porque a autoridade política da monarquia britânica é derivada de seu simbolismo. Até a atuação dos paparazzi, esse simbolismo era controlado pela monarquia, via imagens oficiais. A partir dali, porém, a imprensa conseguiu surpreender os súditos. A Coroa comprou a ideia, mas, no fim do século, a mídia pareceu ter perdido os limites éticos.



O advogado Roberto Caldas, ex-presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos. André Coelho/Pathpress

Advogado diz ter 6 testemunhas contra ex-juiz

Ranier Bragon

BRASÍLIA O advogado Pedro Calmon afirmou já ter reunido pelo menos seis testemunhas de supostas agressões físicas e verbais cometidas por Roberto Caldas, ex-presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos, contra a ex-mulher Michella Pereira. Todas são ex-funcionárias do casal, que se separou em fevereiro.

Em entrevista à Folha, o ex-juiz negou agressões físicas para além de "empurros", reconheceu xingamentos e duas relações extracônjugais com ex-funcionárias, mas afirmou que a ex-mulher preparou armadilhas para incriminá-lo. Michella procurou nas últimas semanas a Delegacia de Atendimento à Mulher de Brasília relatando agressões físicas e verbais contínuas.

Apresentou fotos e gravações em que é xingada por Caldas.

Em 2012, ele foi eleito para compor a corte sediada em San José, na Costa Rica. O advogado também integrou a Comissão de Ética Pública da Presidência da República de 2006 a 2012. Após o escândalo vir à tona, renunciou ao mandato e se afastou do escritório trabalhista em que atuava.

Segundo sua versão, o interesse de Michella é financeiro, já que o casal — que morava em casa construída a um custo de cerca de R\$ 50 milhões, conforme Caldas — teria se casado em separação de bens.

Ele também acusa a ex-mulher de ser violenta, tendo batido em funcionárias e atirado óleo fervente sobre o corpo do ex-marido, o que teria atingido também a filha do casal. O advogado de Michella afirma ter tido acesso a esse pro-

cesso, iniciado há mais de 15 anos, e que sua cliente foi vítima nesse caso.

"Tenho todos os elementos que comprovam que ela foi a vítima de um fato traumático. Vou processá-la [Caldas] por difamação e danos morais", afirmou Pedro Calmon. "Em mais de 30 anos, nunca vi um caso tão documentado, que mostra uma psicopatia clara quanto ao senhor Caldas."

Na entrevista à Folha, o ex-juiz da Corte Interamericana reconheceu ter tido relações com duas ex-funcionárias e ter se aproximado de uma terceira, mas negou assédio.

O ex-juiz afirma ainda nunca ter machucado a ex-companheira. "Nas gravações que ela junta, diz que tinha problema circulatório. Eu não me lembro disso. Também eu observava que ela se machucava muito nos pés e nas per-

nas, porque ela dava muita topada."

Ao afirmar que a ex-mulher é que era violenta, diz que ela chegou a agredir duas ex-funcionárias. "Tentou me agredir, mas eu a detinha. Era um ambiente extremamente doentio."

Além das relações extracônjugais, que ele disse terem ocorrido de parte a parte, o ex-juiz afirma se arrependido dos xingamentos.

"Estou procurando desculpar a mim próprio, é muito difícil. Nem tenho esse tipo de alteração com outra pessoa." A Justiça deve definir nos próximos dias as medidas restritivas que serão aplicadas a Caldas. Duas ex-funcionárias também registraram na Justiça queixa por assédio sexual. Segundo a defesa, Michella e ex-funcionárias pediram ressarcimento por danos morais.



fórunsfolha

Exploração Sexual Infantil

2ª edição



Uma realidade inaceitável. Um debate inevitável.

Dando continuidade às discussões iniciadas na 1ª edição, representantes do Judiciário, ONGs e outros especialistas no assunto voltam a debater a exploração sexual infantil no país. Desta vez, os temas em destaque serão as melhores práticas no enfrentamento desta violência e também a necessidade de modificar a cultura do machismo, um dos agravantes do problema. Participe.

Fóruns Folha.
Temas específicos. Debates amplos.

18 de Maio
Local: Unibes Cultural, São Paulo

Inscrições gratuitas.

VAGAS LIMITADAS.
ACESSE EVENTOS.FOLHA.COM.BR
E CADASTRE-SE.

sigafolha
• Vídeos e reportagens no site da Folha.
• Caderno especial com abertura do evento.

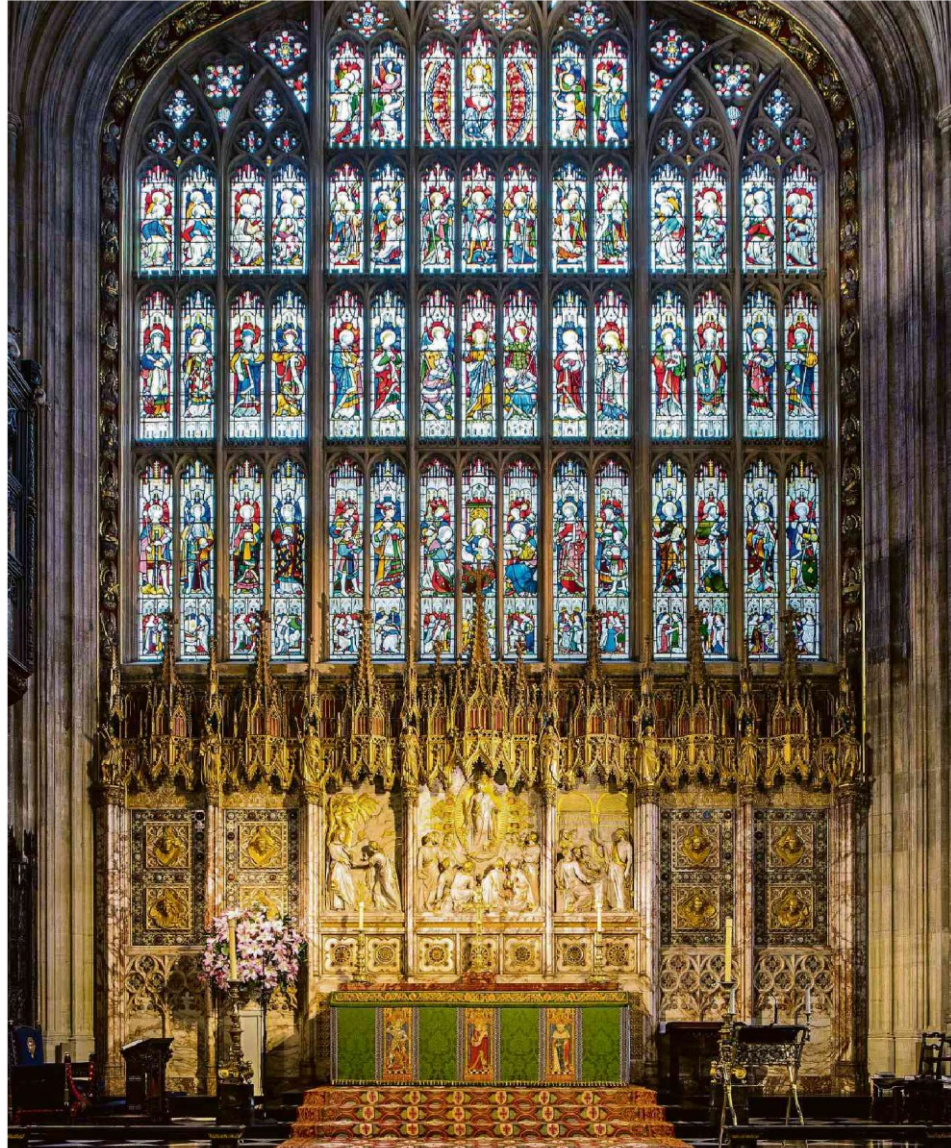
Patrocínio: **LIBERTIA**
Instituto de Políticas e Direitos

Apoio: **COLUMBIA GLOBAL CENTERS** RIO DE JANEIRO

Realização: **FOLHA**
JORNALISMO

ANEXO D – NOTÍCIA 4

turismo

FOLHA DE S.PAULO ★★
QUINTA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 2018 D1Cotação
O valor da conversão da libra em
pacotes nesta edição é de R\$ 4,96Altar da capela de São Jorge, em Windsor, onde será realizado o casamento de Harry e Meghan Dominic Lipinski/APP

Reino Unido

Casal Harry e Meghan inspira passeios por Londres, Windsor e Edimburgo

Conheça lugares frequentados pelos noivos e outros que combinam com o estilo deles

Paula Leite

LONDRES E WINDSOR O príncipe Harry e a atriz americana Meghan Markle se casam no próximo dia 19 na capela de São Jorge, em Windsor, na Inglaterra. Se a cerimônia não terá a mesma grandiosidade

daquela que, sete anos atrás, uniu William e Kate, o príncipe ruivo e sua noiva chamam a atenção por representar um lado bem mais "cool" da realeza britânica.

Como atual sexta pessoa na linha sucessória, dificilmente Harry virá a usar a coroa. Is-

so dá ao casal mais liberdade para frequentar lugares que têm menos a cara da avó de Harry, Elizabeth 2ª, fã de cavalos e de cães da raça corgi, e mais a cara de gente chique e cosmopolita na casa dos 30 e poucos anos.

Final, Meghan, 36, ame-

ricana, divorciada, ex-atriz de Hollywood, não tem jeito de quem gosta de frequentar só castelos e tomar chá com membros da corte britânica.

A pequena cidade de Windsor, a cerca de 45 quilômetros ou 40 minutos de trem de Londres, espera receber até

100 mil turistas no dia do casamento de Harry, mais que o triplo da sua população de 30 mil habitantes.

Lá em Londres, as lojas estão cheias de souvenirs do casamento real, que vão desde a louça "oficial" do casal (a partir de 20 libras, ou R\$ 98) até

chaveiros de gosto duvidoso; bares e restaurantes preparam bebidas e pratos especiais para comemorar o evento.

Apesar do frisson, o casamento não deve resultar em um aumento no número de turistas internacionais no Reino Unido. Nem mesmo o casamento do príncipe William, em 2011, teve esse efeito.

Mas a família real britânica serve como atrativo perene de visitantes ao país, e a festa de Harry e Meghan certamente ajudará a aumentar o interesse de gente do mundo todo em conhecer os cenários habitados por eles.

Inspirada nessa nova realidade menos poeirenta, a reportagem sugere um roteiro de viagem por Londres, Windsor e Edimburgo com toques de monarquia, juntando lugares sabidamente frequentados pelos dois noivos com outros que combinam com o estilo do casal.

Leia mais nas pág. D4 a D7
A jornalista viajou a convite da Visit Britain

ANEXO E – NOTÍCIA 5

D6 QUINTA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 2018
turismo **reino unido**

FOLHA DE S. PAULO ★★



Vista da parte antiga da capital escocesa, com o castelo de Edimburgo ao fundo, no alto do morro, e a torre do relógio do hotel Balmoral, à direita. Crávia Valle/Arquivo pessoal

Circuito histórico por Edimburgo termina em destilarias de gim

Com restaurantes e bares modernos, capital escocesa vai além de castelo e uísque

EDIMBURGO Esqueça os kilts e o uísque e todo o estereótipo da Escócia gelada e cheia de ovelhas. A cidade de Edimburgo vale a visita para conhecer restaurantes locais para reinventar clássicos culinários, como o haggis (espécie de linguiça feita com vísceras de carneiro) e bares em que o gim é o foco. Em viagem a Edimburgo em fevereiro deste ano, Harry e Meghan tomaram café no Social Bites, um negócio social que usa os lucros obtidos nos restaurantes para ajudar moradores de rua (71 Rose Street e outros endereços). A cidade, que comanda a andar a pé, é cheia de pequenas lanchonetes que servem sanduíches e sopas na faixa de 2 a 3 libras (de R\$ 10 a R\$ 15).

O futuro casal real fez a visita obrigatória ao Castelo de Edimburgo, fortaleza que começou a ser construída no século 12 e que tem bonita vista da cidade, além de abrigar joias da Coroa e um museu da guerra (Castle Hill; ingressos a partir de 11,50 libras, ou R\$ 56).

Do castelo, pode-se andar por toda a Royal Mile (milha real), que atravessa a parte antiga de Edimburgo, olhando as lojas, até o Palácio de Holyroodhouse, residência oficial da rainha Elizabeth 2ª na capital escocesa (ingressos por 14 libras, ou R\$ 69)—mas, se

o tempo estiver apertado, pule o palácio, que é modesto. Mais palpitante que Holyroodhouse no quesito ligação com a família real é o Britania, ladeado pelos membros da realeza de 1954 até 1997 e que aparece com destaque na segunda temporada da série "The Crown", do Netflix. Ancorado em Edimburgo, a embarcação é um museu que pode ser visitado (ingres-

so a 16 libras, ou R\$ 79) e onde se podem ver quartos usados pela rainha, a suíte de lua de mel de Charles e Diana e o deque onde William e Harry brincavam quando crianças. Terminado o roteiro da realeza, é hora de conhecer uma destilaria de gim: na Edinburgh Gin (1A Rutland Place), é possível fazer um tour de 10 libras (R\$ 49) para saber como é feita a bebida e experi-

mentar algumas variedades ou preparar o próprio gim, escolhendo as especiarias que darão gosto à bebida, por 100 libras por pessoa (R\$ 490).

Na Pickering's Gin (1 Summerhall) e no 56 North também há tours com degustação.

Uma boa opção para jantar é o Cannonball (356 Castlehill, pratos a partir de 17 libras, ou R\$ 83), restaurante com decoração moderna que fica num casarão histórico ao lado do Castelo de Edimburgo. Serve comida com ingredientes locais, como ostras e carne de gado criado nas highlands. Experimente o haggis, servido na forma de croquetes com geleia de laranja.

Ainda mais elegante é o Number One, no hotel Balmoral (1 Prince Street), que tem uma estrela no "Guia Michelin" e prestigia ingredientes locais, como salmão defumado (o menu degustação sai por 89 libras, ou R\$ 437).

Quem não quiser passar por Edimburgo sem experimentar o uísque local pode ir ao Newsroom (5-11 Leith Street), na parte nova da cidade, ou ao Devil's Advocate (9 Advocates Close), que dispõe de cerca de 400 rótulos da bebida e fica escondido em uma escadaria, num imóvel que já foi uma casa de bombas d'água na época vitoriana.

Paula Leite



Bar Devil's Advocate, na parte velha da cidade. Paula Leite/Folhapress



PACOTES

R\$ 3.883

2 noites, no Meliá (meliá.com). Em Londres, no ME London, em acomodação dupla. Inclui café da manhã. Sem passagem aérea. Este valor, já com um desconto de 36% sobre o preço normal, vale para pagamentos antecipados.

R\$ 4.369

7 noites, na CVC (cvc.com.br). Três noites em Londres, duas em Edimburgo, uma em York e uma em Glasgow, com café da manhã e dois jantares. Inclui passeios panorâmicos e visitas a Durham, Cambridge, Saint Andrews e ao castelo de Stirling. Com traslados e guia em português. Sem aéreo.

R\$ 5.150

5 noites, na Submarino Viagens (submarinoviagens.com.br). Preço para acomodação dupla no The Victoria Inn, em

Edimburgo. Sem regime de alimentação, mas com passagem aérea incluída.

R\$ 8.174 (£1.648)

9 noites, na 55 Destinos (55destinos.com.br). Três noites em Londres, duas em Liverpool, uma em Harrogate, uma em Highlands e uma em Glasgow, com café da manhã e três jantares. Também inclui entrada para atrações, como o castelo de Edimburgo e tour panorâmico em Londres. Com traslados, mas sem aéreo.

R\$ 8.432 (£1.700)

2 noites, no Rocco Forte Hotels (roccofortehotels.com). Acomodação dupla em Londres, no Brown's Hotel, com café da manhã. Inclui traslado para a cidade de Windsor e entrada para o Castelo de Windsor. Não inclui passagem aérea.

dollar.

Bons carros. Bons preços. Simples assim.

Para reservas, ligue para o seu agente de viagens ou para o representante Dollar no Brasil.

Tel. (11) 3524-7540 (São Paulo)
Tel. (0800) 750 0070 (outras localidades)
usacars.com.br

Econômico

Kia Rio ou similar

a partir de **R\$ 106,00** por semana

Médio

Toyota Corolla ou similar

a partir de **R\$ 136,00** por semana

Flôrida

Minivan

Nissan Quest ou similar

a partir de **R\$ 127,00** por semana

Tarifas válidas nas lojas participantes da Flôrida para locações com um mínimo de 5 dias e com retirada até 15/JUN/2018 (exceto períodos de exclusão, incluindo 22/MAR a 14/ABR/2018). Use o código LRTV para reserva de tarifas pré-pagos e USPTV para pagamento no destino. Tarifas sujeitas a alterações sem aviso prévio. Aplicam-se requisitos de locação e de idade mínima. Tarifas incluem proteção contra danos ou perdas (LDW), KM limitado e motorista adicional (maior de 25 anos). Não inclui taxes, seguros adicionais, pedágios ou aplicativos durante altas temporadas. Confira nossas tarifas disponíveis para outras categorias de veículos. © 2018 DTG Operations, Inc. Todos os direitos reservados. 7493

ANEXO F – NOTÍCIA 6 (1ª PARTE)

D4 QUINTA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 2018

FOLHA DE S. PAULO

turismo reino unido



Kensington Gardens, em Londres Divulgação

Londres chama para piquenine em jardim real e exposições temáticas no palácio

Mostra com vestidos de Diana, chá da tarde em hotel e visita a teatros completam roteiro de dois dias

RECIFE

Só de fechar um pacote destes você já fica mais bronzado.

Internacional Palace ****

8 dias/7 noites com café da manhã

8 dias/7 noites

10x sem juros de **R\$ 146,50**

à vista **R\$ 1.465,00**

Saída: 22/07/2018 (Guarulhos)

PORTO SEGURO

8 dias/7 noites

Saída: 24/05/2018

Três Poderes Praia Hotel ***

8 dias/7 noites com café da manhã | Traslado aeroporto/hotel/aeroporto

10x sem juros de **R\$ 86,72**

à vista **R\$ 867,20**

Saída: 11/07/2018

MACEIÓ

8 dias/7 noites

Saída: 21/07/2018

Acqua Suites Maceió ****

8 dias/7 noites com café da manhã | Traslado aeroporto/hotel/aeroporto

10x sem juros de **R\$ 175,45**

à vista **R\$ 1.754,50**

Saída: 02/10/2018

BONITO

5 dias/4 noites

Saída: 11/07/2018

Pousada Carandá ***

5 dias/4 noites com café da manhã | Traslado aeroporto/hotel/aeroporto

10x sem juros de **R\$ 135,90**

à vista **R\$ 1.359,00**

PARIS

8 dias/6 noites

Saída: 02/10/2018

Adagio Access Porte de Charenton ****

8 dias/6 noites com café da manhã | Traslado aeroporto/hotel/aeroporto | Assistência Viagem Euromax

10x sem juros de **R\$ 338,60**

à vista **R\$ 3.386,00**

TV SKY no vivo nos jatos

Wi-Fi ilimitado

Embarque Azul

Set Center 24 horas

Use seus pontos TudoAzul

Ligue 4003-1181 | azulviagens.com.br

Lojas Azul Viagens | Agentes de Viagens

Utilize os pontos do programa de vantagens TudoAzul.

Azul Viagens, a operadora de turismo da Azul.

Azul viagens

LONDRES Para um primeiro dia relaxante em Londres, comece passando na loja de departamentos Fortnum & Mason, perto de Piccadilly Circus, e escolha uma das cestas de piquenique vendidas (a partir de 55 libras, ou R\$ 270).

Preparado com seu farnel com chocolates, biscoitos, saladas e, claro, champanhe, siga para o Kensington Gardens (metrô Queensway), um dos oito parques reais de Londres, colado ao Hyde Park.

Em meio aos jardins, no Palácio de Kensington, vivem William, Kate e família. E, em um modesto chalé, Harry e Meghan, por enquanto.

Na parte pública do palácio, é possível ver a exposição "Diana - Her Fashion Story" (Diana - sua história fashion), com vestidos da princesa (1961-1997), mãe de Harry.

No mesmo local, a exposição "Victoria Revealed" (Vitoria revelada) mostra a vida da rainha Vitória (1819-1901), que cresceu no local (ingressos para o palácio e as duas exposições a partir de 16 libras, ou R\$ 79).

Ao lado do palácio ficam os Sunken Gardens, jardins "rebaixados", onde foi anunciada o noivado de Harry e Meghan em novembro de 2017.

Depois da visita ao palácio e às exposições, ande por Kensington Gardens e Hyde Park.

Para fechar o dia, uma opção é ir ao hotel Dorchester (53 Park Lane), onde o príncipe Philip celebrou sua despedida de solteiro, em 1947.

Se a hospedagem ali é inacessível para a maioria dos mortais (as diárias partem de cerca de R\$ 1.600), é possível fazer uma refeição na patisserie escondida no spa do hotel (chá da tarde a partir de 60 libras, ou R\$ 295 por pessoa; pratos leves a partir de 15 libras, ou R\$ 74).

Depois, vale um drink no China Tang, restaurante asiático também dentro do hotel onde costumam aparecer celebridades em dias de semana.

Uma alternativa para o jantar é o Tom's Kitchen, no Chelsea (27 Cale Street). Trata-se de um restaurante que serve comida para dividir em peque-

nas porções, ao estilo tapas, e onde William e Kate já almoçaram (pratos a partir de 6 libras, ou R\$ 29; é preciso pedir três ou quatro por pessoa).

Seu segundo dia em Londres pode começar mais tarde, com brunch no Sketch (9 Conduit Street), misto de restaurante e casa de chá maluca com toques de "Alice no País das Maravilhas", frequentado por hipsters (pratos a partir de 14 libras, ou R\$ 69).

Se preferir tomar chá da tarde no salão em tons de rosa, os clássicos sanduíchinhos e docinhos do ritual inglês são servidos com vinho rosé ou champanhe (a partir de 72 libras por pessoa, ou R\$ 354).

Sua tarde pode ser de compras na região entre Piccadilly Circus e St. James Square, que concentra lojas de luxo e marcas inglesas que fornecem produtos para a família real: de chá na Twinings (216 Strand Street) a perfumes na Floris (89 Jermyn Street).

De lá é um pulo até a região do West End, onde ficam os teatros. Harry e Meghan foram ao Gielgud Theatre (Shaftesbury Avenue) no ano passado assistir "The Curious Incident of the Dog in the Night-Time". Hoje a peça em cartaz no local é a bem-avaliada "The Ferryman".

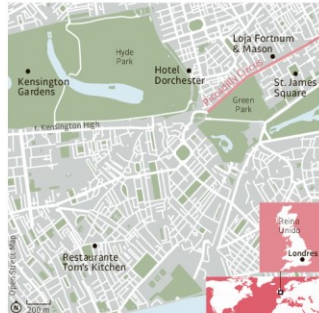
Paula Leite



Divulgação



Daniel Leal-Olivera/AFIP



ANEXO G – NOTÍCIA 6 (2ª PARTE)

FOLHA DE S. PAULO ★★

QUINTA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 2018 **D5**

reino unido turismo



Capela da união
fica no espaço
visitável dentro
do castelo
de Windsor

WINDSOR A família real vive em Londres e a passa boa parte do tempo, mas é em Windsor o tempo mais em que eles aproveitam o campo inglês com elegância e desfrutam de passatempos como assistir a corridas de cavalos e a partidas de polo.

Na pequena cidade fica o castelo de mesmo nome, onde a rainha passa a maior parte dos finais de semana e costuma morrer entre março e abril. É possível visitar a parte pública do castelo, que inclui a capela de São Jorge, padroeiro da Inglaterra, e a capela de São Edoardo e de Meghan, e os salões formais onde os convidados serão recebidos (ingressos a partir de 21,20 libras, ou R\$ 104).

Em volta do castelo fica o parque de Windsor, dividido entre uma parte pública, na qual se pode andar a pé, de bicicleta ou a cavalo por florestas e trilhas (grátis), e uma parte fechada frequentada pela família real — mesmo aos 92 anos, a rainha Elizabeth 2ª sai para andar a cavalo todos os dias no parque quando está no castelo de Windsor.

A cerca de 15 minutos de carro ou 30 minutos de trem de Windsor fica a cidadezinha de Ascot, conhecida por abrigar a pista onde acontecem as corridas de cavalo frequentadas pela rainha e seus familiares (High Street, Ascot). As corridas tradicionais acontecem de maio a outubro — e de 19 a 23 de junho é a vez do Royal Ascot, que concentra as provas mais tradicionais, assistidas pela realeza (a própria rainha é dona de cavalos que competem no local).

As corridas de cavalos também são conhecidas pelos chapéus e roupas elegantes usados pelos frequentadores — confira o dress code, que varia de acordo com o dia e com o tipo do ingresso, no site de Ascot antes de ir (ingressos para o Royal Ascot a partir de 37 libras ou R\$ 182).

Outro local em Ascot que Harry e William costumam frequentar são as partidas de polo. No hotel Coworth Park, no qual Harry e William vão se hospedar na noite anterior ao casamento, é possível assistir ao esporte e até mesmo aprender a jogá-lo, com aulas particulares a partir de 175 libras ou R\$ 850, por hora.

Para jantar, uma sugestão é o restaurante Hind's Head, em Bray, a 15 minutos de carro de Windsor. Com jeitão de pub aconchegante em um prédio dos anos 1400, o local pertence ao chef inglês Heston Blumenthal e é especializado em pratos clássicos da culinária britânica (a partir de 25 libras, ou R\$ 123). PL



Acima, restaurante China Tang, no Hotel Dorchester, em Londres; à esq., membro da banda da cavalaria da família real, que tocará no casamento



Vitrine de loja de souvenirs em Windsor Kirsty Wigglesworth/AP

[illegible]

ANEXO H – NOTÍCIA 7

A12 SEXTA-FEIRA, 18 DE MAIO DE 2018

FOLHA DE S. PAULO ★★

mundo

Nove brasileiros são réus por promover Estado Islâmico

Defensores dizem que provas são inconsistentes e que inocência será provada

Bruno Benevides

SÃO PAULO O Ministério Público Federal acusa 11 pessoas de tentarem formar uma organização criminosa para promover no Brasil a facção terrorista Estado Islâmico e de recrutar um menor de idade para o grupo.

Segundo a denúncia, os acusados são investigados desde 2016 pela Polícia Federal e chegaram a debater a possibilidade de cometer atentados em território brasileiro.

No fim de abril, a denúncia foi aceita e nove deles se tor-

naram réus — os outros dois foram diagnosticados com distúrbios mentais.

A investigação começou a partir de um comunicado da Guarda Civil espanhola avisando que números de telefones brasileiros estavam em três grupos de WhatsApp que seriam responsáveis pela promoção do Estado Islâmico. Neles, havia troca de imagens e vídeos de atentados e crimes cometidos pela facção.

A acusação foi baseada principalmente em interceptações telefônicas, postagens no Facebook e conversas de

WhatsApp.

As informações sobre o caso foram divulgadas primeiro pelo jornal O Estado de S. Paulo e confirmadas pela Folha. Procurada, a defesa disse que as provas são frágeis.

A partir da informação que veio da Espanha, os policiais chegaram ao nome de Weverton Costa do Nascimento, que administrava dois grupos de WhatsApp suspeitos. Segundo a denúncia, ele confirmou em depoimento que o grupo discutia a criação de uma célula do Estado Islâmico no Brasil.

A partir de dados encontra-

dos no celular de Weverton, a PF chegou ao nome dos outros acusados, entre eles Wellington Moreira de Carvalho, que se autointitulava líder da rede terrorista Al Qaeda no Brasil — organização que não tem ligação com o Estado Islâmico.

Segundo o MPF, Wellington disse em conversas interceptadas que queria criar um califado islâmico no país e, para isso, desejava fundar um grupo paramilitar. A denúncia diz ainda que a PF achou indícios de que ele se preparava para realizar ataque terrorista.

Ele também teria sugerido

a outro dos réus, Harisson de Souza Andrade, que o grupo recorresse a crimes como tráfico de drogas e sequestros a fim de conseguir dinheiro para financiar suas atividades.

Wellington teve prisão preventiva decretada e está detido, assim como outro dos acusados, Jhonathan Ramos.

Outro réu é Jonathan da Silva Barbosa, que, segundo a PF, debateu em conversa pelo celular a realização de um atentado durante o Carnaval.

Já outro acusado, Kleiton Nogueira, diz em uma conversa que estaria disposto a ajudar no sequestro de turistas, que seriam trocados por membros da Al Qaeda hoje presos.

Apesar disso, a denúncia não apresenta provas de que os acusados tenham efetivamente começado a organizar um ataque. Nenhum deles é acusado de planejar ou realizar ato terrorista (cuja pena vai de 12 a 30 anos de prisão). Foram denunciados por promover, integrar ou apoiar or-

ganização terrorista, que tem pena de cinco a oito anos.

Também são réus no caso Thiago Ramos Benedito, Matheus Pinheiro e Antonio Marcos Souza Nascimento.

A maioria do grupo é representada pelos defensores públicos Mariana Costa Guimarães e Carlos de Almeida Sales Macedo. Em nota, eles disseram que as provas de acusação "se limitam a trocas de mensagens de WhatsApp, o que não configura ato concreto de promoção ao terrorismo".

Eles afirmaram ainda que os réus vão provar sua inocência ao longo do processo.

De acordo com a denúncia, não há ligação entre os acusados agora e os presos na Operação Hashtag, de 2016, pouco antes do início da Olimpíada.

Na ocasião, 13 pessoas foram detidas acusadas de promoção de organização terrorista e associação criminosa, e oito delas acabaram condenadas, com penas entre 5 e 15 anos de prisão.



Homem posa ao lado de figuras de papelão do príncipe Harry e Meghan Markle, em Windsor, às vésperas do casamento real. Odi Scott/APP

Meghan Markle pode modernizar imagem de família real e mudar atitudes sobre raça

Daniel Buarque

LONDRES "Atriz americana, de raça mestiça e divorciada." No dia em que foi anunciado o casamento do príncipe Harry, o sexto na linha de sucessão do trono britânico, era assim que as principais rádios de notícias de Londres resumiam rapidamente, de forma um tanto preconceituosa, quem era Meghan Markle, 36.

O fato de ela ser uma atriz bem sucedida, formada em artes cênicas e em relações internacionais pela universidade de Northwestern e de atuar como defensora dos direitos das mulheres na ONU acabou deixado de lado no primeiro contato com a nova "princesa" — seu título oficial após o casamento vai ser duquesa.

Na véspera da celebração que vai marcar sua entrada oficial na família real, a mídia parece ter mudado de tom. Analistas agora indicam que a personalidade forte da atriz pode fazer um contraste positivo com as arcaicas instituições da monarquia britânica.

O casamento deve "impulsionar a família real, melhorando sua imagem", avalia Emma Duncan (editora da Economist) e Valentine Low (correspondente do Times para a realeza) na revista 1847.

Segundo elas, Meghan não apenas vai se consolidar como uma das mulheres mais famosas do mundo como também vai integrar uma instituição que sobrevive em meio a processos constantes de transição democrática no país.

Uma pesquisa de opinião global divulgada nesta semana parece indicar que o apelo de Meghan pode realmente ajudar. Segundo o levantamento, 29% dos entrevistados em 28 países têm opinião positiva a respeito da futura duquesa, enquanto apenas 12% a rejeitam. Dito isso, mais de 60% afirmaram ainda não ter

uma opinião sobre Meghan.

O casamento com a "americana mestiça" pode ainda ajudar a mudar a atitude dos britânicos em relação a raça. Meghan já disse ter visto sua mãe enfrentar racismo nos Estados Unidos e que sempre teve dificuldades ao se posicionar como mestiça.

"Não subestime o simbolismo de um casamento real. De agora em diante, vai ser impossível argumentar que ser negro é incompatível com ser britânico", escreveu a colunista Afua Hirsch no Guardian.

A atuação de Meghan como atriz e ativista, bem como o quanto ela batalhou para alcançar o que queria, ajuda a quebrar estigmas da realeza.

Meghan deu os primeiros passos em sua carreira de atriz ainda na escola. Nessa época, teve o primeiro contato com o ativismo humanitário, que ela diz que vai se tornar o foco da sua atuação após se tornar parte da realeza britânica. Aos 11 anos, ela criou uma campanha contra um anúncio machista na TV.

Seus pais se separaram quando ela tinha 6 anos, mas participaram da sua infância. Meghan costumava acompanhar o pai, Thomas Markle, que trabalhava na produção da série "Married... with Children" (conhecida no Brasil como "Um Amor de Família"). Thomas fazia a iluminação do programa cômico que foi ao ar entre 1987 e 1997 (dos 5 aos 15 anos da filha).

Apesar disso, Meghan não conquistou espaço facilmente em Hollywood. Um de seus primeiros trabalhos foi como uma "garota da mala" no programa de televisão "Deal or No Deal", em que as pessoas adivinhavam a quantidade de dinheiro em várias malas.

O principal trabalho como atriz foi conquistado em 2011, quando ela passou a interpretar Rachel Zane na série

"Suits", disponível no Brasil pela Netflix. Mesmo sem ser uma superestrela, recebia US\$ 50 mil (R\$ 185 mil) por episódio até deixar a produção, antes do casamento.

Nome da casa de Windsor foi criado na 1ª Guerra Mundial

SÃO PAULO A família real britânica, comandada por Elizabeth 2ª, faz parte da casa de Windsor, nome "inventado" pelo avô dela, o rei George 5º. De origem germânica, a casa real se chamava, até 1917, casa de Saxe-Coburgo-Gota.

Em meio à 1ª Guerra, devido à impopularidade dos alemães no Reino Unido, o rei fez uma proclamação em que mudava o nome da casa, que chegou ao trono depois da morte da rainha Vitória (1837-1901).

Victória era de outra casa, a de Hanover, também de origem germânica. Ela se casou com Albert, seu primo de primeiro grau e da família Saxe-Coburgo-Gota por isso, o próximo rei, Edward 7º, filho mais velho do casal, foi o primeiro monarca dessa casa real.

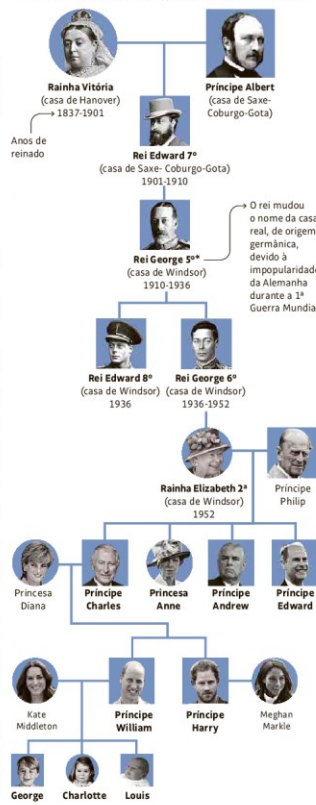
O filho mais velho de Edward 7º, Albert Victor, morreu de gripe em 1892, antes da morte de sua avó Vitória e de seu pai, portanto nunca foi rei.

Foi George 5º quem sucedeu Edward 7º como rei. Depois dele veio o tio da atual monarca Edward 8º, que ficou no posto por apenas dez meses: ele abdicou para poder se casar com a americana Wallis Simpson.

Coube então ao pai de Elizabeth, George 6º, o trono, mas ele morreu aos 56 anos, levando a atual rainha a ser coroada em 1952. No posto há 65 anos, ela é a monarca mais longeva da história britânica.

Origens da família real britânica

Casa de Windsor foi adotada a partir do início do século 20



Em homilia, papa associa mídia a golpes de Estado

SÃO PAULO Em uma homilia nesta quinta (17), o papa Francisco criticou o papel da mídia em difamar pessoas públicas a ponto de levar a um "golpe de Estado".

Francisco citou o exemplo de Jesus, aclamado na chegada a Jerusalém no Domingo de Ramos, só para ser alvo de gritos de "crucifiquem-no" na sexta seguinte.

"Essa instrumentalização do povo é também um desprezo por ele, porque o transforma em massa. Criam-se condições obscuras para condenar uma pessoa", afirmou o pontífice, segundo a agência do Vaticano, acrescentando que esse método é usado hoje também "na vida civil, na vida política, quando se quer fazer um golpe de Estado".

"A mídia começa a falar mal das pessoas, dos dirigentes. Com a calúnia e a difamação, elas ficam manchadas". Depois vem a justiça, "as condenas e, no final, se faz um golpe de Estado".

Francisco comentou isso à perseguição nas arenas, quando a multidão gritava para ver lutas entre mártires ou gladiadores.

Gina Haspel será primeira mulher a comandar a CIA

WASHINGTON O Senado americano confirmou nesta quinta-feira (17) o nome de Gina Haspel, 61, para ser a primeira mulher a comandar a CIA (agência de inteligência dos EUA).

Atual subdiretora da agência, Haspel teve seu nome questionado em razão de seu trabalho em uma prisão secreta da CIA na Tailândia em 2002, onde supostos membros da rede extremista Al Qaeda foram submetidos a torturas.

Ela assume o posto em um momento turbulento para a política externa americana, que vão desde as negociações nucleares com o Irã e a Coreia do Norte até as relações com a Rússia, cujo envolvimento nas eleições americanas de 2016 está sendo investigado.

Senadores democratas (oposição) e alguns republicanos pressionaram para que Haspel renunciasse ao programa de torturas, adotado pela CIA na sequência de 11 de setembro, e buscaram garantias de que a prática não seria retomada.

Haspel, que sucederá o chefe de gabinete do Estado, Mike Pompeo, afirmou em audiência no Senado que o programa não será retomado na sua gestão.

The New York Times

ANEXO I – NOTÍCIA 8

A20 SÁBADO, 19 DE MAIO DE 2018

FOLHA DE S.PAULO ***

mundo

Casamento de Harry e Meghan deve reunir 100 mil espectadores

Cerimônia em Windsor, na Inglaterra, deve mesclar tradições e inovações em boda real de apelo global

Diana Brito

LONDRES Apontado pela mídia como o casamento mais esperado do ano, a cerimônia religiosa entre o príncipe Harry, 33, e a atriz americana Meghan Markle, 36, deve reunir ao menos 100 mil pessoas, neste sábado (19), em Windsor, na Inglaterra, segundo autoridades locais.

Há ainda a expectativa de transmissão ao vivo do evento à dezenas de países, inclusive em telões de cinema.

No Reino Unido, BBC, SKY News e ITV vão transmitir em tempo real a cerimônia. Também haverá uma tela montada em frente ao Museu Nacional Marítimo, em Greenwich, bairro de Londres, além de festas espalhadas por bares, restaurantes e boates do país.

O frenesi das transmissões ao vivo dos casamentos reais começou com a cerimônia de união da princesa Diana com o príncipe Charles em 29 de julho de 1981, na famosa Catedral de São Paulo, na região central de Londres. Estima-se que 1 bilhão de pessoas ao redor do mundo assistiram ao evento ao vivo via satélite.

Já Harry e Meghan se casarão sob a proteção do santo guerreiro, na capela de São Jorge, no castelo de Windsor. O castelo normalmente é aberto ao público, mas nesta semana permaneceu fechado para ensaios e preparativos para o evento.

O templo, onde cerca de 600 convidados devem assis-

tir ao casamento real, é uma obra prima da arquitetura gótica e, para muitos britânicos, mais intimista que a abadia de Westminster, onde William e Kate se casaram diante de quase 2.000 pessoas, em 29 de abril de 2011.

A cerimônia deste sábado pode surpreender ainda mais do que as anteriores, já que não se sabe até que ponto a noiva seguirá as tradições da família real ou se ditará novas regras na cerimônia.

Já se sabe que, após a ausência do pai na cerimônia ser confirmada, Meghan será acompanhada pelo sogro, príncipe Charles, ao longo de parte do tapete vermelho. Alguns protocolos serão quebrados neste percurso.

Segundo a CNN britânica, a noiva entrará sozinha na capela e caminhará alguns metros até chegar na nave da Igreja, onde estará localizado o coral e Charles, que a acompanhará dali em diante.

O momento conhecido como a "passagem da noiva" não acontecerá. Tradicionalmente, o pai da noiva entrega sua mão para seu futuro marido. Agora, Charles deve ficar parado, um passo atrás, e deixar que Meghan chegue sozinha ao altar, onde se encontrará com Harry.

O vestido permanece uma incógnita. Já no buquê haverá um raminho de murta, uma tradição nas bodas reais desde o casamento de Elizabeth, mãe da atual rainha.

Já Harry deve se casar fardado, como fez o irmão, já que pertenceu às Forças Armadas britânicas. O desfile do casal pelas ruas é aguardado. A polícia britânica informou que estará preparados para lidar com qualquer eventualidade.

No começo do ano, autoridades de Windsor criaram polêmica ao prometer retirar moradores de rua dos arredores do castelo. Após denúncias, no entanto, não se ouviu falar mais no assunto.

Historiadores avaliam que o turismo relacionado à monarquia britânica gera o equivalente a R\$ 2 bilhões por ano.

Leia mais na *Corrida*, pág. 88

Na TV

Casamento real
6h, BBC, El, GloboNews, GNT e Bandnews; 7h, Globo



Meghan Markle e sua mãe, Doria Ragland, chegam a um hotel para passar a noite, antes do casamento da atriz americana com o príncipe Harry, neste sábado (19). Steve Parsons/Reuters

Meghan Markle pode ser feminista e princesa ao mesmo tempo?

OPINIÃO

Tati Bernardi

Escritora, redatora, roteirista de cinema e televisão e tem quatro livros publicados

Fiquei me perguntando se uma mulher que larga a carreira (e uma infinidade de interesses e gostos particulares) para se casar pode ser considerada feminista. Ainda mais se o marido é um príncipe. Ainda mais se a benção é da rainha Elizabeth 2ª. Ainda mais se a casa é um castelo. Amigas mais entendidas logo me recriminaram: "feminista faz o que quer!". Pois muito bem, eu quero ser 100% sustentada por um aristocrata gato que me peça para abandonar a profissão e me dê uma lista de coisas que eu não posso fazer, falar ou pensar. Tudo para não desagradar sua família, que é super tradicional e curte o chá das cinco confabulando sobre minhas vestimentas (ou a falta delas) e os vexames do meu pai interesseiro.

Apesar de tamanha mudança em minha vida, e de um neoclássico de quatro andares na Vila Nova Conceição, quero me proclamar feminista. Apesar do meu tchazinho sem balangar as banhas, do meu sorriso calculado vindo de uma carnagem a desfilarmos pela Paulista e de uma infinidade de empregadas para me servir, quero ser feminista. Será que vai ornar?

Mas feminista faz o que quer? Poxa, eu quero que abram portas pra mim, paguem meu jantar e me interrompam quando falo merda. Eu quero usar as camisetas "pode me paquerar na rua, sim, eu, que já estou com quase 40 anos, dou graças a Deus quando alguém assovia pra mim". Será que depois vão deixar que eu seja feminista?

Dai o leitor pode pensar: aí que recalque! Não é, não tenho nada contra o amor e o desejo de ser princesa (ou duquesa, não sabemos ainda o que a vovó real vai decidir). E Harry, além de tudo, é bem mais charmoso que o irmão e infinitamente mais pegável que o pai. A pergunta aqui é outra: Meghan Markle pode ser feminista e princesa ao mesmo tempo?

E a grande discussão "quem levará Meghan ao altar", será que é feminista?

Meghan Markle virou estátua de cera, boneca e chaveiro. Graças a sua luta por melhores salários para mulheres? Graças a sua opinião sobre os desmandos dos machos brancos opressores? Meninas (e meninos, crianças, intelectuais) piram com contos de fadas. E tudo bem. Mas será que é feminista?

Séculos de guerras e execuções marcam história da família real

Elizabeth Norton

Historiadora britânica e autora de diversos livros sobre as rainhas do país

O príncipe Harry, que se casa neste sábado (19), é o sexto na linha de sucessão ao trono e quase certamente não será rei. Entretanto, ele é um dos membros mais glamourosos de uma família que governa o Reino Unido há mil anos.

Harry é membro da Casa de Windsor, que reina desde que o avô da atual rainha, George 5º (1865-1936), mudou o nome da família, que era Saxo-Coburgo-Gota, na Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Seus ancestrais geralmente encontravam noivas entre as casas reais europeias, embora o monarca britânico mais famoso, Henrique 8º, tenha se casado por amor, assim

como o príncipe Harry. Henrique 8º, que governou a Inglaterra entre 1509 e 1547, foi o segundo monarca da Casa de Tudor, que havia chegado ao trono quando seu pai deu a coroa ao filho Ricardo 3º.

Sua primeira mulher não lhe deu um herdeiro, e por isso Henrique seguiu o caminho da Reforma e do protestantismo. O monarca se casaria com mais cinco mulheres, duas das quais ele decapitou, mas não conseguiu garantir o futuro de sua dinastia.

Depois de um breve reinado de seu filho, Eduardo 6º, e de sua filha Maria 1ª, sua segunda filha assumiu o trono como Elizabeth 1ª. Esta se recusou a dividir o trono com um marido, e ao morrer, em 1603, a Casa de Tudor

também terminou.

Maria, rainha da Escócia, que havia se declarado rainha da Inglaterra na época da ascensão de Elizabeth, foi executada por sua prima em 1567 por conspirar contra ela. Seu filho, Jaime 6º da Escócia, herdou pacificamente a coroa inglesa em 1603, unindo pela primeira vez os tronos dos dois países.

Ele foi um monarca muito bem sucedido, fazendo a paz com a Espanha e administrando as relações entre seus reinos.

Seu filho, Carlos 1º, não foi tão hábil. Suas tentativas de impor um livro de orações inglês aos escoceses provocou rebeldias. Ele teve de convocar um Parlamento em 1642 para requerer impostos com os quais pagar um Exército.

As relações reais com o Parlamento continuaram azedando, e a Guerra Civil Inglesa começou em 1642. Após anos de duras batalhas, Carlos foi executado em 1649, e o Reino Unido foi governado como república durante 11 anos.

A República Puritana, em que os teatros foram fechados e os esportes, proibidos, não agradou muita gente, e em 1660 o filho de Carlos 1º foi convidado a retomar o trono como Carlos 2º.

Esse "Monarca Alegre" reinou com êxito durante 25 anos, mas seu irmão católico, Jaime 2º, era odiado no Reino Unido protestante.

Em 1688, o genro de Jaime, Guilherme de Orange, apressou-se a se tornar monarca britânico.

A tataraneta de Jorge, Vitória, foi a primeira monarca da

monarquia conjuntos depois de concordar que seus poderes fossem restringidos a Carta de Direitos.

A irmã de Maria, a rainha Ana, que os sucedeu, também teve poderes limitados. Apesar de suportar 17 gestações, ela morreu em 1714 sem deixar filhos vivos.

O Parlamento deu a coroa à protestante Sofia de Hanôver, que era neta de Jaime 1º.

O filho dela, Jorge 1º, nascido na Alemanha, foi o primeiro monarca da Casa de Hanôver. Apesar de ele nunca ter aprendido a falar inglês e ter passado o menor tempo possível em seu novo reino, seus descendentes foram mais amados a se tornar monarcas britânicos.

A tataraneta de Jorge, Vitória, foi a primeira monarca da

família Hanôver que não herdou o trono na Alemanha. O príncipe Harry é descendente das duas vezes da rainha Vitória, que, graças aos casamentos reais de seus filhos, é conhecida como a avó da Europa.

O século 20 se mostrou tão turbulento quanto os anos anteriores para a família real.

O tio da atual rainha, Eduardo 8º, abdicou em 1936 para se casar com a americana divorciada Wallis Simpson.

Ostentosos mudaram, e não há pressão sobre o príncipe Harry para renunciar a seus títulos reais quando se casar com sua noiva americana divorciada. Ele e Meghan Markle podem antever décadas de realeza, conflitos e controvérsias pelo século 21 e mais além.

Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves

ANEXO J – NOTÍCIA 9 (1ª PARTE)

A18 DOMINGO, 20 DE MAIO DE 2018

FOLHA DE S. PAULO

mundo



Casamento real aposta na diversidade e mostra abertura da Coroa

Símbolos da monarquia se misturam a elementos da cultura afro-americana com tiara de diamantes da dinastia e coral gospel

Diana Brito

WINDSOR A cerimônia do casamento do príncipe Harry, sexto na sucessão real britânica, com a atriz americana Meghan Markle uniu signos tradicionais da realeza a elementos que acenam para a origem negra de parte da família da noiva.

A tiara de diamantes usada por Markle foi feita para a rainha Mary, avó de Elizabeth 2ª. Já o vestido dela leva a etiqueta dagrife francesa Givenchy, ainda que o modelo tenha sido desenhado pela britânica Clare Waight Keller, primeira mulher a dirigir a marca.

O rito contou com sermão proferido pelo reverendo afro-americano Michael Curry, chefe da Igreja Episcopal, que chamou a atenção por seu teor vivaz, em contraste com a sisudez dos anglicanos europeus. "O amor é poderoso. Não o subestimemos. Qualquer um que já se apaixonou sabe do que estou falando", disse, a certa altura.

Em outra aparente quebra de protocolo, um coral gospel entou o sucesso americano "Stand by Me", dos anos 1960. Ainda no segmento musical da boda, o violoncelista britânico Sheku Kanneh-Mason, 19, interpretou três peças.

Nahora de fazer os votos, em mais um rompimento com a

tradição da realeza, a noiva seguiu os passos de Diana e Kate Middleton e não prometeu obedecer ao marido. Eles em seguida trocaram alianças — alguns homens da Coroa, como William, irmão de Harry, escolhem não portar alianças.

O casamento foi celebrado diante de 600 convidados na capela de São Jorge, no castelo de Windsor, a cerca de 40 km de Londres. Entre eles estavam o ator George Clooney, e sua mulher, a advogada Amal Alamuddin, a tenista Serena Williams e a apresentadora Oprah Winfrey.

Após a cerimônia, Harry e Meghan passam a ser chamados de duque e duquesa de Sussex.

Horas antes, agentes da estação de trem de Windsor distribuíam bandeirinhas do Reino Unido aos que chegavam para acompanhar o evento do lado de fora do castelo. Estima-se que a localidade, com cerca de 30 mil habitantes, tenha recebido 100 mil pessoas.

Suvenires com a imagem dos noivos eram vendidos por toda parte. Lojas, restaurantes e pubs estampavam fotos da família real e bandeiras dos EUA e da Inglaterra.

Durante a missa, o clima em Windsor era tranquilo. Alguns montaram acampamento nos gramados para se proteger do sol, outros bebiam espumante.

O VESTIDO Da francesa Givenchy, desenhado pela britânica Clare Waight Keller e coberto por um véu de tule de seda com flores representando os países da Commonwealth

A TIARA De diamantes, pertencente à rainha Mary II

OS RELIGIOSOS O sermão que mais repercutiu foi de Michael Curry, bispo negro presidente da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, que citou Martin Luther King

te. Telões transmitiam a cerimônia para o público.

Filas se estendiam em frente a estandes de cachorro-quente, e as fontes nos parques do entorno viraram atração para crianças e adultos se refrescarem do calor.

"Amei o casamento. Foi multicultural, e essa diversidade mostrou o quão longe chegamos", disse a estudante de direito britânica Rachel Power, 46. Ela acompanhou o evento com seus três cachorros.

"Estou orgulhoso de ser britânico", disse Kash Atre, 36, enquanto assistia ao casamento com a mulher, a professora Anastasia Atre, 33, e gêmeos de três meses.

"Sei que eles não vão lembrar, mas é um momento histórico, então tinha que trazê-los", afirmou ela.

Instalado numa cadeira de praia nos jardins do castelo, Martin Powell, 53, escolheu seu momento preferido: "Quando Harry levanta o véu e beija a noiva".

Para Aliceon Powell, 51, a emoção da mãe de Meghan chamou a atenção: "Foi tudo incrível. É tão bom sentir essa atmosfera patriótica".

Os chapéus e casquetes, acessórios recorrentes entre os convidados, também podiam ser vistos entre os "plebeus" que apinhavam a vizinhança do castelo.



Queen Humphreys/Pool via Associated Press



Queen Humphreys/Pool via Associated Press



Jane Barlow/Pool via AFP



Andrew Milligan/Pool via Reuters

1 O casal se beija na saída da capela
2 A mãe da noiva, Dora Ragland, e o príncipe Charles
3 O bispo americano Michael Curry
4 Kate Middleton e a filha Charlotte
5 A jornalista Oprah Winfrey
6 Harry e Meghan acenam após cerimônia



ANEXO K – NOTÍCIA 9 (2ª PARTE)

FOLHA DE SÃO PAULO

DOMINGO, 20 DE MAIO DE 2018 A19

mundo



A julgar pela vocação dos noivos, foi um casamento do terceiro setor

ANÁLISE

Barbara Gancia

Repórter especial do canal GNT

O casamento de Harry e Meghan ultrapassou a última fronteira. Antes deles, William e Kate, Andrew e Sarah, Charles e Diana, Margaret e Tony, Elizabeth e Philip, nenhuma dessas uniões contou com aprovação unânime.

Antimonarquistas, republicanos e as esquerdas do mundo, ou seja, os cépticos rinzinas que desde sempre defendem que monarquia é frivolidade e que não dá para levar a sério como líder de um país e chefe da igreja alguém cujo único mérito foi ter nascido em berço esplêndido, terão de se render.

Estamos testemunhando a vitória de uma inequívoca

e persistente campanha de relações públicas e branding iniciada depois de a então insensível casa real de Windsor ter metido os pés pelas mãos na ocasião da morte da princesa Diana.

Opolitismo da imagem começou com o lançamento do filme "A Rainha", mostrando os bastidores do enterro da autoproclamada "princesa do povo", Diana de Gales.

Depois vieram "The Audience", peça levada em Londres e Nova York, que tratava dos encontros semanais entre a rainha e seu primeiro-ministro, e "O Discurso do Rei", filme sobre as desavenças do pai de Elizabeth, o rei George, que virou rei depois de seu irmão Edward abdicar do trono.

Aos poucos, a imagem da casa real britânica foi se tornando

mais palatável. A resistência ao anacronismo que a monarquia representa, celebrada na letra da música "God Save the Queen", do grupo punk Sex Pistols ("Deus salve a rainha, ela não é um ser humano"), deu lugar a um novo produto para o consumo de gerações menos contestadoras, uma rainha sa-

[...]

Cobri o casamento de William e Kate. O mundo quase veio abaixo quando ele surgiu. Ninguém —nem a rainha— foi mais ovacionado do que Harry

da de um catálogo Pantone em tons que trafegam entre a vivacidade do "amarelo Garibaldi da Vila Sésamo" e o "cor de rosa Barbie".

Elizabeth pulou (de brincadeira) de paraquedas nos braços de James Bond (na abertura dos Jogos Olímpicos de Londres) e virou ícone pop. Hoje, sua imagem e a de seus ciezinhos corajosos à disposição nas lojas de souvenirs.

O gol indiscutível dessa virada, urdido pelos alquimistas do marketing que atendem a conta do palácio de Buckingham, foi o seriado "The Crown", da Netflix.

É claro que o crédito ao príncipe Harry também é devido. Ele se tornou uma personagem tão perfeita para o papel que nenhum departamento de marketing poderia conceber.

Por menos disposição que se tenha para os "royals", não dá para ficar indiferente a Harry. O mundo o viu, aos 12 anos, caminhar bravamente atrás do cortejo fúnebre da mãe. Acompanhamos sua adolescência rebelde e o vimos

lutar no Afeganistão. Hoje se dedica às causas sociais e parece genuíno. E ainda por cima é simpático.

Cobri o casamento de William e Kate em meio à multidão, diante de um telão no Hyde Park de Londres. O mundo quase veio abaixo quando ele surgiu na tela. Ninguém —nem a rainha— foi mais ovacionado do que Harry.

O casamento da rainha Elizabeth e do príncipe Philip marcou o encerramento de uma era conturbada de duas guerras mundiais. O de Charles e Diana foi o último casamento real arranjado. Este, agora, entre o príncipe e sua princesa mestiza, parece simbolizar a entrada de uma era mais tolerante e inclusiva.

A julgar pela vocação dos noivos, a escolha de convidados e as causas selecionadas para receber as doações que virão no lugar dos presentes, é possível afirmar que o de Harry e Meghan foi um casamento do terceiro setor. Abram alas, sr. e sra. George Clooney, Harry e Meghan vêm aí!

Churrasco gourmet todo fim de semana.

Por que não?

st|marche
SUPERMERCADO

Meghan quebra tradição e adota diplomacia em vestido francês

ANÁLISE

Pedro Diniz

Não deveria ser um vestido comum, mas ninguém esperava que, em vez de rebuscamento, Meghan Markle adotaria no casamento com o príncipe Harry, neste sábado (19), a chamada "diplomacia fashion".

Houve quem questionasse a suposta quebra de tradição da realeza de vestir grifes inglesas em casamentos midiáticos. Mas a assinatura no longo Givenchy, evasê e cujo linha no colo deixa parte da clavícula à mostra, acena para o patriotismo britânico ao mesmo tempo que levanta as mes-

deiras feminista e globalista. Meghan deu um jeito de burlar o protocolo para falar de integração. A grife é francesa, mas sua estilista, Clare Wright Keller, é britânica.

Em um país dividido pelo Brexit, cujo efeito no longo prazo pode isolar o país do resto da Europa, a noiva lembra aos britânicos que eles também são imigrantes no continente, assim como a estilista da marca sediada em Paris.

A rainha, por sua vez, seguiu a tradição e emprestou a noiva uma tiara de diamantes que pertenceu à avó paterna, Maria de Teck (1867-1953). Apoiadora de campanhas em favor da igualdade de

gênero, a atriz americana subiu o tom da voz ao escolher uma estilista que, em 2017, virou a primeira mulher a ocupar o cargo máximo na tradicional casa de costura fundada por Hubert de Givenchy, morto em março deste ano.

Keller é, ao lado de Maria Grazia Chiuri, da Christian Dior, uma das raríssimas mulheres que alcançaram esse posto de sumidade da alta-costura em um território dominado por homens.

Engana-se quem acredita que ela tenha esquecido de homenagear o país de origem. O corte minimalista do vestido passaria por um típico traje de festa americano não fosse

se o enorme véu de tule ricamente bordado nas bordas.

Nada minimalistas foram os convidados. A primavera justificou o jardim colorido estampado nos looks da realeza, como Pippa, irmã de Kate Middleton, e a própria rainha. Assim como fez em seu casamento com William, em 2011, a duquesa de Cambridge homenageou o estilista Alexander McQueen (1969-2010) ao usar sua grife, agora com um vestido tubo "off-white" (branco envelhecido).

A cartilha dos casamentos diz que, para não ofuscar a noiva, não se deve trajar branco ou cor similar. Mas, no caso de Kate e Meghan, a estratégia do visual combinado parece clara: as duas plebeias de conto de fadas devem trilhar juntas na modernização da Coroa e, por questão de sobrevivência, manter intacto o fascínio dos súditos por ela.